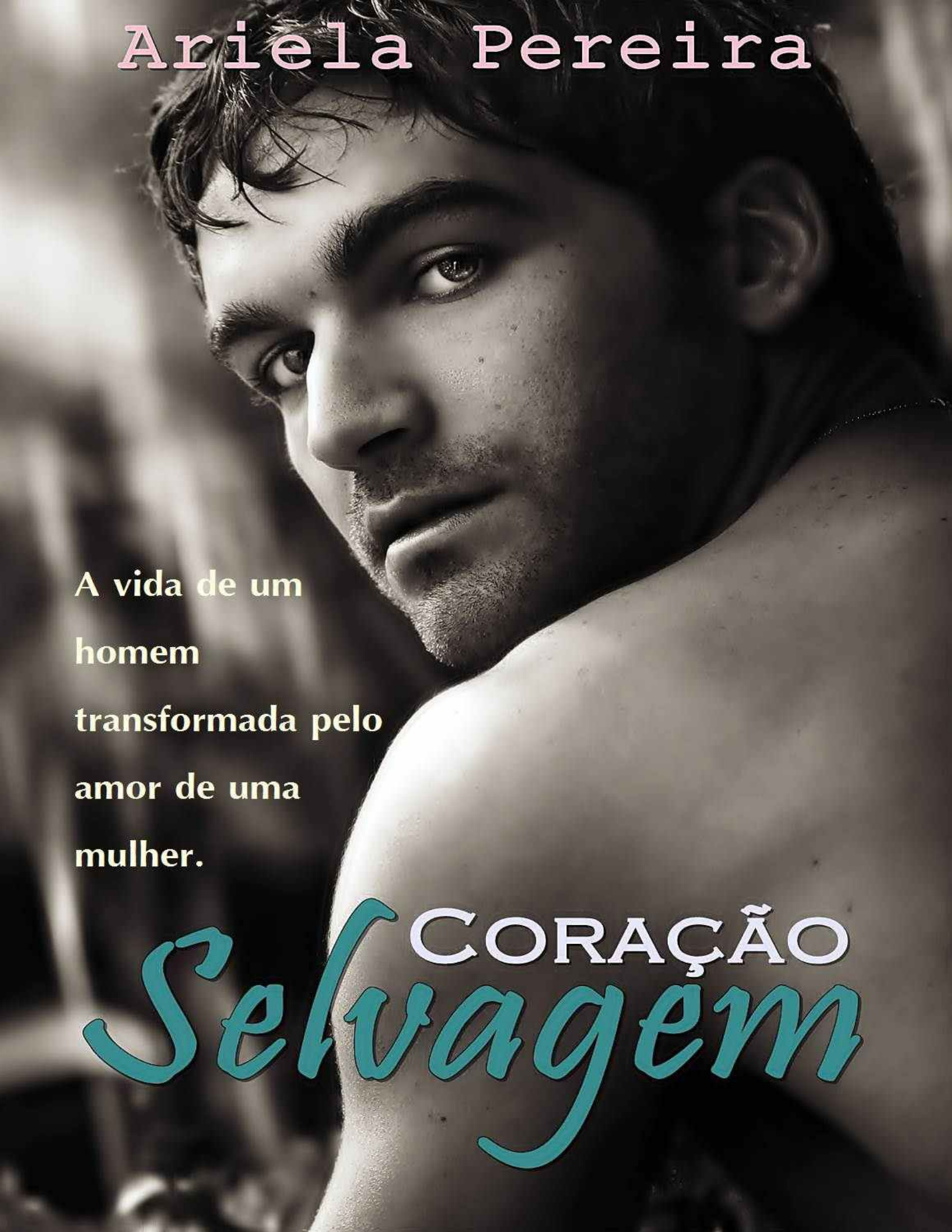




Ariëla Pereira

A vida de um
homem
transformada pelo
amor de uma
mulher.

CORAÇÃO
Selvagem



CORAÇÃO SELVAGEM

Ariela Pereira

Copyright© 2015 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n.º. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão: Valéria Avelar

1º Edição

2015

Índice

[AGRADECIMENTOS](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[EPÍLOGO](#)

[CAPÍTULO BÔNUS](#)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos índios Apinajés, da aldeia São José, por me receberem amistosamente em sua comunidade, durante a realização das minhas pesquisas.

CAPÍTULO I

Victor

Estou quase que completamente bêbado e ainda assim dirijo meu Audi conversível pelas movimentadas ruas do centro de Curitiba, em altíssima velocidade. O som do Scorpions, minha banda preferida, ecoando no volume máximo.

É noite, embora não saiba exatamente que horas são e as luzes da cidade parecem dançar diante de mim, à medida que aumento cada vez mais a velocidade, apreciando o vento bater no meu rosto, proporcionando-me uma inigualável sensação de liberdade e prazer. É isso o que mais me fascina: a velocidade e a selva de pedras que me rodeia.

Moro em Curitiba há cinco anos, desde que deixei a pacata Douradina no interior do estado para cursar a faculdade de medicina na cidade grande. No entanto, com o passar do tempo, o curso foi se tornando cada vez mais enfadonho, levando-me a desistir ainda no quarto período, quando então passei a me dedicar exclusivamente ao que realmente gosto: o automobilismo.

Há três anos venho representando, como piloto de Fórmula 1, uma pequena equipe de fabricantes de carros. Apesar de ainda não ter me tornado campeão, já participei de vários grandes prêmios pelo mundo inteiro, o que me garantiu dinheiro suficiente para comprar meu carro e meu apartamento. Sem falar nas viagens que faço por conta dos patrocinadores.

Apesar de esta profissão me oferecerá oportunidade de morar em qualquer lugar do planeta, recuso-me a deixar Curitiba. É uma cidade que amo, pela sua qualidade de vida, organização e principalmente pelas noitadas de farras que faço questão de frequentar, constantemente, sempre muito bem acompanhado pelas mulheres. Como não tenho muitos amigos, elas são minhas companhias frequentes.

É outra característica que aprecio na cidade grande: a facilidade que se tem em conseguir uma boa transa. Bastam algumas doses de uísque, uma ou duas horas de conversa e pode-se levar qualquer uma para a cama. Houve noites em que cheguei a possuir mais uma ao mesmo tempo. E apesar de amá-las, me canso rapidamente delas. Não consigo ficar com a mesma garota por mais de uma semana. Variar é uma necessidade que tenho.

Atualmente estou saindo com a esposa de um policial. Camila, uma loura peituda, boa de língua que costumo comer nos motéis da cidade. A adrenalina em saber que o marido dela pode nos flagrar a qualquer momento torna tudo mais excitante.

Esta noite Camila estava especialmente foga. Começou a chupar meu pau ainda no carro. No motel então foi uma loucura. Nem sei como tivemos tempo de encher a cara. Porém, nossos momentos foram interrompidos pela mensagem telefônica que recebi do meu irmão Apolo, avisando que chegará à cidade hoje e preciso estar em casa para recebê-lo.

Apolo e eu somos gêmeos idênticos por fora e completamente opostos interiormente. Desde a adolescência ele vem demonstrando um comportamento diferente. Era o maior nerd da escola e só não apanhava dos valentões por ser irmão do cara mais descolado do pedaço. Jamais o vi se interessar por uma garota e acredito que possa ser um gay não declarado. Todavia, o mais estranho aconteceu no final do Ensino Médio, há dez anos, quando ele optou por se formar em Teologia. Hoje vive como missionário, nos lugares mais recônditos do planeta a serviço da igreja na qual congrega. Atualmente está vivendo na Amazônia, realizando seu trabalho junto a uma tribo indígena recentemente descoberta. Não sei exatamente o que ele faz com essa gente. Tampouco sei o que o levou a fazer tais escolhas, que para ele é algo glorioso, mas que para mim não passa de um estilo de vida bizarro.

Jamais compreenderei o motivo das suas escolhas. Como alguém pode ser capaz de abrir mão do conforto, do prazer de viver rodeado por mulheres, pela tecnologia, em nome de um ideal?

Ainda ao som de Scorpions que ecoa alto no aparelho do carro, entro na rua que se estende em meio a uma seqüência de edifícios luxuosos em Ecoville, bairro onde moro. Entro na garagem do mais sofisticados deles, o carro cantando pneus pela freada brusca.

Com passos ligeiramente incertos, por causa do efeito do álcool ainda no meu organismo, deixo o automóvel, seguindo para meu apartamento no vigésimo andar. Chegando lá, fico sobressaltado ao encontrar a porta destrancada. Ainda assim me arrisco a entrar, sorrateiramente, espreitando cada canto onde supostamente possa estar escondido um assaltante. A luz acesa me dá a certeza de que alguém esteve ou está aqui, o que me leva a procurar pela minha coleção de quadros caros nas paredes, certificando-me, aliviado, de que estão aqui. Aliás, como todo o restante dos móveis, tudo está no lugar, nada parece ter sido tocado.

O que está acontecendo? Pergunto-me ainda apreensivo quando então uma mulher adentra a sala, vinda da direção onde ficam os quartos, usando um roupão sobre o corpo, secando a densa cabeleira castanha com uma toalha felpuda.

É a criatura mais linda sobre a qual já pousei meus olhos. Tem o rosto desenhado por traços delicados, com o nariz pequeno, a boca carnuda, a pele perfeita e rosada e um par de olhos azuis de tirar o fôlego. O roupão atoalhado revela, parcialmente, o que me parece ser um conjunto de curvas perfeitas do seu corpo.

— Você voltou depressa. — Ela fala, fitando-me com verdadeira devoção. Tem a voz mais meiga que já ouvi e que se torna ainda mais sedutora por causa do sotaque espanhol. — Que roupas são essas?

Não faço idéia de quem ela é, ou do que está falando, mas se está aqui e demonstra me conhecer, certamente deve ser alguém com quem já transei e se tem a chave do meu apartamento é porque foi muito bom. Portanto não vejo razão para que precisemos perder mais tempo. Quero fodê-la, aqui e agora, pois basta olhar para ela para que meu pau esteja duro a ponto de estourar dentro da calça.

Eu poderia colocar a culpa das minhas ações no efeito do álcool no meu organismo, mas ajo unicamente por impulso quando me aproximo rapidamente dela e a agarro pela cintura, puxando-a para mim, pressionando seu corpo frágil no meu, minha ereção de encontro ao seu ventre.

Ela parece surpresa com minha atitude. A princípio tenta resistir, mostrando-se tensa e hesitante,

mas logo amolece, contornando seus braços em torno do meu pescoço, esfregando seu corpo no meu, lascivamente, deixando-me ainda mais excitado.

— Que cheiro é esse? Você andou bebendo? — Mais uma vez ela parece espantada e mais uma vez não a compreendo.

Mas isso não importa, quero tê-la e o farei.

Então, cubro seus lábios com os meus, quando novamente ela demonstra hesitação, mantendo os lábios cerrados, o que dura pouco, pois logo os entreabre, dando-me permissão para infiltrar minha língua na sua boca, voluptuosamente.

É inexplicável o tesão que me invade, como uma corrente de eletricidade que passeia por todo o meu corpo. Já estive com todos os tipos de mulheres, mas jamais antes experimentei algo assim, simplesmente arrebatador.

Ela chupa minha língua com inexperiência e sofreguidão, o que torna tudo ainda mais intenso dentro de mim. De repente a sala se torna muito pequena para o turbilhão de sensações que me domina, que me impulsiona a querer possuí-la com uma necessidade urgente, como se minha existência dependesse disso.

Não sou mais o homem seguro e dono da situação que costumo ser com as mulheres. Estou surpreendentemente entregue a tudo o que esta estranha é capaz de me despertar. É difícil acreditar, mas minhas mãos estão trêmulas quando desamarro o cinto do seu roupão e o tiro pelos ombros, deixando-o cair aos seus pés. Afasto-me alguns centímetros, apenas o suficiente para contemplar seu corpo nu, perfeito como eu deduzi que seria. Têm os seios pequenos e firmes, a cintura bem desenhada, os quadris redondos, o sexo ligeiramente peludo, como há muito eu não via em uma mulher.

Percebo que ela compartilha da mesma corrente de eletricidade que me invade, pois têm os lábios trêmulos. Os olhos azuis arregalados refletem um misto de fervor, adoração e perplexidade.

— Querido, o que estamos fazendo. Pensei que esperaríamos até o casamento.

Mais uma vez não faço ideia do que ela está falando e dou pouca importância a isso. O que são palavras diante de tudo o que estou sentindo agora?

Seguindo meus instintos mais primitivos, abocanho seu seio direito, massageando o mamilo rosado com a ponta da minha língua, ao mesmo tempo em que minha mão vai para o meio das suas pernas, meus dedos se infiltrando entre os grandes lábios da sua boceta carnuda, encontrando sua deliciosa umidade antes de passar a massagear seu clitóris inchado. Sou recompensado por um gemido que parece partir do fundo da alma dela.

Com a outra mão, percorro cada centímetro da sua pele macia, explorando, deliciado, suas curvas bem desenhadas, descobrindo sua mais secreta intimidade.

Dominado pela luxúria, levo minha boca ao seu outro seio, chupando-o duro, sentindo o mamilo intumescer de encontro ao meu contato, enquanto sua boceta se torna cada vez mais molhada, seus líquidos lambuzando meus dedos, deliciosamente.

— Ah, que delícia. Vou foder com você de todas as formas imagináveis e possíveis. — Sussurro, minha voz entrecortada pela respiração pesada.

— Por Deus! Você não é o Apolo! — Ela exclama, atônita, à medida que todo o seu corpo enrijece de encontro a mim, para que em seguida ela se esquive ao meu contato, tentando afastar-se, embora eu me recuse a soltá-la, minha mão segurando-a firme no lugar. — Me solta Victor, sou noiva do seu irmão!

Lentamente, processo suas palavras, chegando a uma compreensão que me faz afastar-me.

— O que você disse? — Pergunto, ainda incrédulo, o gosto dela na minha boca, unido à embriaguez, interferindo no meu raciocínio.

— Sou noiva de Apolo. Chegamos agora a pouco de viagem. — O rosto dela está vermelho como um pimentão, seus olhos horrorizados. Pega o roupão do chão e cobre seu corpo nu. — Como você não atendeu a campainha, fomos entrando.

Mas é claro, Apolo me enviou uma mensagem avisando que chegaria hoje, ele é o único que tem a chave do meu apartamento. Como não pensei nisso antes? Mas como eu poderia cogitar que o cara que eu passei a vida inteira acreditando ser gay, teria uma noiva tão bonita?

— Onde ele está? — Pergunto.

— Foi comprar comida. Não tivemos tempo de passar num restaurante e não há nada aqui pra comer.

Puta merda! Como fui agarrar a noiva do meu único irmão? A ficha começa a cair e um sentimento de culpa me arrebatava.

— Por que ele não pediu alguma coisa pelo telefone?

— Eu não sei. — Ela parece desesperada, encolhendo-se cada vez mais dentro do roupão, seu rosto ainda muito vermelho. — Por favor, não diga a ele o que aconteceu aqui. Eu não acredito que confundi vocês dois.

— Relaxa. Não vou falar nada. E é normal você ter confundido nós dois. Somos completamente iguais. — Ela parece mais tensa a cada palavra minha. — Quer sentar-se? Beber alguma coisa?

— Eu não bebo álcool. Sou evangélica.

— Você pode beber um suco, ou um copo de leite. Sei lá.

— Não, não posso. Na sua geladeira não há nada além de cerveja.

O tom de repreensão na sua voz é bastante sutil, mas está lá, me julgando, como se minhas escolhas fossem erradas e as dela as certas, da forma como Apolo fez inúmeras vezes.

— Então faça o que quiser. — A irritação toma conta de mim.

— Vou vestir uma roupa. — Ela gira nos calcanhares, indo para o quarto, visivelmente desconcertada.

Ainda fico tentando entender o que acabou de acontecer comigo. Como fui capaz de perder o controle de forma tão ridícula, a ponto de agarrar uma mulher sem ao menos saber quem ela era? Agi como um animal com abstinência sexual. Dirijo-me ao bar, no canto da sala, e sirvo-me de uma dose de uísque puro, ingerindo um grande gole da bebida.

Sento-me no sofá marrom ao centro do cômodo, fecho os olhos e tento relaxar, mas não consigo, pois o gosto dos lábios dela ainda está em mim. Ainda posso sentir o calor gostoso da sua intimidade úmida de encontro aos meus dedos, perturbando-me. Relembro suas palavras ao afirmar que Apolo pretende esperar até depois do casamento e isso me leva a deduzir que ainda é virgem, o que torna mais grave o que fiz. Apesar do que não me sinto arrependido. A única coisa de que lamento, é de não ter ido até o final.

Esvazio o uísque do meu copo no instante em que a porta se abre e Apolo entra, carregando algumas sacolas.

Olhar para ele é como fitar meu próprio reflexo no espelho. Temos exatamente a mesma estatura e porte físico, com ombros largos e quadris estreitos. A mesma pele clara, os olhos cor de mel e os cabelos curtos e escuros. Não nos diferimos apenas na personalidade, mas também na forma de se vestir. Enquanto ele usa roupas sociais, antiquadas e baratas eu me visto com roupas sofisticadas e esportivas.

Vamos um até ao outro e nos abraçamos apertado.

— É bom te ver, cara. — Falo, emocionado, constatando que senti falta dele mais do que deduzi.

Além de ser meu irmão, Apolo é também meu único amigo de verdade. Com quem sempre dividi todos os acontecimentos da minha vida até que o destino nos separou.

— Senti sua falta meu irmão. — Ele diz.

Nos afastamos para nos observarmos de perto. Quando nos certificamos de que o outro está bem voltamos a nos abraçar, antes de nos afastarmos para ocupar os sofás, um diante um do outro.

— Desta vez você demorou mais para vir. Pensei que os índios tinham te devorado.

Ele sorri.

— Não é isso. Aquela gente precisa muito de mim. Não posso me afastar mais do que um ou dois dias.

— Que papo é esse de dois dias? Acabou de chegar e já quer se mandar de novo?

— Infelizmente tem que ser assim. Amanhã vamos à Douradina ver nossos pais e de lá já seguimos para o aeroporto.

Magoa-me saber que ele prioriza seu trabalho em detrimento do convívio conosco. Mas essa é uma discussão que já se tornou defasada. Não quero perder o pouco tempo que temos juntos falando sobre o assunto.

— Então. Como está a vida em meio aos índios?

— Boa. Sinto que estou fazendo minha parte pelos menos favorecidos.

Como? Desvanecendo a cultura deles e enfiando-lhes outra garganta a abaixo?

— Cara, você sabe que nunca vou te entender. Mas se está feliz, também fico feliz.

— E a sua vida. Como está?

— Como sempre. Muitas viagens, velocidade, adrenalina e mulheres.

Ele me encara com expressão de piedade, como se eu fosse o sofredor e não ele.

— E a mulher da sua vida, já apareceu?

Neste momento a noiva dele entra na sala, com uma aparência bastante diferente. Usa um vestido bege cujo decote vai até o pescoço, tem mangas compridas e a saia abaixo dos joelhos. Parece uma das roupas usadas por minha mãe. Seus cabelos estão presos num coque comportado na nuca e se não tivesse conhecido o fogo que há dentro dela, pela sua aparência, julgaria que é a mais frígida das mulheres.

Cada fibra do meu corpo se torna consciente da presença dela e vê-la olhar para Apolo com a mesma devoção com que me encarou quando acreditou que eu era ele, me afeta muito mais do que eu gostaria ou sequer consiga compreender.

— Conseguiu encontrar comida? Estou faminta. — Ela fala, com sua voz meiga e seu sedutor sotaque espanhol, sem desviar seu olhar de Apolo.

Ele gesticula para as sacolas esquecidas ao lado no sofá e diz:

— Não encontrei nenhum restaurante aberto. Trouxe sanduíches e refrigerante.

— Isso está ótimo. — Ela fala.

O que há de errado com meu irmão? Por uma mulher como ela eu teria ido até a China comprar comida chinesa.

— Já conheceu meu irmão Victor?

Ela desloca seu olhar para mim, sua face linda enrubescendo.

— Sim. O vi quando chegou. — Fala, timidamente.

— Victor essa é Anita, a mulher da minha vida. — Apolo fala. Seus olhos brilhando como eu jamais vi antes. — Ela também é missionária. Veio da Argentina direto para a Amazônia.

— É um prazer te conhecer Anita. — Falo, tomado por um inevitável lampejo de inveja dele.

— Ouvi falar muito de você Victor. — Ela diz visivelmente embaraçada. — Bom, vamos comer antes que esfrie. Vou arranjar alguns copos.

Ela deixa a sala, retornando minutos depois com copos e pratos nas mãos. Senta-se ao lado de Apolo e o serve dos sanduíches antes de servir a si mesma.

Observo a cena perplexo pelo fato de ainda existirem mulheres assim, submissas ao homem

como antigamente.

Após a refeição conversamos um pouco mais e nos preparamos para dormir. Mais uma vez esta noite fico boquiaberto, agora ao ver Apolo se aconchegar no sofá da sala, decidido a passar a noite ali, para que Anita possa ocupar o quarto de hóspedes.

— Dorme comigo cara. Minha cama é grande. — Convido.

— Imagina se vou te incomodar. Aqui está ótimo. Aliás, você ficaria espantado com os lugares onde já dormi.

— Você é quem sabe. Pelo menos vou te trazer alguns lençóis.

Vejo Anita inclinando-se para plantar-lhe um beijo quase casto nos lábios de Apolo, antes de seguir para o corredor que dá acesso aos quartos, ao mesmo tempo em que eu, quando então, por uma fração de segundos, meu braço roça no dela e é o suficiente para que uma descarga de energia puramente sexual percorra todo o meu corpo, me deixando de pau duro.

Sozinho em meu quarto rolo de um lado para o outro da cama e não consigo pegar no sono. Todo o meu corpo consciente da presença de Anita no quarto ao lado. Basta que eu atravessasse a porta e dê alguns passos para estar com ela, fodê-la das formas mais depravadas possíveis. Ensiná-la algumas coisinhas que ela aparentemente desconhece sobre homens e mulheres. Com todo aquele fogo, dificilmente ela resistiria.

Mas não posso fazer isso. Ela é a mulher do cara que eu mais amo nessa vida, a única que não posso possuir.

Ironicamente, a mulher que mais desejo é a que menos está ao meu alcance.

CAPÍTULO 2

Victor

É dia quando desperto. O sol invade o quarto pelas vidraças da janela, enviando seus raios escaldantes para o interior do aposento.

Levanto-me ainda meio zozzo, com o gosto amargo da ressaca na boca. Com um apetite enorme, peculiar às manhãs posteriores à noite de bebedeira. Dirijo-me diretamente para a cozinha, em busca de algum alimento. Ao alcançar o pequeno corredor, sinto cheiro de café fresco partindo daquela direção e só então me recordo de que Apolo está aqui e do que aconteceu entre mim e a noivinha gostosa dele durante a noite. Caralho! Só de lembrar já estou de pau duro. Aquela mulher é um verdadeiro furacão e nem ela mesma sabe disso.

Chegando lá, deparo-me com Anita preparando o café no fogão, usando o mesmo vestido bege da noite anterior. Os cabelos comportadamente presos.

Ela detém-se na sua tarefa para examinar-me dos pés à cabeça com olhos estupefatos, sua face enrubescendo. Só então me dou conta de que uso apenas uma cueca e tenho quase certeza de que ela nunca viu um homem vestido assim antes. Pelo menos não pessoalmente.

— Onde está Apolo? — Pergunto.

— Foi comprar pão. — Ela retorna para sua tarefa, desconcertada.

— Por que ele não pede as coisas pelo telefone?

— Quando se vive durante muito tempo na selva, perde-se o hábito de usar o telefone e adquire-se aquele de ir em busca do próprio alimento. — Seu tom é ligeiramente ríspido.

— Então quer dizer que vocês caçam e pescam a própria comida na Amazônia?

— Não precisamos, pois temos pessoas com mais experiência para isso.

Percebo que ela evita a todo custo olhar na minha direção e simplesmente não resisto à tentação de provocá-la. Tranquilamente sento-me à mesa de mármore ao centro do pequeno cômodo, tão próximo que dificilmente ela deixará de me ver ao fazer qualquer movimento.

— E quem cozinha? Você?

Lembro-me da forma submissa como ela serviu Apolo na noite anterior e posso imaginar como deve ser a convivência dos dois: ele se comportando como o noivo machista, autoritário, tratando-a como se fosse inferior, pois este é o conceito que os homens machistas têm das mulheres e, além de tudo, negando-lhe sexo, que é o que há de melhor na vida.

Se eu a tivesse conhecido primeiro, sua virgindade teria ido para o espaço ainda no primeiro encontro.

— Sim. Eu gosto de cozinhar para o Apolo. — Como eu esperava, ela lança outro olhar para mim, examinando rapidamente meu peito nu. — Seria muito te pedir para colocar uma roupa?

— Por que você pediria isso. Estou te perturbando?

— Não é decente ficar perto de você assim. Sou uma mulher religiosa e comprometida.

— Você não me parecia tão puritana ontem quando...

Ela vira-se para mim, fitando-me fixamente com um olhar fulminante, interrompendo-me ao dizer:

— Não mencione o que aconteceu ontem. Aliás, esqueça que aconteceu. Se eu soubesse que era você jamais teria te deixado me tocar, pois amo o seu irmão de verdade e não faria isso com ele.

Há um misto de hostilidade e desprezo no tom da sua voz, o que desperta a raiva dentro de mim. Raiva dela, por pertencer a outro homem e de mim mesmo por ser incapaz de deixar de desejá-la, por tê-la conhecido tarde demais.

Lentamente, levanto-me, colocando-me diante dela, tão próximo que posso sentir o cheiro perturbador do seu perfume delicado.

— Se você o amasse tanto quanto diz, não teria me confundido com ele ontem. Se ele não fosse meu irmão eu ia te mostrar até onde posso chegar quando coloco minhas mãos numa mulher e, acredite você ia gostar disso tanto quanto eu.

Ela permanece ali paralisada diante de mim, sua face muito vermelha, seus olhos azuis faiscando num misto de raiva e confusão.

Afasto-me antes que perca o controle de vez e a tome em meus braços novamente, sem que desta vez seja capaz de parar, quando de repente estampidos de tiros partem da direção da rua, de muito próximo.

Corremos ao mesmo tempo para a janela, de onde podemos avistar o corpo de um homem caído no chão, de bruços, bem diante da entrada do prédio, embora seja impossível identificar de quem se trata por causa da longa distância.

— Apolo! — Anita grita, histericamente, seu rosto lindo se contorcendo de angústia. Tenta deixar a cozinha correndo, mas a seguro a tempo, impedindo-a. — É Apolo quem está lá embaixo! — Ela torna a gritar, tentando libertar-se das minhas mãos, as lágrimas banhando seu rosto.

— Fica calma. Não dá para saber se é ele. Está muito longe. Fica aqui e me espera. Vou colocar uma roupa e descemos juntos, ok?

— Ok.

Deixo-a e corro para meu quarto. Visto a primeira roupa que minhas mãos alcançam no closet, provavelmente mais um jeans e camiseta. Calço as sandálias de couro encontradas ao pé da cama e

volto para a cozinha correndo, constatado que Anita não está mais aqui.

Fazendo uso de toda a agilidade do meu corpo, corro para fora do apartamento e chamo o elevador, este demora e decido descer pela escada, alcançando a rua minutos depois.

Ao chegar lá, há uma pequena multidão se formando diante da entrada do prédio, entre a qual está Apolo caído de bruços no chão, sobre uma pequena poça do sangue que jorra do seu corpo. Anita está ajoelhada ao seu lado, em prantos.

Tomado por uma dor insuportável, comparada a de mil facas perfurando meu corpo, quero fazer o mesmo que ela, me ajoelhar ao lado do meu irmão e chorar, mas preciso ser forte, manter-me calmo e entender o que aconteceu.

Para começar, forço-me a pensar racionalmente e agacho-me ao lado dele, checando seu pulso, descobrindo, aliviado, que os batimentos estão lá.

— Ele está vivo! Alguém chama uma ambulância! — Grito.

— Já chamei seu Victor. — Alguém fala de perto. Olho naquela direção e vejo Juvenal, o porteiro do prédio.

— O que aconteceu aqui Juvenal? Foi tentativa de assalto?

— Parece que não. Estão dizendo que um cara parou o carro perto dele, saiu, atirou e foi embora.

Quem faria isso? Que monstro atiraria numa pessoa pura como Apolo? Duvido que ele tenha algum inimigo.

Logo, várias viaturas da polícia estacionam aos arredores, os policiais uniformizados afastando os curiosos, formando uma barreira entre eles e Apolo.

Tentam afastar a mim e Anita, mas nos identificamos e nos deixam ficar até que a ambulância chega e os enfermeiros o colocam cuidadosamente sobre uma maca, carregando-o para dentro do veículo.

Eu e Anita tentamos entrar atrás.

— Apenas uma pessoa pode nos acompanhar. — Diz um dos profissionais.

Anita encara-me com olhos de súplica, seu está rosto banhado de lágrimas e me compadeço da sua dor.

— Pode ir. Eu sigo vocês no meu carro. — Declaro, observando-a subir na ambulância.

Quando tento dirigir-me para a garagem onde está meu Audi, sou abordado por um dos policiais uniformizados.

— O senhor é irmão da vítima? — Ele pergunta.

— Sou sim. Somos gêmeos.

— Gêmeos...Certo. Preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Olha eu realmente gostaria de ajudar, mas agora não dá, preciso ir ao hospital ficar perto do meu irmão.

— É só um minutinho, não vai demorar nada. — Ele prossegue sem aguardar resposta. — Você sabe se seu irmão tem algum envolvimento com uma mulher chamada Camila Alvarenga?

Analiso as palavras dele e subitamente sinto o sangue fugir da minha face, o chão parece se abrir aos meus pés. Não é necessário que ele diga mais nada para que eu entenda o que está se passando. Apolo foi baleado pelo marido de Camila, que certamente acreditou estar atirando em mim. Por minha culpa, meu irmão levou um tiro. Por causa da minha libido desenfreada. Se ele morrer jamais me perdoarei.

— Eu tenho. Por quê? — Pergunto, apenas para confirmar o que já sei.

— Uma testemunha anotou a placa do carro do atirador e conseguimos prendê-lo agora há pouco. Trata-se de um policial civil. Está completamente bêbado e confessou ter atirado no amante da mulher dele. Agora sabemos que aquela bala era para o senhor.

Ele não precisava ter falado isso, minha consciência já está pesada o suficiente.

— Já posso ir ou tem mais alguma pergunta?

— Por enquanto pode. Mas preciso que vá à delegacia amanhã prestar depoimento.

Não concordo com isso, mas não tenho tempo de ficar aqui discutindo com ele, preciso saber como Apolo está.

Assim, dirijo-me para a garagem do edifício, pego meu carro e sigo para o hospital mais próximo, para onde provavelmente o levaram.

Chegando lá, identifico-me e a recepcionista usa o interfone para colher informações, esclarecendo-me, em seguida, que Apolo está na sala de cirurgia, em estado crítico. Sou encaminhado para uma sala de espera repleta de pessoas, entre elas Anita. Ela está sentada numa cadeira de ferro desconfortável em um canto, com o olhar fixo no vazio à sua frente, a angústia estampada em cada um dos seus traços lindos. Tem os olhos inchados pelo pranto recente, embora não chore mais.

Preciso me preparar para suportar o ódio que ela sentirá por mim quando souber que sou culpado pelo que aconteceu a Apolo. Sem falar nos meus pais, que jamais me perdoarão.

Desde que nascemos eles sabem quem é o melhor entre mim e Apolo e não posso discordar deles. Não tenho metade das qualidades que meu irmão tem. Apesar de eu julgar estranho seu comportamento, ele sempre se mostrou uma pessoa íntegra, verdadeira, honesta e calma. Quanto a mim, aos quatorze anos, já bebia, participava de corridas de racha e desvirginava as meninas da escola.

Aproximo-me de Anita hesitantemente, sentando-me na cadeira ao seu lado. Ela lança um olhar rápido para mim e volta a fitar o infinito, indiferente à minha presença, como se eu fosse apenas mais um estranho naquela sala enorme.

Ser ignorado por uma mulher, principalmente por uma que já esteve em meus braços, é algo novo

para mim e já não sei como agir.

— Não fique tão triste. O Apolo é forte, vai sair dessa. — Tento animá-la com palavras nas quais estou me esforçando para acreditar.

— Como pode me pedir para não ficar triste? — Ela fala, com a voz trêmula, sem virar-se para me encarar. — Apolo é a minha vida. Antes de conhecê-lo eu sequer me sentia um ser existente. Se o perder minha vida acaba.

Não entendo como um ser humano pode se tornar tão dependente de outro. Não acredito nesse tipo de amor, por alguém que sequer tem seu sangue nas veias, apesar de já ter visto muitas pessoas cometerem os maiores absurdos por causa desse sentimento, que considero, no mínimo, escravizador.

— Você não vai perdê-lo. Você não acredita que Deus é capaz de tudo? Então peça a Ele para cuidar de Apolo.

Finalmente ela vira seu rosto para mim, fitando-me com olhos perplexos.

— Como você pode mencionar o nome de Deus com tamanho desvanecimento? É como se não acreditasse na sua existência.

E realmente não acredito. Acho a vida injusta demais, para que tenha alguém, que dizem ser tão bom, no comando de tudo. Mas não vou dizer isso a ela e deixá-la ainda mais avessa a mim.

— Olha... — Escolho cautelosamente as palavras. — Eu não sei como mencionar. Não faço parte da religião de vocês. Estava ocupado demais vivendo minha adolescência para aprender tudo o que Apolo aprendeu.

Ela respira fundo e sua fisionomia se abrandava, seu rosto relaxando, se tornando quase angelical.

— Você já sabe quem atirou nele?

Putá merda! O que vou dizer agora? Se falar a verdade ela me odiará. Sei que é inevitável, logo ela saberá, mas pretendo adiar esse momento o quanto for possível.

— Não sei. — É minha breve resposta.

— Já avisou seus pais?

— Ainda não. Estou adiando isso, pois sei o quanto eles vão sofrer. Vou avisar depois que falar com o médico e souber qual o estado dele.

— Você não acha que é injusto que seus pais não saibam que ele está numa mesa de cirurgia agora?

Todas as verdades do universo parecem contidas em suas palavras. Não sei se foi à forma como as pronunciou, mas, inacreditavelmente, me fizeram mudar de idéia e enxergar o quanto estou errado em ainda não ter ligado para meus pais.

— Você está certa. Acho que vou ligar agora.

Como saí de casa com pressa, deixei meu celular para trás, então preciso me encaminhar até a

recepção para dar o telefonema. Disco o número da casa dos meus pais, hesitantemente, e sou atendido por Helena, minha mãe, logo no segundo toque.

— Mãe sou eu, Victor.

— *Ah meu filho, como é bom ouvir sua voz. Quanto tempo isso não acontecia. Como você está?*

— Bem... — Hesito antes de continuar. — Mãe preciso te contar uma coisa, mas você tem que me prometer que ficará calma.

Segue-se um longo momento de silêncio do outro lado da linha antes que ela fale. Desta vez com a voz alarmada.

— *Fale logo. Aconteceu alguma coisa com você?*

— Comigo não, com Apolo. Ele...

— *Por Deus! O que houve com meu filho?* — Agora sim, ela está apavorada.

— Ele levou um tiro. Está na sala de cirurgia. Ainda não sabemos em que estado.

Ela grita, se desespera, deixa o telefone cair no chão, (sei disso porque posso ouvir a queda) e por fim declara:

— *Eu e seu pai estamos indo pra Curitiba. Em que hospital ele está?*

Dou-lhe o endereço do hospital e desligo. A reação que todos terão quando souberem que aquele tiro era para mim, perturbando-me a mente. Se não me importasse tanto com meu irmão, sairia da cidade.

Volto para a sala de espera e sento-me ao lado de Anita, que permanece cabisbaixa, sem jamais me dirigir o olhar.

CAPÍTULO III

Anita

As horas se arrastam com uma lentidão tortuosa. Naquela imensa sala de espera abarrotada de pessoas estranhas. Tento ter fé, acreditar que Apolo ficará bem, mas a dor insuportável se recusa a me abandonar, me dilacerando por dentro.

Vê-lo caído naquela calçada, ensangüentado, ferido, me fez sangrar por dentro, de uma forma insuportável, como jamais me senti antes. Se pudesse, teria trocado de lugar com ele, apenas para não vê-lo sofrer, afinal ele não merece nada do que está acontecendo, é a pessoa mais integra e pura que já conheci. Completamente diferente daqueles que me rodearam durante toda a minha infância e adolescência.

Em Apolo eu encontrei o apoio que precisava quando estava quase desistindo de lutar por ter uma vida diferente daquela oferecida por minha família. Por minha mãe, a maior prostituta de Buenos Aires. Aquela que era conhecida por toda a sociedade, como a mulher que conseguiu construir uma verdadeira fortuna, indo para a cama com os homens mais ricos da cidade, entre eles, políticos, empresários e celebridades.

Apesar de bastante conhecida por todos, ela não era julgada e condenada como as prostitutas comuns, pois era rica e querida por seus clientes. Homens de negócios poderosos.

Eu e meus dois irmãos, Pablo e Ruan, somos efeitos colaterais da sua profissão. Filhos bastardos de supostos milionários desconhecidos que sempre ignoraram nossa existência. Na verdade ela sempre nos escondeu a identidade deles, talvez para evitar que os procurássemos, ou por não saber quem realmente é. Hipótese na qual acho mais plausível acreditar.

Aos meus doze anos de idade, comecei a ser preparada para substituí-la quando se tornasse velha demais para o ofício. Como era precoce, adquirindo corpo de mulher ainda aos doze, fui ensinada a me vestir e me maquiar de forma sensual, para não dizer vulgar. A lançar olhares sedutores a qualquer um que usasse calças, de preferência calças caras. Podia ser velho, jovem, barrigudo ou atlético. O importante era ter todos eles aos meus pés. E por um tempo os tive, teria sido próspera se assumisse a carreira. Porém, o que minha mãe não percebeu, foi que concomitante aos aprendizados que me inculcava, aprendi também a odiar tudo aquilo. Os homens, a perversão, a forma de encarar o sexo como um instrumento financeiro. Tudo me dava nojo.

Não sei de onde partiu o ódio que sentia por tudo aquilo, se fui criada em meio a esse mundo, sendo forçada a acreditar que tudo era normal, que essa era minha realidade.

Quando completei quinze anos, minha mãe organizou uma grande recepção, reunindo os homens mais ricos de Buenos Aires e das cidades vizinhas, durante a qual minha virgindade seria leiloada

por uma quantia exorbitante.

Eu era considerada um verdadeiro tesouro pelos participantes do leilão. Todos queriam uma garota virgem, com a aparência de uma adolescente, mas com a experiência de uma mulher. Pelo menos na teoria, eu era experiente. Sabia o que fazer e como fazer. Minha mãe me explicou tudo o que era capaz de deixar um homem louco na cama e aprendi bem minha lição.

Faltava pouco mais de uma hora para o início do leilão e eu estava simplesmente em pânico. Imaginar que em poucas horas eu estaria com um homem qualquer, um velho barrigudo talvez, sendo possuída, forçada a fazer todas as coisas sujas que eu sabia que faria me deixava angustiada.

Então, seguindo a impulso, simplesmente fugi. Ainda usando meu vestidinho curto e vulgar, uma maquiagem escura, com os quais seria apresentada aos homens. Saí escondida pelos fundos do clube onde estava sendo realizada a recepção, quase congelando na rua coberta pela neve, não sabia para onde ir. Apesar de ter crescido em Buenos Aires, fui preservada da agitação da cidade para não correr o risco de me apaixonar por algum pobretão e entregar a ele o que minha mãe considerava ser meu bem mais valioso. Saía de casa apenas para ir à escola.

Vaguei pelas ruas durante muitas horas. Estava quase morrendo de hipotermia, quando me deparei com um grupo de evangélicos que distribuíam comida para os mendigos. No mesmo instante fui socorrida por eles, que me levaram a um hospital e me prestaram toda a assistência necessária até minha recuperação.

Quando contei a eles minha história, Tereza, a pessoa mais religiosa, bondosa e generosa que já conheci, me levou para a casa dela e, a partir de então, me dirigiu um novo aprendizado. Aquele que me levou aos caminhos do Senhor. Aquele que sigo até hoje.

Ter encontrado aquele grupo de evangélicos, foi à melhor coisa que já me aconteceu, pois me salvou de todas as formas que uma pessoa pode ser salva.

Nunca mais procurei por minha família de sangue. Deixei de freqüentar todos os lugares nos quais eu sabia que eles me procurariam. Vivi na casa de Tereza até meus dezenove anos, quando findei o curso de Teologia e passei a vagar pelo mundo como missionária, ajudando aos menos favorecidos. Aqueles esquecidos pelos homens, mas lembrados por Deus.

Estava sozinha nessa jornada há três anos quando conheci Apolo na Amazônia e passamos a caminhar juntos, rumo ao mesmo ideal. Os dois anos ao lado dele, têm sido os mais felizes da minha vida. Não existem muitas pessoas como ele no mundo, que mesmo conhecendo meu passado, me respeita a ponto de ter me aceitado como sua futura esposa. Com quem dividirá o resto da sua vida. Ao seu lado esqueci quem eu quase me tornei um dia. Todos os traumas foram apagados e me tornei um novo ser humano.

Todavia, a vida não é feita apenas de coisas boas. Eu sabia que um dia o destino me testaria, colocando-me cara a cara com meu passado e sei que não passei no teste. Durante todo esse tempo me guardei para o homem que se tornará meu marido. Fiquei exultante quando Apolo deixou claras suas intenções de me possuir apenas depois do casamento, porém, na primeira vez em que fui tocada intimamente por um homem, todos os meus planos caíram por terra. Se eu não tivesse descoberto a tempo que não estava nos braços de Apolo e sim nos de Victor, ontem à noite, teria transando com

ele, sem pensar duas vezes. Simplesmente deixei meus instintos me dominarem, me fazendo esquecer todos os meus princípios. Nos braços daquele homem me senti perdida, abandonada pela razão, entregue às sensações de luxúria, as mesmas que certamente transformaram minha mãe numa vadia. E o pior nisso tudo é que eu gostei. Gostei tanto que agora sequer posso olhar para ele sem desejar que me tome nos seus braços novamente, que me beije daquela forma devassa, como Apolo jamais me beijou e que me faça sua. Sem que nada mais importe.

Aqui nesta sala de espera abarrotada de pessoas, mesmo ciente de que o homem que eu amo pode estar entre a vida e a morte, não consigo olhar para Victor sem me lembrar do que aconteceu. Das suas mãos passeando pelo meu corpo nu, sua boca chupando meus seios lascivamente, e o quanto excitada eu fiquei, a ponto de perder completamente o juízo. Isso só prova que não sou tão diferente da minha mãe quanto gostaria. Ser uma vadia está no meu sangue, embora não mais permitirei que isso venha à tona.

— Aceita um café? — A voz máscula de Victor desperta-me dos pensamentos. É a única característica física que o difere de Apolo, a voz.

E embora sejam idênticos por fora, internamente são opostos. Sei disso porque Apolo me falou muito sobre ele, sobre o quanto é mulherengo, instável e irresponsável. Abandonou a faculdade por uma profissão pouco promissora e jamais teve um relacionamento sério com uma mulher, optando por possuir várias ao mesmo tempo. E agora posso compreender porque ele tem essa facilidade em conquistar as pessoas do sexo oposto.

Apesar dos seus defeitos, Apolo o ama verdadeiramente.

— Aceito sim. Obrigada. — Respondo, evitando olhar para ele, o demônio que por pouco não me fez desviar do meu caminho.

Ele dirige-se para fora da sala, sua forma de caminhar é tão diferente da de Apolo que não consigo compreender como fui capaz de confundi-lo com o meu amor. Só pode ter sido obra do inimigo. Graças a Deus em breve não precisarei mais vê-lo.

No instante em que ele retorna, carregando dois copinhos descartáveis com o café fumegante, um médico entra na sala, dizendo:

— Quem é o responsável por Apolo Vieira?

Levanto-me depressa e em uníssono com Victor respondo:

— Sou eu.

— Somos nós. — Victor explica visivelmente ansioso para ouvir o que o outro homem tem a dizer. — Como ele está?

— Estável. Reagiu muito bem à cirurgia e agora está sedado. Ele vai viver, mas a bala atingiu sua coluna vertebral, ainda não é possível saber quais serão os danos.

Processo suas palavras e sinto o sangue fugir da minha face, meu corpo fica ligeiramente trêmulo. Pelo que entendi Apolo pode ter seqüelas graves, ficar paralítico ou algo assim.

— Quando o senhor diz danos, está falando de paralisia? — Victor faz a pergunta que está na minha mente.

— Sim. Em alguns casos isso pode ser tratado com fisioterapia, em outros é irreversível. Só saberemos qual será o caso do paciente quando ele acordar. — Ele examina o relógio no seu pulso antes de completar. — Preciso ir. Se tudo correr bem amanhã ele já poderá receber visitas.

Eu devia estar feliz porque Apolo viverá, mas imaginá-lo preso a uma cadeira de rodas, é simplesmente deprimente. Uma pessoa tão cheia de energia, apaixonado pela vida, por suas causas. Sem que eu possa controlar as lágrimas voltam a brotar dos meus olhos.

Instintivamente, dirijo meu olhar para o rosto de Victor e me deparo com um par de olhos cor de mel, brilhantes, fixos no meu rosto. Tão familiares e ao mesmo tempo tão desconhecidos, refletindo a mesma angustia que me assola.

Sem que eu espere, ele vem até mim e me estreita em seus braços, reconfortantemente. A princípio tento me afastar, pois sei que preciso evitá-lo, por todo o perigo que representa, mas de repente me dou conta de que não encontraremos conforto para nossa dor, que não nos braços um do outro, e me entrego àquele abraço como se me agarrasse a uma tabua de salvação, afundando meu rosto no seu ombro, minhas lágrimas molhando sua camiseta de malha.

É inevitável, apesar da angustia que me domina, o calor da lasciva se faz presente no meu sangue à medida que ele me abraça mais apertado. Logo todo o meu corpo está latejando de desejo, o meio das minhas pernas como se estivesse em chamas.

Fecho os olhos e visualizo mentalmente a boca dele sugando meus seios voluptuosamente e tudo se intensifica. Gostaria que ele fizesse isso novamente.

Não tenho mais dúvidas: sou a vadia que minha mãe apostou que eu seria e preciso lutar contra isso, pensar em tudo no que acredito.

Decidida, afasto-me dele num gesto brusco, dando-lhe as costas.

Mas ele é insistente, aproxima-se novamente e pousa suas mãos sobre meus ombros, fazendo uma leve pressão, uma massagem capaz de fazer qualquer tensão se esvaír.

Ah, meu Deus! Como isso é bom. Como é magnífico sentir as mãos fortes dele me tocando, apertando minha carne, como se eu lhe pertencesse, como se fosse meu dono.

Fecho os olhos e me deixo levar pelas sensações indescritíveis, não mais apenas a luxúria, mas um carinho genuíno que nasce dentro de mim, me fazendo sentir como se não fosse pecado o que fizemos antes, o que fazemos agora, embora eu saiba que é.

— Não chora Anita. Apolo vai ficar bem. O médico não deu certeza se ficará paralisado. Enquanto ele está aqui, podíamos ir para meu apartamento e nos divertir um pouco. O que acha?

Como assim?! Ele não pode estar falando sério. Como é capaz de me fazer uma proposta descarada destas sendo eu noiva do seu irmão? Por mais que queime de desejo cada vez que olho para ele, seria incapaz de trair Apolo. Mas para ele isso não passa de algo corriqueiro. Não liga se magoará o irmão por... Diversão! É assim que ele encara o sexo, como uma diversão! Aposto que não

se importa com que tipos mulheres leva para a cama, desde que estejam se divertindo. Aff!

Como posso deixar alguém assim me tocar? Quanto mais o conheço, mais acredito que foi enviado para me desviar do meu caminho.

Com tais pensamentos, dou um passo à frente, afastando-me. Cruzo os braços na frente do corpo, como se este gesto fosse capaz de me proteger dele, e viro-me para fitá-lo no rosto, dizendo:

— Por favor, não volte a me tocar.

A consternação se mistura a angústia no seu olhar.

— Desculpe. Não posso fazer isso.

— Eu sei que devíamos apoiar um ao outro nesse momento, mas sabemos que há mais que uma relação de cunhados aqui e precisamos evitar isso. — Falo francamente.

— Eu não quero evitar.

— Mas precisa. Eu e Apolo nos amamos e ele é seu irmão. — Um soluço escapa dos meus lábios, em meio às lágrimas que banham meu rosto.

Por fim, ele parece baixar à guarda, desviando seu olhar para o chão. Permanece assim por um momento, depois volta a me encarar.

— Você ouviu o que o médico disse. Ele só poderá receber visitas amanhã. Vá para meu apartamento. Eu fico aqui e te ligo se algo diferente acontecer.

— Não saio daqui sem Apolo. — Decidida, sento-me de volta na cadeira de ferro desconfortável, quando, nesse momento outro médico entra no recinto, procurando por um casal de meia idade que se apresenta, para em seguida dar-lhes a notícia de que o filho deles acaba de falecer na mesa de cirurgia.

Observo o casal entrar em desespero, gritando, chorando, agarrando-se um ao outro. Todos os demais se compadecendo pela dor deles e agradeço a Deus por Apolo estar vivo, não importando em quais circunstâncias.

— Pelo menos vamos a um restaurante para almoçarmos. Já passa do meio dia e você não comeu nada. Tenho certeza de que está com fome. — Víctor insiste.

A gentileza dele não me convence. De acordo com tudo o que Apolo me falou sobre ele, sobre o quanto é mulherengo e nunca leva ninguém a sério, deve estar a fim de me tornar mais uma das suas conquistas, sem se importar nem um pouco com o fato de que isso pode destruir seu irmão. Sei que sou pecadora por tê-lo desejado, mais de uma vez, mas ele é ainda pior.

— Não estou com fome. Vá você se quiser.

Ele respira fundo, como se contivesse uma onda de irritação.

— Ok. Eu trago algo pra você. Tenho que ir em casa pegar minha carteira, por isso demorarei um pouco.

Sem mais palavras, dá-me as costas e afasta-se com passos apressados, deixando a sala.

Encolho-me mais contra a parede. Minha mente enevoadada por pensamentos sombrios, embora eu saiba que preciso mais que nunca, ter fé.

Ouçó as conversas paralelas dos demais presentes, famílias a espera de notícias sobre os pacientes e de repente sinto-me só, como se não tivesse ninguém no mundo, ninguém com quem contar nesse momento difícil, como de fato não tenho.

O tempo volta a se arrastar enquanto a ansiedade cresce dentro de mim.

Cansada de ficar sentada, deixo a sala enorme, com o intuito de mover um pouco meu corpo. Caminho pelo labirinto de corredores, onde os profissionais da saúde passam por mim sempre apressados. Subo os andares pelas escadas, já que o elevador se encontra danificado e visito diversas enfermarias abarrotadas de pessoas enfermas. Observando-as, me ocorre que devo fazer uso das minhas economias para transferir Apolo a um hospital particular logo que possível.

Descubro que aqui há uma área do hospital destinada a atendimentos particulares e vou explorá-la. É mais limpa que a área pública, tem ar condicionado e o elevador funciona. As enfermarias são individuais, apesar de pequenas, confortavelmente mobiliadas, com mesinha e cadeiras, armário e TV. Entro numa delas, que se encontra aberta porque uma moça está fazendo a limpeza e a televisão ligada me chama a atenção. É o noticiário local de Curitiba, estão falando sobre o que aconteceu a Apolo. De acordo com o repórter que faz a narrativa dos fatos, o atirador trata-se de um policial civil, marido de uma das amantes de Victor, que acreditou estar atirando no amante da sua esposa.

Não posso acreditar no que vejo e ouço. Então a bala que atingiu Apolo era na verdade para Victor. Mas que canalha! Mentindo ao afirmar que não sabia quem atirou. Na certa já sabia. Ele é ainda pior do que pensei. É um moleque, sem princípios e valores. Um mulherengo sem valor, cuja vadiagem levou Apolo àquela cama de hospital, e talvez a uma cadeira de rodas.

Como Apolo pode o amar tanto sabendo quem é? Do que é capaz?

Ao final da reportagem, volto para a sala de espera, meu corpo trêmulo, tomado por um ódio descomunal, como jamais senti antes.

CAPÍTULO IV

Victor

A notícia de que o marido de Camila acertou o cara errado já está circulando pelos jornais da cidade, o que me deixa duplamente em alerta. Primeiro por saber que ele pode sair da prisão a qualquer momento e voltar para terminar o que começou, ou mandar alguém que está do lado de fora terminar o serviço. Segundo pelo fato de que tanto meus pais quanto Anita podem ficar sabendo de tudo a qualquer momento e culpar-me pelo que aconteceu, sem que eu possa tirar a razão deles, pois realmente sou culpado. Se fosse monogâmico como Apolo e muitos outros homens são, nada disso teria acontecido.

Anita já me odeia, por vários motivos. Fazer aquela proposta a ela, num momento em que estávamos aflitos, só piorou as coisas. Não sei onde eu estava com a cabeça quando disse aquilo a ela. Acredito que fico com um neurônio a menos quando estou na sua perturbadora presença.

Em meu apartamento, tomo um banho demorado, visto roupas limpas e ocorre-me que Anita pode querer fazer o mesmo, ainda que seja no hospital. Certamente há algum chuveiro por lá.

Em busca de alguma roupa limpa, para ela, vasculho sua mala ainda arrumada no quarto de hóspedes e descubro que ela não tem a menor noção de moda. Todos os seus trajes consistem em vestidos e conjuntos de blusa e saia longos e antiquados, que ficariam perfeitos na minha mãe. Não há sequer um traje moderno.

Pego uma roupa qualquer e deixo o apartamento. Passo em um restaurante, onde compro duas refeições para nós. Como não sei do que ela gosta, peço peixe assado, pois se come muito disso na Amazônia, eu suponho. Em seguida, volto ao hospital.

Chegando lá encontro ela sentada no mesmo canto, na mesma posição, quieta, apática. Apesar das circunstâncias, meu corpo reage violentamente a ela, cada uma das minhas terminações nervosas se conscientizando da sua presença.

Como se sentisse o peso do meu olhar, ela vira-se para me encarar e antes mesmo que eu possa me aproximar, vejo nos seus olhos azuis, as labaredas de um ódio imensurável.

Ela descobriu que sou culpado pelo que aconteceu a Apolo. Posso ver isso na forma como está me encarando.

Ainda assim aproximo-me, oferecendo-lhe as sacolas com a comida e as roupas.

— Trouxe algo para você vestir caso queira tomar um banho e uma refeição também. Não sabia o que você gosta, então comprei peixe.

— Eu não vou dizer onde você deve enfiar essas coisas porque sou educada! — Ela fala,

asperamente. — Agora se quiser fazer o favor de sair da minha frente eu agradeço bastante.

Porra! Que crentezinha mais desaforada! Não ensinam a ter bons modos na igreja?

Em outras circunstâncias, eu a faria engolir as próprias palavras, mas não posso tirar sua razão por se sentir assim. Eu mesmo gostaria de amputar um dos meus braços, por ser o miserável galinha que levou Apolo a ser baleado.

— Certo. Então você já viu o noticiário. Acredite, assumo toda a culpa pelo que aconteceu. Se pudesse trocar de lugar com Apolo, trocaria sem pestanejar. Mas não há como. O que está feito está feito e nada vai mudar isso. Nem seu ódio por mim.

— Você diz isso, mas tenho certeza que é da boca pra fora. Pessoas como você não têm sentimentos. Ficam com qualquer uma por sexo. Não se importam com os sentimentos alheios. Por que se importaria com o irmão?

— Eu me importo mais com Apolo que comigo mesmo. Não me julgue sem me conhecer, moça.

— Eu te conheço perfeitamente. Apolo me falou tudo o que eu precisava saber ao seu respeito. Você sempre foi promíscuo, desleixado, irresponsável. Aposto como no fundo está aliviado por Apolo ter entrado no prédio naquela hora e não você.

Suas palavras despertam a raiva dentro de mim. Apolo não tinha o direito de falar assim ao meu respeito. Apesar de ser muito melhor que eu, todos temos nossos defeitos. Ele também não é perfeito.

— É muito fácil julgar os outros quando se considera perfeito. Mas cada um de nós tem seus defeitos.

Magoado pela raiva, joga as sacolas aos pés dela e me dirijo para a saída, quando me deparo com meus pais, seus olhares aflitos pairando sobre mim.

Minha mãe, Helena é a primeira a me abraçar.

— É tão bom te ver meu filho. — Ela diz. — Como está seu irmão?

— Ele vai viver mãe. Mas talvez leve alguma seqüela.

— Como assim seqüela?! — Ela arregala os olhos.

— Talvez fique paralítico, mas isso não é uma certeza.

Ela se lança nos braços do meu pai e por uma fração de segundos os invejo, por terem em quem se apoiar num momento como esse.

Quando se separam, é a vez de Gonçalo, meu pai, me abraçar ternamente.

— Quero apresentar uma pessoa a vocês. — Faço com que me sigam até o canto onde Anita se encontra encolhida. — Essa é Anita, noiva de Apolo. Anita estes são nossos pais Helena e Gonçalo.

Anita coloca-se em pé diante do casal de meia idade, muito séria, estendendo-lhes a mão.

— É um prazer conhecer vocês. — Fala, com evidente apatia.

Minha mãe segura uma de suas mãos, acariciando seu rosto com a outra.

— Minha nossa! Como você é linda. Nunca vi Apolo ter uma garota antes. Parece até que estava te esperando.

Sem aviso prévio, a estreita em seus braços, apertando-a, para que em seguida meu pai a cumprimente com um aperto de mão e poucas, mas gentis, palavras.

Helena vê as sacolas aos pés dela e quer saber do que se trata. Quando Anita lhe fala, esta insiste e a convence a fazer a refeição.

Logo os três estão interagindo como se conhecessem há anos, enquanto eu sou excluído da conversa, como se não fizesse parte da família.

Já estou acostumado com isso. Como nunca fui o filho preferido dos meus pais, sempre sou excluído nos lugares onde eles se fazem presentes. Não posso culpá-los por isso, pois meu comportamento não tem sido o mais aprovável desde que me entendo por gente.

Por sorte ainda não sabem para quem era aquela bala que Apolo recebeu, ou me afastariam muito mais. Ainda não viram o noticiário e Anita se reservou a não contar nada, pelo menos até agora.

Quando a noite cai, levo meus pais ao meu apartamento e volto para passar a noite no hospital, na desconfortável sala de espera, longe de Anita, que faz questão de deixar bem claro, em cada uma das suas ações e palavras, que não me quer por perto.

Na tarde do dia seguinte, estamos todos reunidos no hospital, a espera de notícias quando finalmente o médico responsável por Apolo vem falar conosco. Sem fazer uso da cautela ao proferir as palavras, revela-nos que Apolo perdeu os movimentos das pernas, mas que com muito esforço, tratamento adequado e paciência, isso pode ser revertido. Ele poderá voltar a andar, embora não haja como saber exatamente em quanto tempo.

Enquanto meus pais se abraçam, esvaindo-se em lágrimas, o médico afirma ainda que Apolo já possa receber visitas, uma pessoa por vez e que pediu para que eu fosse o primeiro a entrar.

— O senhor deve ter se enganado. Não pode ter sido isso o que ele disse. — Anita contesta, contrariada.

— Não estou enganado, minha senhora. Ele está ciente da presença de todos vocês e pediu que o irmão entrasse primeiro. Somos instruídos a atender bem nossos pacientes. Não podemos lhe negar um pedido desses. — Diz o médico.

— Fica calma, Anita. Não vou demorar muito lá dentro. — Falo.

Ela me fuzila com um olhar fulminante, embora não fale nada.

— Apolo sempre foi muito apegado ao irmão. Isso não significa que ele ame menos a nós. Vamos esperar. — Helena a consola.

Sigo o médico através do labirinto de corredores, subimos dois andares pelas escadas, alcançamos um cômodo amplo, com poucos leitos e ar condicionado, que se denomina UI - Unidade Intensiva, a mediação entre a UTI e a enfermaria, na entrada do qual o médico me deixa.

Em um dos leitos está Apolo, deitado de costas, o dorso ligeiramente inclinado, muito pálido e abatido, com a barba ligeiramente crescida e muitos aparelhos ligados ao seu corpo.

— E aí cara, como você tá? — Pergunto ao aproximar-me. Minha consciência pesando, insistindo em me lembrar de que era para ser eu naquele leito. Em algum momento precisarei contar a verdade a ele, antes que saiba por meio de outra pessoa.

— Não tão bem quanto eu gostaria. Mas vou sobreviver. — A voz dele é fraca.

— Anita não ficou muito satisfeita por você ter pedido que eu entrasse primeiro. Ela está muito preocupada com você. Nossos pais também.

— Eu imagino. Mas preciso falar algo com você que não pode ser adiado.

— E o que seria? — Estou realmente curioso.

— É muito difícil conseguir a autorização da FUNAI para permanecer na aldeia onde eu estava, ou em qualquer outra. Eles não a cederão a outro missionário se a igreja solicitar e os trabalhos que começamos lá não podem ser interrompidos. Aquela gente precisa de nós.

Não tenho ideia de onde ele quer chegar.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Como você já deve saber, não vou poder caminhar durante algum tempo e você precisa tomar meu lugar. Assumir minha identidade e dar continuidade ao trabalho. Somos totalmente iguais, os índios talvez percebam que não é a mesma pessoa, pois são muito perspicazes, mas a FUNAI jamais saberá.

Fito-o atônito. Ele não pode estar falando sério.

— Você tá brincando, né? Como posso sair por aí pregando a palavra divina se sequer acredito em Deus?

— Isso não será problema. Anita voltará com você. Ela fica responsável pela evangelização dos índios. Você pode ajudar com seus conhecimentos de medicina e não deixando Anita ficar lá sozinha.

— Não posso fazer isso. Meus conhecimentos de medicina não são suficientes para atender toda uma comunidade, pois cursei apenas dois anos da faculdade. Sem falar que Anita nem gosta de mim. Para falar a verdade ela não me suporta. Seria impossível convivermos na mesma aldeia.

Sei que estou sendo egoísta como sempre fui, mas sou incapaz de deixar a vida agitada da cidade, repleta de mulheres que tanto aprecio, para viver em meio a uma selva.

— Você me deve isso Victor. — Apolo continua. Seu tom de voz mais firme, seus olhos semicerrados. — Você não acreditaria nas histórias que se ouve nas dependências de um hospital. Já estou sabendo que levei esse tiro por causa de você. Meu trabalho foi interrompido porque você teve a ousadia de transar com a esposa de um policial. O mínimo que você pode fazer para se redimir é o que estou te pedindo.

Droga. O que ele está fazendo é chantagem. Agora estou encurralado. Se não fizer o que ele quer,

me culpará pelo resto de nossas vidas.

— Cara. Tô te falando. Isso não vai dar certo.

O canto da boca dele se curva num sorriso muito sutil, pois sabe que conseguiu o que queria.

— Eu sabia que você não me negaria isso. Você não vai se arrepender. Quando se faz o bem, este volta para nós. Esta é uma certeza que você terá em breve.

— Acredite, vou fazer isso unicamente por ser o causador disso tudo e se há uma forma de você me perdoar, acredito que seja essa.

— Não se preocupe. Eu já te perdoei.

— Mas não será tão fácil quanto você pensa. Duvido que Anita aceite e volte comigo.

— Ela aceitará. Acredite. Posso convencê-la de qualquer coisa.

Sua última frase me irrita, sem que eu consiga distinguir exatamente o motivo. Não sei se pelo fato de ele se comportar como um machista autoritário em relação à mulher linda que tem, ou simplesmente pelo fato de saber que ela o ama com a mesma intensidade com que me despreza a ponto de fazer tudo o que ele quer.

— Posso tentar então. Mas se a coisa começar a se tornar insuportável, não hesitarei em voltar pra casa.

— Acredite. Você vai gostar.

Aí está uma coisa da qual eu duvido.

Cinco dias depois, estou em um táxi a caminho do aeroporto ao lado de uma Anita quieta e silenciosa. Que tem os olhos inchados pelo pranto recente, à fisionomia carregada de tristeza, o olhar perdido no infinito.

Durante todos esses dias, ela tentou, veementemente, convencer Apolo a deixá-la ficar na cidade ao seu lado, cuidando dele, mas ele priorizou o trabalho junto aos índios, a causa na qual acredita. Além de convencê-la a voltar comigo à Amazônia, ainda lhe atribuiu a incumbência de me instruir a desempenhar o papel do puritano Apolo, o que eu considero uma missão impossível, já que o puritanismo não faz parte do meu vocabulário.

— Não fique tão triste. Pelo menos estamos fazendo a vontade dele. — Falo, quebrando o silêncio tenso que se instalou dentro do veículo desde que deixamos meu apartamento, onde meus pais ficaram para cuidar do tratamento de Apolo.

Todos nós contribuímos com uma determinada quantia em dinheiro para que ele recebesse o melhor tratamento possível.

Como haverá um grande prêmio de Fórmula 1 no Canadá em uma semana, do qual não participarei, certamente perderei minha vaga na equipe. Portanto, quando retornar da selva estarei desempregado.

Anita me fuzila com seus olhos azuis faiscantes, com aquela raiva que faz questão de expressar

cada vez que olha para mim.

— Não precisa fingir que nos damos bem aqui, pois não tem ninguém olhando. Guarda sua falsidade para quando ela se fizer necessária. — Seu tom é abrupto.

Não entendo como uma mulher pode ser tão submissa a um homem, como ela é a Apolo e tão arrogante com outro, como é comigo. Parece quem tem dupla personalidade.

— Não estou sendo falso. Eu gosto de você de verdade.

E como gosto! Ainda lembro claramente da maciez da sua pele nua sob minha mão, o sabor enlouquecedor dos seus lábios, a forma como ficou rapidamente molhada quando a toquei. Apesar de amar muito o meu irmão e desejar-lhe toda a felicidade do mundo, não posso deixar de sentir desejo por sua noivinha. Na primeira oportunidade a comerei, de todas as formas possíveis, até apagar esse fogo abrasador que ela me desperta, depois então a deixarei livre para se casar com ele. Sei que meu irmão não merece isso, mas é mais forte que eu. Sou incapaz de evitar, pois jamais quis uma mulher com a intensidade que a quero, talvez pelo fato de ser proibida para mim, o que não me desencorajará a possuí-la. Apolo me conhece muito bem, sabe o quanto gosto de comer uma boceta, principalmente uma boceta virgem. Ele colocou Anita à minha disposição porque quis. Terá que enfrentar as consequências. Vai se casar com ela apesar de ter pertencido a mim, ou a deixará.

É noite quando aterrissamos no aeroporto de Manaus. Não sei exatamente por quanto tempo estivemos no avião, pois dormi desde a escala em São Paulo.

Pegamos um táxi e seguimos para o hotel onde passaremos a noite antes de prosseguirmos a viagem, de ônibus agora.

CAPÍTULO V

Victor

O calor aqui é insuportável. A pobreza está presente em todos os detalhes: nas moradias, comércios, na precariedade das ruas e até nas vestes das pessoas, que possuem características muito parecidas. Todas têm a pele morena, baixa estatura e cabelos negros e lisos. Observando tudo ao meu redor, sinto como se me encontrasse em outro país.

Chegando ao hotel, espanto-me quando a recepcionista demonstra me reconhecer, chama-me de Apolo, o que deixa evidente que meu irmão já esteve aqui mais de uma vez.

Não tenho a sorte de encontrar apenas um quarto desocupado no hotel, como acontece nos filmes. Seria muito excitante passar a noite entre quatro paredes com Anita, por falta de opção. Mas isso só funciona na ficção.

Então, alugamos quartos separados de solteiro, onde não consigo dormir, devido ao calor excessivo, falta de ventilação e o odor de sujeira que parece impregnado no ambiente. E, acima de tudo, por saber que Anita está sozinha em outro quarto, desolada e vulnerável. Eu poderia ir até lá, bater em sua porta, seduzi-la e fodê-la como tenho desejado desde que a vi pela primeira vez. Pensar nisso me deixa de pau duro, louco por uma transa. Mas não posso procurá-la, não ainda. Ela me odeia, preciso que mude de opinião antes de partir para o ataque.

Depois de rolar na cama por muito tempo, tentando adormecer e sufocar o desejo selvagem que queima em minhas veias, levantando-me. Me visto decidido a explorar a cidade. Quem sabe dou sorte e arranjo uma boa transa, alguém para aliviar meu tesão descontrolado. Afinal estou precisando, pois não como uma boceta desde que Apolo chegou a Curitiba. Não consegui sair do lado dele para ir me encontrar com uma mulher.

Pergunto ao recepcionista, um moreno baixinho, como todas as pessoas são por aqui, sobre bares e casas noturnas, este me informa que existem vários pelas redondezas. Mas me alerta para a existência de prostitutas espertinhas que roubam os clientes. Como se trata de um bairro por onde passam muitos turistas a caminho da floresta amazônica, há muitas delas.

Não dou muita importância ao que ele diz, pois sei distinguir uma profissional de uma garota que quer apenas sexo, como a que pretendo encontrar. Afinal em todos os lugares há pessoas assim, que só querem um pouco de diversão e prazer.

Deixo o hotel a pé, caminhando pela rua mal iluminada, onde as calçadas são sujas, as casas mal desenhadas e o trânsito desorganizado. Tudo muito caótico. Caminho algumas quadras, passando diante de alguns bares que dá medo até de entrar pela aparência obscura. Devem ser os lugares onde

o recepcionista falou que ficam as prostitutas.

Caminho um pouco mais e vejo uma pequena boate de onde parte uma música agitada que me atrai e entro. Até que o lugar não é tão ruim. Tem um pequeno bar bem abastecido, um DJ que comanda a seleção de remixes dançantes, uma pista de dança abarrotada de jovens que se agitam ao sabor da música. É um lugar freqüentado, em sua maioria, por jovens.

Sento-me ao bar e peço um uísque com gelo. Ao ingerir o primeiro gole, imagino Anita sozinha, abandonada naquele quartinho fétido de hotel e concluo que seria capaz de qualquer coisa para estar lá deitado ao lado dela. Só assim conseguiria ficar acordado naquela espelunca. Mas ainda terei minha chance. Eu a quero e nem o fato de ela ser noiva do meu irmão me fará desistir de possuí-la. A terei na minha cama, como já tive todas as mulheres que desejei.

Não demora muito para que uma garota, morena, com cabelos lisos e negros sente-se ao meu lado. Está mascando chiclete e parece não ter mais que quinze anos de idade. Definitivamente adolescentes não fazem o meu tipo. Prefiro mulheres adultas que já sabem bem o que querem.

— Oi. — Ela fala sorrindo.

— Oi. — Respondo sério, deixando claro que não estou interessado.

— Paga um uísque pra mim?

— Acho que não é uma boa ideia. Você é menor de idade, não é certo que te dê bebidas alcoólicas.

Ela solta uma sonora gargalhada.

— Não sou menor. Tenho dezoito anos e, acredite, muito bem vividos.

Bem... Se ela tem a idade que diz, não vejo que mal há em me satisfazer com seu corpo.

Com isso em mente, examino-a mais atentamente, em busca dos seus atrativos. Usa um jeans colado, com o cós baixo, revelando suas coxas grossas e firmes, sua barriga sarada, morena, onde um piercing enfeita seu umbigo. A blusa preta é justa e curta, revelando as curvas dos seios fartos e volumosos. Sem sombra de dúvidas é muito atraente e pode me dar o que estou precisando: momentos de prazer.

— Então vamos viver mais um pouco. — Falo, abrindo aquele sorriso que sei que nenhuma garota, com exceção de Anita, resiste. — Garçom, traga um uísque para a garota. Como você se chama?

— Sou Manuela. — Ela responde sorrindo, sem deixar de me encarar nos olhos, com um brilho de satisfação, deixando evidente que já está no papo. — E seu nome, qual é?

— Victor. — Seguro a mão dela e a acaricio com malícia, para que saiba logo quais são as minhas intenções. — É um prazer te conhecer Manuela. Você mora aqui mesmo em Manaus?

— Sim. Mudei-me com meus pais há pouco tempo. Somos do Pará e você?

Poxa, ela está na cidade há pouco tempo e já freqüenta a noitada à caça de homens?

— Estou só de passagem. Você está aqui sozinha?

— Sim. Vim com uma amiga, mas ela saiu com um carinha.

Então as coisas não são diferentes por aqui. Funcionam como em Curitiba: a garota vai à balada, conhece um carinha qualquer e sai para foder com ele. Estou ambientado com esse costume, é o melhor que a sociedade podia ter inventado, pois torna tudo mais fácil para caras como eu que, gostam muito de comer uma boceta, mas desprezam o compromisso.

Converso mais um pouco com a ninfeta assuntos irrelevantes e sem conteúdo. E poucas horas depois estamos entrando no quarto do hotel onde estou hospedado, já meio embriagado.

— Quer beber mais alguma coisa? — Pergunto, examinando automaticamente suas roupas, estudando a maneira mais rápida de tirá-las.

— Não. Tudo o que quero está bem aqui na minha frente. Na hora que coloquei meus olhos em você lá na boate, soube que te queria. — A voz dela é insinuante, sedutora e me deixa de pau duro.

— Você é muito madura pra sua idade. — E é mesmo.

— Esquece essa coisa de idade. Você pensa demais nisso.

— Você tem razão. Vou parar de pensar e começar a agir.

Seguro sua mão e a puxo para mim com um safanão, chocando o corpo pequeno dela no meu. Delicadeza nunca foi meu forte, principalmente se tratando de sexo.

Com a mesma voracidade, busco os lábios dela, infiltrando minha língua na sua boca, ao mesmo tempo em que enfio minha mão sob sua blusinha, alcançando seu seio duro, grande e desprovido de sutiã. Massageio seu mamilo com habilidade e ela geme, evidenciando que isso será melhor do que eu esperava.

Ansioso por senti-la inteira eu abro os botões da sua blusa e a tiro com pressa, para em seguida fazer o mesmo com o fecho da sua calça, tirando-a pelos pés, junto com a calcinha minúscula. Contemplo seu corpo completamente nu diante de mim e tenho aquela desagradável sensação de que, apesar de possuir curvas voluptuosas, deliciosas, ela não passa de uma criança. Mas tem dezoito anos, já pode foder. Constato, afastando todos os pensamentos.

Apressadamente, tiro todas as minhas roupas, sem me esquecer de pegar o pacote de preservativos que comprei antes de deixar o bar e colocá-lo na beirada do colchão, ao alcance fácil.

— Nossa. Você é lindo. — Manuela fala, varrendo meu corpo com seu olhar.

— Então vem cá. Mostre-me o que você sabe fazer.

Agarro-a novamente pela cintura, puxando-a para mim, esmagando seus seios grandes contra meu tórax, enfiando a tirando minha língua da sua boca, a luxúria tomando conta de mim.

Recosto-me em uma das paredes e empurro a cabeça dela para baixo, deixando claro o que quero e, para minha total satisfação, ela mostra experiência ao descer a boca pelo meu corpo, fazendo o percurso até meu pau, quando então o enterra inteiro na boca, sugando-o com avidez,

deixando-me louco de tesão.

— Porra! Como você é gostosa.

Enquanto ela me chupa com habilidade agachada diante de mim, esfrego os dedos do meu pé na sua boceta, penetrando sua fenda molhada, massageando-a enquanto sou compensado por seus gemidos abafados pelo meu pau.

Quando decido que quero fodê-la, agarro-a pelos cabelos e a coloco de quatro na beirada da cama. Cubro meu pau com o preservativo, posiciono-me em pé atrás dela e a penetro, com um gesto muito brusco, que é como gosto.

Sua vagina escorregadia aperta meu pau, deliciosamente, e refaço o movimento, tirando-o e enfiando novamente com força, indo mais fundo desta vez.

— Ai, que delícia. Mete esse pau na minha boceta. — Ela vibra.

Olho sua bunda volumosa, morena, exposta e uma raiva desconhecida toma conta de mim, por ela não ser Anita, a mulher que eu realmente queria. Aquela que devia experimentar meu pau. Para ela eu daria muito mais prazer.

Tomado pela fúria que se mistura ao tesão dentro de mim, seguro seus cabelos longos, na altura da nuca e o puxo para trás, forçando-a a erguer a cabeça. Assim, meto nela novamente, e mais uma vez, repetidamente, com a mesma força com que defiro tapas na sua bunda. Os estalos ecoando pelo quarto.

Embora eu esteja agindo como um animal que busca a própria satisfação, ela parece gostar disso e logo seu corpo se contrai, avisando que vai gozar, quando então paro e viro-a de frente, pendurando suas pernas nos meus ombros, fitando seu rosto jovem e volto a meter na sua boceta. As estocas cada vez mais fundas, rápidas e violentas.

Ela grita, geme, freme, se contorce sob mim, suas unhas crescidas passeando pelo meu tórax, até que seus músculos enrijecem novamente, perto de atingir o orgasmo.

Quero gozar junto com ela, mas apesar dos dias de abstinência, não sei se vou conseguir tão depressa, então, fecho os olhos e penso em Anita, a mulher com quem eu realmente gostaria de estar agora, seu corpo, se materializando em minha mente, seu gosto se fazendo na minha boca. Imagino que a estou fodendo e logo o êxtase vem profundo e violento. Mexendo com cada uma das minhas terminações nervosas, tão intensamente que seu nome escapa dos meus lábios, repetidamente, até que me dou conta de que não é ela gozando junto comigo, não são seus gemidos que me alcançaram os ouvidos.

Putá merda! Que bola fora.

— Uau! Isso foi demais! — Manuela exclama, espichando-se mais sobre a cama, quando deixo seu interior para tirar o preservativo lambuzado por fora pelo seu gozo e cheio por dentro pelo meu. — Quem é Anita?

— É só uma garota com quem quero ficar. — Agora preciso pensar numa forma de me livrar dela, pois preciso acordar cedo amanhã para continuar a viagem. — Você quer que eu vá te deixar

em casa?

— Mas já? Pensei em tantas coisas que ainda podemos fazer. — Ela umedece os lábios com a língua, enquanto fita-me diretamente nos olhos com a mais crua malícia expressada nos seus olhos negros. É o suficiente para que meu pau fique duro de novo e avanço para ela, sequioso como um animal no cio.

— Então vem cá. Vamos nos divertir mais um pouco.

Tenho uma noite bastante agitada com a ninfeta. Estou dormindo há pouco mais de duas horas quando o toque do interfone me desperta na manhã seguinte, o recepcionista avisando-me de que Anita me aguarda lá fora.

Deixo Manuela profundamente adormecida na cama, em dúvida se devo depositar algum dinheiro para ela sobre o criado mudo ou não, mas acho melhor não, vai que ela se ofende.

Tomo um banho demorado, arrumo minhas coisas e desço as escadas, sentindo-me muito cansado.

Encontro Anita na recepção, parecendo um anjo com seu vestido azul, da cor dos seus olhos, longo e bem comportado.

Percebo que ela fica surpreendida ao fitar meu rosto, talvez pelo tamanho das minhas olheiras, mas nada deixa transparecer sobre a verdade de que passei a noite fazendo sexo com uma quase criança.

Tomamos café da manhã ainda no hotel, enquanto torço para que a ninfeta não desça as escadas agora, quando ainda estivermos aqui e finalmente partimos. Pegamos um ônibus em péssimas condições de preservação, que segue para fora da cidade, por uma estrada cujo asfalto logo acaba, sendo que continuamos o trajeto em meio a uma densa nuvem de poeira que penetra o veículo sem ar condicionado. Essa tortura dura praticamente todo o dia. Após quilômetros e mais quilômetros de viagem, atravessando a selva e por vezes cidades pequenas, que parecem perdidas no meio do nada, ainda mais miseráveis que Manaus, acredito que finalmente chegamos ao nosso destino. Quando, para meu total desespero, saltamos às margens de um rio e nos dirigimos a um pequeno e antigo barco de madeira, movido a motor, que parece não oferecer segurança alguma, no qual entramos, junto com mais meia dúzia de passageiros.

Seguimos pelo rio que parece invadir a floresta intocada pela mão humana, onde a vegetação está submersa nas águas rasas e escuras, um lugar muito parecido com o cenário onde foi gravado o filme “*Anaconda*”.

Aos poucos os demais passageiros vão ficando em diferentes pontos da mata, até que fique apenas nós dois e o cara baixinho e moreno que nos conduz e que também demonstra conhecer Apolo, confundindo-me com ele.

A noite cai e continuamos na embarcação, o rio tornando-se cada vez mais estreito em meio às gigantescas árvores, cujas raízes estão submersas na água. Aqui tudo é assustador, desde a negra escuridão até os sons emitidos por animais que sequer consigo identificar de quais se tratam.

Fico espantado com a tranquilidade demonstrada por Anita ao deitar-se em uma das redes penduradas dentro da embarcação. Uma mulher comum estaria apavorada numa situação como essa. Eu que sou homem estou quase borrando as calças. Há outra rede ali, certamente colocada para mim, mas nem sei como me deitar nessa coisa. E também não conseguiria dormir em determinadas circunstâncias.

— É melhor você se deitar. Só chegaremos ao nosso destino pela manhã. — Anita fala.

É a primeira vez que me dirige a palavra, que não para responder alguma pergunta, ou me falar algum desaforo, desde que soube que o atirador de Apolo queria na verdade a mim.

— Acredite, eu não ia conseguir relaxar nessa coisa.

— É melhor tentar, pois é só o que tem para se dormir lá na aldeia.

Fito-a atônito, quase chocado e ela parece divertir-se com minha reação, pois, espantosamente, o canto da sua boca se curva num sorriso muito sutil.

— Nunca vou entender porque alguém vive assim por opção. — É tudo o que consigo dizer.

— Há muitas coisas nessa vida que você nunca vai entender.

Com tais palavras, ela vira-se dentro da rede, dando-me as costas.

Tento a todo custo vencer o cansaço que insiste em me dominar, mas sou vencido por ele e, sem encontrar opção, deito-me na rede que afinal não é tão desconfortável assim, torna-se até divertida quando se acostuma com seu movimento de vai e vem.

Sob os sons fantasmagóricos emitidos pelos animais da floresta, consigo pegar no sono.

CAPÍTULO VI

Victor

Desperto com o balanço abrupto da rede causado por mãos que a sacodem.

— Acorda Victor. Precisamos deixar o barco. — A voz meiga e ao mesmo tempo sedutora de Anita termina de me acordar.

É dia e o barco está atracado numa margem onde não parece haver nada além de mato.

— Já chegamos? — Pergunto, levantando-me preguiçosamente.

— Ainda não. Precisamos caminhar mais alguns quilômetros. Cauéré nos ajudará com as malas.

Só então vejo o índio parado na margem, usando o que me parece ser um tapa sexo, com o corpo e o rosto pintados com desenhos abstratos.

— Aquele é Cauéré? — Pergunto, espantado com a aparência dele.

Quando nunca se viu um índio pessoalmente, no seu habitat natural, como estou vendo agora, nota-se o quão ignorados eles são pelo mundo civilizado.

— Sim. É um dos Yerês.

Saltamos da embarcação, carregando as malas pesadas e somos recepcionados por um Cauéré sorridente, que cumprimenta Anita com um aperto de mão, falando na sua língua, da qual não compreendo uma só palavra.

Quando vira para me cumprimentar, retribuo o aperto de mão, todavia não sei o que dizer a ele, pois não o compreendo.

Ele insiste em falar comigo, diante do olhar aflito de Anita, e quando chega à conclusão de que não obterá resposta, seu rosto fica sério, seu semblante se contraindo, seu olhar se tornando subitamente sombrio quase diabólico.

— Você não é Catú. — Diz, em português agora.

— Quem é Catú? — Pergunto.

— É como eles chamam Apolo. Significa bom. — Anita fala, com tom de aflição, em seguida olha para Cauéré e começa a falar incessantemente na língua dele.

Trocam algumas frases, sem que eu possa compreendê-los, até que Cauéré volta a sorrir.

— Se você é irmão de Catú, é bem-vindo em nossa aldeia.

— Obrigado. — Agradeço aliviado.

Vejo o barco afastar-se, retornando por onde viemos e sou invadido por uma horrível sensação de melancolia, como se minha última ligação com a civilização tivesse acabado de ser rompida, como de fato foi. Agora somos apenas eu, Anita e os Yerês.

Caueré pega as malas de Anita e assente para que o sigamos. Quando nos dá as costas descubro que seu “*tapa sexo*” é fio dental. E eu achando que Anita nunca tinha visto um homem só de cueca pessoalmente.

Coloco-me entre ele e Anita, carregando minhas malas, e partimos por entre a mata densa, que se torna mais escura, sombria e assustadora a cada passo que damos. Os grunhidos fantasmagóricos dos animais parecem partir de todos os lados, de muito perto e isso me deixa alarmado, pois tenho a impressão de que seremos atacados por eles a qualquer momento. Sem falar que não há uma trilha definida por onde seguimos, simplesmente entramos na floresta formada por árvores gigantescas, muitos arbustos rasteiros e folhas secas no chão.

— Relaxa. Caueré sabe por onde está indo. Conhece essa floresta como a palma da sua mão. — Anita fala como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

Viro-me para fitá-la e percebo, pelo seu meio sorriso de satisfação, o quanto meu pânico a está divertindo.

Vou me lembrar disso quando estiver fodendo com ela. Vou enfiar meu pau tão fundo da sua boceta que seu sorrisinho se transformará em gemidos. Ela não vai mais se divertir às minhas custas e sim comigo.

Imagino a cena e olho para ela, sem economizar na malícia contida no meu sorriso. Vejo sua face enrubescendo subitamente, ao passo em que ela fica muito séria e tropeça em um sarmento rastejante, obrigando-me a agir por reflexo e soltar minhas malas para segurá-la antes que caia no chão.

Paralisada pelo susto, ela fica imóvel em meus braços, por uma pequena fração de segundos. Tempo suficiente para que o calor que emana dela desperte o mais primitivo dos desejos dentro de mim. Sem que eu possa fazer nada para impedir, meu pau fica duro, pressionando o zíper dentro da calça.

— Você tá legal? — Pergunto, sem conseguir desviar meus olhos dela.

Ela coloca-se em pé, ajeitando-se desconsertadamente.

— Estou sim. Estou acostumada com esses probleminhas da selva.

Neste momento Caueré vira-se para nós e profere algumas palavras no seu idioma.

— Ele disse para irmos, pois logo cairá uma tempestade.

Olho para o céu e não vejo sequer uma nuvem.

— Como ele sabe?

— Eu não sei. Acho que a ausência da tecnologia torna as pessoas mais atentas ao que se passa à

sua volta.

Voltamos a caminhar em meio à mata fechada seguindo Caueré.

— Por que ele estava nos esperando na beira do rio? Sabia que chegaríamos hoje por meio de percepção também? — Pergunto desta vez sem me virar para ela.

— A percepção dele não é tão aguçada assim. Sempre que partimos e estipulamos uma data para voltarmos, ele espera por nós naquele lugar todas as manhãs até o nosso retorno.

— Fiel o cara.

— Todos são. A honra é uma característica peculiar a essas pessoas. Perceberá isso quando os conhecer bem.

Estarei longe daqui antes de ter a chance de conhecê-los bem. As palavras ecoam em minha mente.

Caminhamos por cerca de duas horas, a fome, o calor e a exaustão incomodando-me. Sem falar nos mosquitos que me picam nos lugares mais inimagináveis. Um horror!

Até que pôr fim entramos no que parece ser a aldeia. Trata-se de um aglomerado de barracos construídos com palhas, formando um gigantesco círculo em torno de uma clareira, o único lugar da selva onde não há sequer uma árvore. Pode se classificar os barracos também como uma espécie de paredão redondo que divide a clareira da selva. Ali há vários indígenas sentados em assentos toscos, construídos de madeira, do lado de fora das pitorescas moradias, sob a sombra delas, conversando, alguns fumando cigarro de palha. Há homens, mulheres e crianças. Todos muito quietos e tranquilos, como se não tivessem nada para fazer.

Os homens se vestem como Caueré, com o minúsculo tapa sexo, que parece ser confeccionado com pele de animais, tem o corpo e o rosto pintados com desenhos abstratos e os cabelos lisos caindo pela testa. As mulheres usam algo maior sobre o sexo, uma espécie de mini saia coberta por miçangas. Usam também muitos colares e pulseiras de miçangas e têm o rosto e o corpo pintados. Todas têm os cabelos lisos, negros e crescidos e seus seios estão desnudos.

Eu poderia ficar com tesão vendo tantos peitos à minha frente, mas as índias não me parecem mulheres muito asseadas, pois estão descalças e tenho quase certeza de que não usam uma calcinha por baixo daquela saia, deixando sua intimidade exposta a infecções, o que me parece meio repugnante.

Ao entrarmos no lugar, muitas crianças nuas e descalças correm para nos abraçar eufóricas, agarrando-se às minhas pernas e às de Anita, que as abraça de volta, esboçando um sorriso sincero e encantador. Quanto a mim, permaneço imóvel, já que nunca tive muito jeito com crianças, que dirá com crianças que parecem não tomar banho há semanas.

Alguns índios adultos também vêm nos cumprimentar e agradeço aos céus que não tentem nos abraçar, mas apenas nos estendam as mãos. Falam comigo como se me conhecessem, sem que eu entenda uma palavra do que estão dizendo.

Caueré fala algo a eles e estes se afastam de mim, demonstrando hostilidade, certamente por

terem sido informados de que não sou Apolo.

— Vamos guardar essas malas e depois falar com o cacique. — Cauéré propõe. Seu semblante carregado me deixando preocupado, receoso que o cacique talvez decida fazer um churrasco de mim quando souber que sou um invasor.

Carrega as malas de Anita até um dos barracos, deixando-as na entrada.

— Esta é minha casa. — Anita diz, com seu sedutor sotaque espanhol — Venha, vamos te mostrar a de Apolo.

Dirigimo-nos para o barraco ao lado, que é exatamente igual a todos os demais.

— Deixe suas coisas aí na entrada. Ninguém vai malinar. Vamos falar com Ajuricaba. — Cauéré fala, gesticulando para que o sigamos.

Deixo as malas na entrada do pequeno barraco e caminho atrás dele, lado a lado com Anita.

— O que é malinar e o que é Ajuricaba? — Pergunto à Anita, num sussurro, para que o índio não me ouça.

Ela sorri e é como se um raio de sol surgisse durante uma tarde chuvosa.

— Malinar é bolinar, mexer sem permissão. E Ajuricaba é o nome do nosso cacique, significa agrupamento de maribondos. — Ela responde também com a voz sussurrada.

Sob o olhar atento e curioso de dezenas de indígenas, atravessamos todo o terreno central da aldeia, quando então vejo que há um barraco diferente entre os demais. Este não tem paredes, mas apenas o teto de palha, sob o qual várias mulheres ocupam-se em assar peixes enrolados em folhas de bananeiras sobre brasas espalhadas pelo chão, tudo muito sem higiene. Uma gigantesca panela de ferro, imunda, é usada para cozinhar algo num fogão de argila, com chamas movidas à lenha.

Entramos no barraco que parece ser a moradia do cacique. O interior dele é espantoso. Não há paredes dividindo o único e grande cômodo, com chão sem piso, onde os únicos móveis existentes são as redes espalhadas por todos os lados, ocupadas por índios mais idosos, alguns tamboretos confeccionados com madeira e couro de boi e outros objetos parecidos com bacias espalhados por ali. Tudo é muito desorganizado e há um odor de sujeira impregnado no ambiente.

Cauéré aproxima-se de uma das redes, falando no idioma deles, com seu ocupante. Um índio não tão idoso quanto os demais, que se senta revelando o corpo pintado, e com alguns penduricalhos na sua orelha o diferindo dos demais.

— Cauéré está dizendo a ele que você é irmão gêmeo de Apolo e veio substituí-lo. — Anita me explica.

Atribuo toda a minha atenção ao velho índio, analisando sua reação, tentando sem sucesso, decifrar se virarei o churrasco de domingo ou não.

Ele deixa sua rede, lentamente, e se coloca em pé diante de mim, examinando-me dos pés à cabeça, com o semblante muito carregado. Uma ruga profunda marcando sua testa, seus olhos expressando valentia.

Enquanto estou tendo um pequeno ataque cardíaco, ele vira-se novamente para Cauéré e fala no seu idioma.

— Ajuricaba disse que você pode ficar. Mas se desrespeitar o nosso povo de alguma forma vai embora e não volta mais. — Cauéré informa.

É a vez de Anita falar, profere algumas frases naquela língua desconhecida por mim, enquanto olha para o cacique, que parece concordar com o que ela disse.

Em seguida, deixamos a moradia, atravessando a aldeia rumo aos nossos barracos.

— O que você disse a ele? — Pergunto curioso.

— Que me responsabilizarei por você e pedi que não contasse aos funcionários da FUNAI sobre a troca. Esses sim são hostis e avessos a quebra das normas.

— Por que você se responsabilizaria por mim? Você me odeia.

Ela para a meio caminho do nosso destino, no centro da aldeia, no instante em que um relâmpago corta o céu nublado, seguido de uma estrondosa trovoadas.

— Faço isso por Apolo. Para que os esforços dele em conseguir autorização para estar aqui não sejam em vão. Só espero que você não me faça me arrepender.

Seus olhos lindos estão fixos no meu rosto, serenos como vi em poucas ocasiões. Sua pele branca está ligeiramente rosada devido ao sol que pegamos durante a longa viagem, o que a deixa ainda mais linda. Tão linda que se torna quase impossível resistir, conter o impulso de beijá-la aqui mesmo, diante de todos os olhares curiosos dos índios, ainda que contra a sua vontade. Uma vez em meus braços, sob minhas carícias, ela não resistiria ao tesão que há dentro dela esperando por um toque para ser a florado. Não o farei agora, não ainda. Mas o farei em breve. Esperarei o momento certo para tomá-la, quando então a possuirei, repetidamente, até me cansar dela, como me cansei de todas as outras. E esse desejo cego me abandonará.

— Você ouviu o que eu disse? — Sua voz me desperta do que me parece um estado de hipnose causado pela atração que sinto por ela.

— Sim e farei o possível para não decepcionar vocês dois.

Até porque não tenho outra opção, pois não faço ideia de como sair daqui.

— Ótimo. Parece que você entendeu. — Os pingos da chuva começam a cair como Cauéré nos preveniu mais cedo que aconteceria. — Vamos sair daqui. Não quero me molhar. Vou te mostrar sua casa.

Caminhamos apressadamente até o barraco diante do qual estão minhas malas e entramos. Eu carregando as malas para dentro. Não é muito diferente da moradia do cacique. Trata-se de um cômodo único e amplo, sem piso, com uma rede encardida pendurada no meio, alguns tamboretas espalhados por toda parte e uma prateleira simples, construída de madeira, abarrotada de livros. Aproximo-me para examiná-los e descubro que são livros com conteúdo religiosos, certamente de Apolo como ele sempre possuiu.

— É aqui que Apolo mora e será seu lar de agora em diante. Pelo menos até ele voltar. O que achou? — Anita me parece mais animada do que quando deixamos Curitiba. A impressão que tenho é a de que se sente em casa aqui nesse fim de mundo.

— Você quer que eu seja sincero ou gentil?

— Você não gostou né?

— Não mesmo. Tenho a impressão de que essa coisa vai cair na minha cabeça a qualquer momento. Aliás, onde fica o banheiro?

Não gosto da expressão que ela faz quando aponta para os fundos do barraco, onde há uma pequena porta que claramente dá acesso ao lado de fora, onde fica a floresta.

— Ali.

— Ali onde? Essa porta sai para a floresta.

— Pois é. A floresta é o banheiro.

Fito-a perplexo, aturdido.

— Você tá brincando, né? Está me dizendo que tenho que me embrenhar no mato toda vez que precisar satisfazer minhas necessidades fisiológicas?

— Isso mesmo. Todos aqui fazem isso e sobrevivem.

Imagino todas as situações possíveis que podem ocorrer durante um episódio desses. Uma onça faminta pode aparecer, ou uma cobra venenosa, ou ainda um ataque de maribondos. Entre outros perigos que a selva pode oferecer.

— E o papel higiênico, onde encontramos?

— Usamos as folhas. — Ela observa meu rosto que certamente se contrai de desespero e seus lábios se abrem num largo sorriso. Cretina! Está se divertindo às minhas custas novamente. Mas isso vale à pena, desde que ela esteja sorrindo. — É brincadeira. Você devia ter trazido o seu, mas como eu sabia que não pensaria nisso, trouxe o suficiente para nós dois. — O som de outra estrondosa trovada nos alcança, enquanto a chuva parece cada vez mais grossa lá fora. — Ainda quero te mostrar a escola onde dou as aulas e o local onde fazemos as orações. Mas vai ficar pra quando a chuva passar.

Ela caminha na direção da saída, fazendo menção de se retirar, quando então me apresso em tomar-lhe a frente, não sei exatamente com que intenção, pois está cedo demais para seduzi-la. Ela acabou de se despedir de Apolo e ainda não o esqueceu, tampouco esqueceu minha parcela de culpa no que aconteceu a ele.

— Espera. Você não pode sair nessa chuva. Espera passar.

Vejo as feições dela se contraírem, a raiva surgindo no seu olhar lindo. Tenho a impressão de que ela conhece minhas intenções e está me dizendo que não tenho a mínima chance.

Mas não há como desistir. Eu a quero e a farei minha, não importa quanto tempo isso levará.

— Minha casa fica ao lado. Consigo chegar lá sem me molhar muito. Agora já pode sair da minha frente.

— Ainda há muito que preciso saber sobre esse lugar. Precisamos aproveitar todo o tempo disponível para o meu aprendizado.

Ela parece hesitar. Cruza os braços diante do corpo, reflete por um instante e relaxa,
Ótimo, mordeu a isca.

CAPÍTULO VII

Victor

— Você tem razão. O que quer saber primeiro? — Ela pergunta, sentando-se em um dos tamboretos, a serenidade voltando ao seu rosto.

— Onde fazemos as refeições? — A pergunta sai concomitante a um ronco do meu estomago vazio.

— No barracão onde você viu as mulheres assando os peixes.

— Todos juntos?

— Sim. É um momento muito especial de socialização da comunidade.

— E o banho? — Ocupo outro tamborete, desalentado.

— Há um rio aqui perto. É onde também pegamos a água que abastece a aldeia. Você vai gostar de lá.

— Quer dizer que a comida é preparada com a mesma água com que se toma banho? — Isso está ficando cada vez pior.

— A água é corrente. Não há falta de higiene nesse processo.

— Quando algum deles adoece, quem cuida?

— Temos um Pajé curandeiro que usa medicamentos naturais para curar quase tudo. Mas como houve um surto de malária em uma aldeia não muito distante daqui, a FUNAI traz um médico aqui uma vez por mês e fornece medicamentos.

Ela parece realmente interessada no assunto e se considera parte dessa gente, já que se refere ao Pajé e outros membros como “*nosso*” e não “*deles*” e isso desperta minha curiosidade. Uma mulher inteligente como ela não se envolveria a tal ponto se não fosse interessante.

— Há muitas outras aldeias por aqui? — Pergunto interessado de verdade agora.

A presença indígena em nosso país nos dias atuais não é algo que se aprende na escola. A maioria das pessoas que vivem nas grandes metrópoles, inclusive desconhece a existência deles.

— Algumas. Não muito próximas. Cada aldeia possui sua própria demarcação de terras.

— Como assim?

— Quero dizer que daqui da aldeia até um raio de mais ou menos mil quilômetros, as terras pertencem aos Yerês. Ninguém, que não seja a FUNAI, tem o direito de entrar aqui sem a autorização deles.

— Uau! Isso é muita terra pra tão pouca gente.

— O objetivo dessa demarcação é a preservação do meio ambiente, pois os índios não derrubam as árvores, não causam incêndios e não usam produtos químicos que prejudicam a natureza. A única coisa que eles fazem é caçar, pescar e cultivar uma agricultura de subsistência pequena demais para ser prejudicial.

Essa é uma causa pela qual valeria à pena lutar: a preservação da natureza. Finalmente encontro algo aqui nesse fim de mundo que faça algum sentido, que desperte meu interesse e me faça apoiar essa gente.

— Para você ter uma ideia do quanto os índios são protegidos pelo governo, nem a polícia tem o direito de entrar aqui. Se eles quiserem matar alguém, não serão punidos por isso com nossas leis, pois a polícia não poderia agir.

— Agora isso eu acho injusto. Os direitos de todos os brasileiros deveriam ser iguais para todos os povos.

— Para eles não. Essa decisão parte do princípio de que o país inteiro pertencia a eles quando foi invadido pelos europeus. Ou seja, nós somos os invasores das terras deles.

É algo sobre o que vale à pena se refletir.

— E exatamente em que o trabalho de vocês beneficia essa gente?

Uma expressão de espanto surge nos seus olhos azuis. Ela acaba de perceber que, pela primeira vez, estou realmente interessado pelo que se passa aqui.

— Eu os ensino a ler, escrever e a falar nosso idioma, para que tenham condições de lutar pelos seus direitos junto aos homens brancos caso isso se faça necessário. Apolo os ensina que há alguém maior que o presidente, que há Deus, o rei de todos os reis.

Nunca tinha pensado em Deus por esse lado, um governante mais forte que o presidente dos Estados Unidos, a quem todas as nações devem obediência. É outra coisa que ouvi hoje que merece reflexão.

— Você também pode ser muito útil aqui. Mesmo tendo apenas dois anos de faculdade de Medicina, seus poucos conhecimentos podem ajudar.

— Acho que não. Eu não colocaria a vida de alguém em minhas mãos. — *Até porque estava ocupado demais olhando as gostosas do campus para prestar atenção nas aulas.*

A chuva diminui lá fora, tornando-se apenas um chuvisco fraco, quando então Anita se levanta, caminhando para a saída.

— Acho que já podemos ir. A chuva está passando. — Diz.

Seguindo a um impulso que não consigo controlar, mais uma vez tomo o seu caminho, colocando-me entre ela e a porta.

Victor seu estúpido, o que você está fazendo? A garota é noiva do seu irmão, ainda está magoada pelo que aconteceu a ele e com ódio de você. Fica longe dela!

— Fica mais um pouco. Está tão bom aqui conversando com você. — É tudo o que consigo dizer e quero esmurrar a mim mesmo por não pensar em algo mais inteligente, ou mesmo ficar calado.

— Se não formos almoçarmos agora, ficaremos sem comida. — Ela fala.

Aproximo-me um passo, enquanto ela recua outro.

— Isso não importa. Ficaria a vida inteira sem comer para ter mais tempo sozinho com você. Aliás, nada mais nesse mundo tem importância quando estou na sua presença. Você é tudo o que quero. Quem eu quero e faria qualquer coisa para tê-la. — Caralho de onde eu tirei todas essas asneiras? Pareço um bobo apaixonado, quando na verdade quero apenas umas boas fodas.

Ela me encara com expressão de confusão e ao mesmo tempo perplexidade, sem vestígio algum daquela raiva que demonstra cada vez que insinuo algo entre nós. Pisca várias vezes, como se vacilasse na sua decisão de manter-me longe e nesse pequeno gesto, encontro a chance que eu precisava.

Sem hesitar, vou até ela e contorno meu braço em torno do seu corpo, puxando-a para mim, tomando seus lábios num beijo carregado de luxúria, numa urgência desesperada por saboreá-la inteira.

Inicialmente ela tenta resistir, mantendo os lábios cerrados, tentando se libertar do meu abraço, mas não demora muito para que sua resistência desmorone e ela se entregue ao beijo, entreabrindo os lábios para receber minha língua que penetra sua boca com avidez, explorando cada centímetro daquela delícia. Inebriado com seu sabor inigualável, tomado por um turbilhão de sentimentos que conheci apenas nos braços daquela mulher. O que ela tem de diferente das outras que é capaz de me deixar assim, sem chão, com apenas um beijo?

Não sei e nem me interessa saber, tudo o que importa é tê-la e estou conseguindo, pois ela parece completamente entregue a mim de corpo e alma. Mal posso acreditar que ela está correspondendo ao que sinto, mesmo sabendo que sou Victor e não Apolo.

Sem separar meus lábios dos dela, infiltro minha mão sob a saia longa do seu vestido, acariciando sua coxa, até alcançar seu sexo. Afasto sua calcinha para o lado e acaricio sua boceta carnuda, ligeiramente peluda, deliciosa, meu pau esticado dentro da calça, quase explodindo.

Mergulho um dedo entre seus grandes lábios, massageando a entrada intocada da sua vagina, constatando, maravilhado, o quanto ela está molhada por minha causa. Escorrego meu dedo para seu clitóris e faço movimentos circulares sobre ele, sentindo-o inchar deliciosamente sob meu toque. Preciso prová-la ali, experimentar seu sabor de fêmea excitada, chupá-la até senti-la gozar na minha boca.

Um gemido de súplica escapa dos seus lábios abafados pelos meus e ela tenta se afastar mais

uma vez, sem que eu permita, segurando-a firme junto de mim, meu dedo ainda massageando-a entre as penas.

— Vamos parar Victor. Não posso fazer isso. — Ela fala, num sussurro quase inaudível.

— Parar por quê? Eu sei que você quer isso tanto quanto eu.

Ela aperta as pernas fazendo pressão na minha mão, esfregando a boceta com mais força nela.

— Sim, eu quero, mas... Não posso...

— Pode sim. Você ainda não é casada. Podemos fazer tudo o que quisermos. Somos livres.

Ela faz uso de todas as suas forças para me empurrar, seus dois punhos cerrados contra meu peito. Eu poderia continuar segurando-a, excitando-a até convencê-la, mas sinto que estou forçando a barra e finalmente a solto, contra minha vontade.

— Não somos livres Victor. Existe uma pessoa que podemos magoar com toda essa loucura.

O fato de ela colocar Apolo mais uma vez entre nós dois atíça a raiva dentro de mim, minha mente recusando-se a aceitar a clara realidade de que ela pertence a ele e não a mim.

— O que sentimos um pelo outro não é loucura! — Minha voz soa mais alta e ríspida do que gostaria. — Eu te quero, com todas as forças do meu ser, como jamais quis outra mulher e sei que você também me quer. Porra! Dá para parar de julgar o que é certo e o que é errado só por um instante e seguir seus instintos?

Ela hesita antes de falar.

— Não dá. Eu quero fazer as coisas da forma certa e não ser uma vadia como minha mãe.

Era só o que me faltava, além de ser crente, noiva do meu irmão, ela ainda tem um passado como empecilho para entregar-se a mim. Nunca tive tão pouca sorte com uma mulher antes.

— Ser minha não vai fazer de você uma vadia. — É claro que vai, ela é noiva e foder com outro cara a fará uma vadia. Mas isso não me importa. — Vai te fazer a mais desejada e saciada das mulheres. — Cacete, estou quase implorando.

Ela balança a cabeça, cruza os braços na frente do corpo, olha para uma direção qualquer, depois volta a me fitar.

— Eu sinto algo por você, não vou negar. Mas me dá um tempo, ok? Eu acabei de te conhecer.

Para meu total espanto, suas palavras fazem meu coração bater mais acelerado no peito, pela esperança que ela acabou de me dar, de que um dia será minha, não hoje ou agora, mas quando ela decidir e farei de tudo para que decida o quanto antes. Preciso saciar esse tesão louco que me consome, pois apenas assim a tirarei da minha cabeça e a deixarei livre para o meu irmão.

— Está certo. Darei a você o tempo que precisar. — Falo.

— Vamos almoçar. Estou faminta.

— Eu também estou.

Ainda não comemos nada hoje e apesar disso eu trocaria a refeição por mais um momento com ela. Mas não posso deixá-la morrer de fome.

Assim, deixamos a moradia e nos dirigimos para o barracão onde são preparadas as refeições, o delicioso cheiro de peixe assado partindo de lá. O lugar está abarrotado de índios, que comem o peixe com arroz com as mãos, em cuias, sentados no chão, conversando animadamente.

Anita parece ser muito querida por eles, pois é recebida com euforia. Muitos lhe dirigindo sorrisos, conversando com ela naquele idioma incompreensível. Para mim, alguns olham com hostilidade, outros com curiosidade.

Anita serve-me uma cuia com o arroz branco e o peixe. Fico impressionado com seu jeito submisso de ser, servindo a mim antes de servir a si mesma. Será uma esposa perfeita para o machista do Apolo. Já para mim não serviria, eu prefiro mulheres mais rebeldes. Mas que tolices estou pensando! Nenhuma serve para mim. Nunca me casarei. Prender-me a uma mulher apenas, definitivamente, está fora dos meus planos.

Recosto-me ao tronco de árvore que segura o teto do barracão e uso a mão para levar a comida até a boca. Apesar de extremamente anti-higiênico, não é tão desconfortável quanto imaginei. Acredito que seja capaz de viver assim. Sem falar que o sabor da comida é uma delícia, isento dos conservantes que são usados nos alimentos da cidade.

Após servir-se diretamente da gigantesca panela de ferro, onde o arroz foi preparado, no fogão à lenha, Anita se junta a mim. Cada fibra do meu corpo alertando-me da sua perturbadora proximidade.

— O que está achando? — Ela pergunta, antes de enfiar os dedos sujos de comida na boca para lambê-los, um gesto que me faz imaginar meu pau no lugar dos seus dedos, entrando naquela boquinha linda e imediatamente tenho uma ereção.

Caralho! Se não comer essa mulher logo vou acabar tendo problemas de reprodução por excesso de tempo ereto sem alívio.

— Até que não é tão ruim assim. A comida é gostosa. Natural. Apesar do desconforto.

Ela sorri lindamente, suas duas piscinas azuis iluminando-se.

— Quando se conhece a vida perto da natureza o conforto torna-se apenas um detalhe dispensável.

Aí está algo de que eu duvido. Mas se ela está dizendo, melhor não contestar.

Após a refeição, vejo os índios beberem água de um pote de barro e entrarem em suas casas. Certamente para tirar um cochilo nas suas redes encardidas, pois apesar do calor intenso que voltou a reinar após a chuva, os barracos de palha oferecem um ótimo isolamento térmico. Sinto vontade de fazer o mesmo que eles, mas Anita quer me mostrar o lugar.

Primeiro leva-me para conhecer sua escola. Funciona em mais um dos casebres de palha de um cômodo apenas. Neste há carteiras escolares e até uma lousa. Segundo Anita, o mobiliário foi cedido pelo governo, por meio da FUNAI, embora haja a necessidade de muito mais, como livros didáticos e recursos tecnológicos. Os alunos são crianças com idade entre seis e doze anos. Cauere e alguns

outros adultos, foram exceções, aprenderam o português para se comunicar ou mediar à comunicação entre o cacique e os membros da FUNAI.

O segundo lugar que conheço é a casa de orações, uma igreja improvisada em outro dos barracos. Neste não há móvel algum e Anita me explica que durante o culto cada membro leva seu tamborete. Depois é a vez de conhecer o lugar onde se toma banho. Partimos por uma trilha estreita aberta entre a mata que dá acesso a um riacho de águas cristalinas, onde algumas mulheres e crianças tomam banho completamente nuas. O lugar onde os homens tomam banho fica mais adiante e Anita não quer me levar lá pelo fato de que pode haver algum indígena o usando agora.

Após o tour estou tão cansado pela viagem longa, e fadigado de calor, que não quero mais nada que não tomar um banho e cair na cama, agora no caso, na rede. Então, pego uma toalha e roupas limpas e sigo para o local do rio que Anita me indicou. Chegando lá, encontro alguns índios tomando banho, todos parecendo debochar de mim quando tiro as roupas e mergulho na água, mas simplesmente os ignoro.

— Índio achar que Kiura muito branco, tem que pintar o corpo. — Um dos índios fala, surpreendendo-me com seu português.

— O que ser Kiura? — Pergunto, imitando o jeito dele.

Todos sorriem com deboche, sem que eu compreenda a razão.

— Kiura ser você. Irmão de Catú. Kiura ser irmão na nossa língua.

— Ah, tá, entendi. Mas Kiura gosta de ser banco. Não quero me pintar.

Ele franze o cenho, me encarando fixamente com olhos ameaçadores, assustadores.

— Você confronta meu povo recusando gentileza nossa!? — Fala curto e grosso.

— Mas se você faz tanta questão eu me pinto, sem problemas.

Ele me encara por mais um instante e cai na gargalhada, em uníssono com os outros.

Estão me fazendo de trouxa. E há quem pense que índios são pessoas ignorantes totalmente sem cérebro. Eu pensava isso.

— Nós brincar com Kiura, para dar risadas. Só se pinta se quiser ficar mais bonito.

E eles gargalham de novo.

Mergulho e faço piruetas na água refrescante, sentindo-me completamente à vontade com minha total nudez. Até que não é tão ruim assim. Enquanto as pessoas da cidade precisam viajar quilômetros, apenas em determinadas épocas do ano, para darem mergulhos como esses aqui podem fazer isso diariamente. Começo a compreender o que tanto prende Apolo e Anita a esse lugar.

Não tenho pressa em sair do banho, pois a água está maravilhosa.

É fim de tarde quando volto à aldeia, usando roupas limpas, sentindo-me mais relaxado, até um pouco satisfeito. De repente, me ocorre que não existe energia elétrica aqui e me apavoro ao imaginar como será quando a noite cair. O risco de sermos atacados por algum animal selvagem no

meio da escuridão.

Afastando os pensamentos, deito-me na rede e começo a balançar. O embalo me agradando, me relaxando cada vez mais. A ausência do incessante barulho da cidade agora substituído por um silêncio gostoso, quebrado apenas pelo burburinho dos insetos e de outros animais. O som da natureza na sua forma mais crua, afastando todas as minhas preocupações, submergindo-me numa tranquilidade tão gostosa, que me faz desejar ficar aqui por muito mais tempo do que pretendia.

Estou quase adormecendo, completamente mergulhado na escuridão agora, quando Anita entra no barraco carregando uma lamparina confeccionada com latão. A chama fraca iluminando seu semblante lindo, sereno.

— Você não quer jantar? — Ela pergunta com sua voz delicada, o único som que parece melhor que o da natureza.

— Estava aqui me perguntando se acertaria o caminho do barracão em meio a toda essa escuridão. — Falo e ela sorri tão lindamente que quero puxá-la para dentro da rede e fazê-la minha.

— Venha, você vai ter uma surpresa.

Curioso, levanto-me e a sigo para fora do casebre, surpreendendo-me ao me deparar com uma gigantesca fogueira acesa bem ao centro da clareira que os barracos circulam, alguns indígenas usando vestes de palha dançam em volta dela, embora não haja música alguma tocando. Outros estão sentados, apenas observando e todos parecem muito felizes.

— O que é isso? Uma espécie de ritual da colheita? — Quero saber.

— Não. É apenas uma forma de não deixar a escuridão assustar as crianças e de se divertirem também.

E eles realmente parecem estar se divertindo.

Anita oferece-me um tamborete próximo à fogueira, afasta-se por um instante e retorna carregando uma cuia com comida, entregando-a a mim, para logo em seguida sentar-se ao meu lado.

O cheiro da comida é gostoso, mas não sei exatamente o que é. Parece um tipo de guisado.

— O que é isso? — Pergunto.

— Sopa de peixe com arroz. É bom. Experimente.

Uso os dedos para levar a comida à boca e me surpreendo, mais uma vez, com o delicioso sabor. Parecido com pirão de peixe, só que mais gostoso, sem conservantes ou temperos picantes.

Como tudo sob o olhar satisfeito de Anita, enquanto os índios continuam sua dança estranha em torno da fogueira, como se praticassem um ritual sinistro africano, do tipo que se vê em filmes sobre a África.

CAPÍTULO VIII

Anita

Victor está tendo a reação que a maioria das pessoas tem ao conhecerem uma aldeia indígena. Primeiro ficou atônito com a falta de conforto e de higiene, para logo em seguida desejar fazer parte do lugar. Tomar banho todos os dias no rio, saborear a comida sem conservantes, dormir na rede e deliciar-se com o som da natureza. Logo ele estará querendo vestir e se pintar como os índios. Foi assim comigo, com Apolo e está sendo com ele.

Com ele foi mais depressa, chegou hoje e já está apreciando as coisas da natureza. Comigo demorou um pouco mais, porém, ainda sinto esse desejo enorme de me livrar de todas as minhas roupas sufocantes e andar por aí com os seios à mostra como as índias.

As chamas da fogueira iluminam o semblante relaxado, quase feliz de Victor, deixando-o lindo como um anjo, irresistível como o inferno. Quanto mais olho para ele, mais o desejo. Sei que deveria odiá-lo, por sua parcela de culpa sobre o que aconteceu a Apolo, mas simplesmente não consigo mais. Pelo contrário, a cada instante que passo ao seu lado, o quero com mais intensidade. Já não tenho controle sobre mim mesma, sobre meus sentimentos. Estou entregue à luxúria que passei toda a minha vida evitando.

Esta tarde quando ele me beijou na sua tenda, quando me tocou de forma tão íntima, despertando todo aquele turbilhão de sensações adormecidas dentro de mim, não tive mais dúvidas: serei sua, completamente. Mesmo que por uma noite, ou por um breve instante, já que um homem como ele não se casaria comigo, ou com qualquer mulher.

Estou disposta a sacrificar o meu futuro. Todos os planos que fiz para a minha vida. De ser uma boa esposa, seguir a palavra de Deus, em nome desse desejo cego que Victor me desperta.

Queria ter sentido isso por Apolo, assim não me tornaria tão pecadora, já que nos tornaríamos marido e mulher. Mas nunca senti nada parecido por ele ou por qualquer outro homem. Victor foi o único capaz de me fazer desviar do meu caminho.

Depois de passar pelas mãos dele, como muitas passaram não me restará mais nada. Não terei mais o direito de pregar a palavra, não serei mais missionária, pois terei cometido o pecado do adultério e o de me tornar uma vadia, entregando-me a um homem com quem não tenho compromisso algum. Quando ele se cansar de mim, como se cansou de todas as outras, voltarei para a Argentina e me tornarei vendedora na loja de roupas de Tereza. Talvez nunca me case, pois não saberia construir uma vida ao lado de um cara que não fosse cristão e um crente dificilmente aceitaria se casar com uma mulher que não seja mais pura.

Toda a minha vida será mudada. Destruída por causa do desejo insano que sinto por um homem

que deveria odiar, mas não consigo. Não mais.

Apolo tomou a pior decisão da sua vida ao enviá-lo comigo para um lugar como esse, onde as sensações estão à flor da pele. Por causa disso destruirei o que tínhamos, tudo o que construímos até aqui e o que pretendíamos construir pela frente.

Acutí, uma das mulheres mais idosas e consideradas mais sábias da aldeia, a mesma que há poucas horas veio me dizer que há muito mais sentimentos entre mim e Victor que entre mim e Apolo, senta-se ao lado de Victor, oferecendo-lhe gentilmente uma cuia de chá. Espero que não seja o chá de maconha que deixa os índios tão animados. Se for Victor provavelmente reconhecerá o cheiro, pois um jovem da cidade certamente já deve ter experimentado maconha, e recusará. No entanto ele aceita, dirigindo um sorriso gentil à velha mulher, ingerindo quase todo o líquido fumegante com um só gole.

Não demora muito para que ele comece a sorrir feito um bobo, seus olhos avermelhados. Espero que saiba se comportar e não cometa nenhuma sandice. Mas isso seria esperar muito de quem não tem costume com a droga. Logo ele tira a camisa, jogando-a para mim, e se junta aos índios que fazem os passos de dança em torno da fogueira, imitando-os tão desengonçado que chega a ser engraçado. Porém tão charmoso que chega a ser irresistível.

Graça a Deus não se trata de uma cerimônia formal dos indígenas e todos levam as atitudes de Victor na brincadeira.

— Por que a senhora deu maconha pra ele, Acutí? — Pergunto.

— Queria saber se Kiura é homem bom.

— E como pode saber disso dessa forma?

— Se ele fosse ruim estaria sorrindo diferente. Debochando da nossa dança, da nossa cultura. Mas ele está lá entre nós, se divertindo, nos respeitando.

— Ele só está doidão.

— É assim, fora da realidade que todo mundo mostra seu interior.

— Então quer dizer que ele é bom?

— Sim e gosta de Anãma com todo o seu coração. Isso está escrito nos olhos dele.

Anãma é como eles me chamam. Significa amiga.

— Eu tenho minhas dúvidas de que existe um coração dentro daquele peito.

— Anãma gosta dele também. Só falta deixar esse sentimento sair.

Acho que pela primeira vez desde que cheguei aqui, há dois anos, Acutí está enganada. Ou não sabe diferenciar tesão de gostar.

Algumas horas depois, são necessários três indígenas para carregar Victor até sua rede, pois o excesso de chá de maconha tirou-lhe as pernas. Acompanho-os para me certificar de que ele não falará nenhuma bobagem ao povo que nos acolhe e passo o maior vexame quando ele tenta me puxar

para dentro da sua rede diante dos rapazes, que acham tudo muito engraçado.

Fico com ele até que pegue no sono e volto para minha tenda.

Depois de várias noites na cidade, com o barulho insuportável me impedindo de dormir uma noite inteira, finalmente o faço na minha rede, dormindo profundamente durante toda a noite, ao som delicioso da natureza.

Desperto cedo na manhã seguinte, sentindo-me revigorada. Vou ao rio, desprovido de pessoas, já que não é costume local tomar banho a essa hora, dou alguns mergulhos, passo no barracão onde as mulheres preparam o tradicional beiju, faço a refeição junto com as crianças e vamos para a escola.

Como sempre a aula é muito dinâmica, pois ficar sentado, parado, é algo que esse povo não consegue. Mas me divirto muito ensinando assim. Tenho a impressão, inclusive, de que as crianças ficam mais atentas ao aprendizado que aquelas que precisam ficar quietinhas nas suas carteiras nas escolas da cidade.

Ao final da aula, quando deixo o barracão, por volta das dez da manhã, surpreendo-me ao ver Victor ensinando os rapazes da aldeia a jogar futebol, no meio da grande clareira, com uma bola improvisada, confeccionada com plástico e papel. É a primeira vez que o vejo hoje e ele me parece mais atraente que nunca, quente como o inferno. Não está usando camisa, apenas uma bermuda de tecido e está descalço, começando a seguir os costumes locais com uma rapidez impressionante. O que para mim é uma tortura, já que tenho que olhar para aquele peito nu, musculoso, ligeiramente peludo, sem poder tocar.

Só de vê-lo assim, tão nu, à vontade, já estou úmida no meio das pernas.

Maldição! O que há de errado comigo? Vou mesmo jogar fora todos os meus princípios por causa desse homem?

Ele descansa as mãos nos quadris e olha para mim ofegante. Seus olhos cor de mel se tornando mais claros e lindos sob a luz do sol, e me dá uma piscadela, sem disfarçar sua cara de safado.

Simplesmente sou incapaz de resistir à tamanha tentação. O sangue da minha mãe é mais forte nas minhas veias do que eu supunha e minha verdadeira tendência está se revelando agora.

Seguindo a um impulso incontrolável, pisco de volta para ele, que se mostra entre surpreso e eufórico com este gesto e caminha lentamente na minha direção.

Ele fica tentadoramente lindo sem camisa. Simplesmente irresistível. Está suado, as gotículas escorrendo através da sua pele queimada de sol. Isso unido ao brilho de lasciva que há em seus olhos deixaria qualquer mulher de calcinha molhada.

Ele chega tão perto que sou atingida pelo cheiro gostoso do seu suor, minhas pernas tornando-se subitamente trêmulas, minhas mãos transpirando.

Porra! O que há comigo? Porra! Por que estou falando porra?

— Divertindo-se? — Pergunto, forçando o tom de voz casual, para que ele não perceba o quanto me atinge.

— Esses caras são mais espertos do que eu pensava. Estão jogando quase tão bem quanto eu.

— E como foi sua noite? — Estou me referindo ao efeito da maconha no seu organismo e ele sabe disso.

— Putz! Nem me lembre. Aquela velha é doida, me encher de maconha daquele jeito. Eu falei muita bobagem?

— Nada demais. Eles até gostaram de te ver dançando. Mas acho melhor você evitar aquele chá, pois haverá ocasiões em que você não poderá se unir a eles na dança.

— Aff! Nunca mais bebo aquilo.

— Vamos almoçar?

— Vamos.

Nos dias que se seguem, Victor mostra-se cada vez mais mudado. Seu comportamento desleixado, peculiar aos rapazes da cidade, que não estão nem aí para nada, vai desaparecendo espantosamente depressa. Demonstra estar tão apaixonado quanto eu pela cultura indígena e pela natureza que nos rodeia. A princípio relutou em participar dos cultos, durante os quais tomei o lugar de Apolo ao ministrar a palavra de Deus, mas aos poucos está se tornando cada vez mais participativo. Chegou a confessar-me que está lendo as escrituras de Apolo. Registros que ele faz de milagres que presencia, do poder de Deus na sua vida e das constantes demonstrações do seu amor pelos seres humanos. Acredito que com o tempo, Victor passará a acreditar Nele e, quem sabe, chegue até a se converter.

A atração que sinto por ele cresce mais a cada dia, assim como a minha certeza de que estou perdida nesse sentimento único que me liga a ele. Victor, por sua vez, não perde nenhuma oportunidade de exteriorizar o que sente por mim. O quanto deseja me possuir e, infelizmente, em meu íntimo eu posso sentir que é só isso o que ele quer. Ainda assim, estou decidida a seguir meus instintos.

É manhã de sábado, dia em que não há aula. Os homens mais fortes da aldeia partiram numa caçada que durará pelo menos três dias, as esposas estão chorosas pela distância e pelos perigos oferecidos pela floresta aos quais os homens estão expostos.

Ontem durante a comemoração de despedida dos caçadores, Victor me beijou novamente, me acariciou nos lugares mais íntimos e por pouco não me entreguei a ele. Usei o último vestígio de sensatez que me restava para resistir. Hoje já não estou tão forte. Vendo a falta que os maridos das índias fazem a elas, sinto-me solitária. Desejando ter alguém a quem dedicar meus sentimentos e como Apolo está longe, resta-me apenas Victor e o louco turbilhão de sensações que me domina quando estou em seus braços.

Após o café da manhã, coloco um tamborete diante do meu casebre e sento-me. Pouco depois, Victor acorda e ao deixar sua tenda, vem direto falar comigo.

— Bom dia princesa. — Fala, fitando-me com seus olhos perturbadores.

Fito-o diretamente naqueles olhos e tomo a decisão mais insana da minha existência, aquela

contra a qual lutei e perdi a batalha.

— Vem comigo. Quero te mostrar um lugar.

O rosto dele fica muito sério e daria um rim para saber o que está se passando pela cabeça dele.

— Vamos.

Caminhamos lado a lado rumo à trilha que leva ao rio, entrando na mata densa. Está tudo muito calmo e silencioso nos lugares onde se toma banho. Todos apáticos com a saída dos caçadores.

Seguida de perto por Victor, passamos direto por ali, seguindo para um lugar que encontrei recentemente. Um trecho do rio que forma uma pequena cascata, tão escondido na mata que poucas pessoas o conhecem. É lindo aqui.

— Onde estamos indo? — Victor quer saber.

— Um lugar que quero te mostrar. Não tenha medo. Não há crocodilos por lá.

— E quem disse que estou com medo?

“Seus olhos, baby”

Caminhamos mais alguns metros e por fim chegamos. É um lugar realmente magnífico. Há pedras gigantescas emergindo da água rasa, uma cascata pequena, precedida de um lago de águas tranquilas.

— Chegamos. O que achou?

Minha voz soa trêmula, pois tenho o coração batendo descompassado no peito e as pernas meio moles. Nunca imaginei que faria com outro homem, aquilo que sonhei fazer apenas com Apolo. É quase com ele, já que a aparência de Victor é a mesma, porém as personalidades são contraditórias. Apolo jamais me tocaria como de fato não tocou, antes de se casar comigo. Quanto a Victor, quer apenas momentos e aprendi a querê-lo tanto, que estou disposta a ter esses momentos com ele. O futuro... Ah, não quero pensar nele agora.

— É lindo. Mas o que viemos fazer aqui?

É sério que ele ainda não sabe? Não pode ver nos meus olhos que estou disposta a me entregar a ele? A esse sentimento louco que me queima por dentro mais a cada dia?

— Achei que seria o lugar perfeito para a minha... Primeira vez... — Falo, fitando-o diretamente nos olhos.

O lábio inferior dele treme brevemente e no instante seguinte estou em seus braços, completamente tomada pelo seu corpo. Seus lábios estão nos meus, sua língua na minha boca, seus braços em volta da minha cintura, seu peito forte pressionando meus seios. Tudo muito deliciosamente.

— Ah, Anita... Esperei tanto por esse momento... — Ele sussurra de encontro aos meus lábios, sua voz ligeiramente trêmula.

— Eu também... Desde aquele dia que me beijou na sua tenda, decidi que seria sua. Não importa

o preço que tenho que pagar por isso.

— Xiiii... Não pense em nada disso agora. Pense apenas em nós dois. Se entregue ao que está dentro de você.

A pressão dos seus lábios sobre os meus aumenta, sua língua deliciosa explora minha boca, voluptuosamente. É o suficiente para que uma explosão de desejo aconteça dentro de mim. Todo o meu corpo fremente intensamente, ansioso por ser tocado, acariciado por suas mãos hábeis.

Como se fosse capaz de ler meus pensamentos, Victor afasta-se o suficiente para segurar na barra do meu longo vestido e puxá-lo para cima, passando-o pelos meus braços e cabeça, comigo facilitando sua saída. Fico só de calcinha e sutiã, diante dos olhos atentos dele, que examinam cada detalhe do meu corpo, para em seguida abrir o fecho do meu sutiã, desnudando meus seios, com os mamilos intumescidos pelo tesão.

— Você é linda... — Ele diz.

E sem esperar resposta, inclina-se para colocar um dos meus seios na sua boca, sua língua fazendo círculos sobre meu mamilo, para depois chupá-lo, deixando-o ainda mais duro.

Toda a pele do meu corpo parece em chamas agora, principalmente no meio das minhas pernas. E nada mais parece importar que não a luxúria que toma conta de mim.

Cega pelo desejo coloco minhas duas mãos por debaixo da camiseta dele, acariciando os músculos bem definidos do seu tórax, coberto por poucos pelos, como há muito queria fazer.

Ele afasta-se brevemente para tirar a camiseta e sinto vontade de morder aqueles músculos deliciosos. Mas ele não me dá a chance, inclina-se novamente e abocanha meu outro seio, mamando-o, lambuzando-o com sua saliva lascivamente. Tão deliciosamente que deixo escapar um gemido de súplica. Súplica para que ele não pare, se o fizer, sou capaz de morrer.

Ensandecida de tesão levo minha mão à protuberância que se faz na sua bermuda, apertando seu pau por sobre o tecido, movendo minha mão sobre ele como ordenam meus instintos.

Victor desce sua boca pelo meu corpo, deixando-me louca. Sem parar de me lambe, passeia pela minha barriga, ventre e dá uma mordidinha no meu sexo antes de tirar minha calcinha pelos pés, parando para observar minha boceta, suas mãos segurando meus quadris dos dois lados, possessivamente.

— Algo errado? — Pergunto quase desesperada pela demora dele em continuar suas carícias, em levantar-se para que eu possa tocá-lo.

— Pelo contrário. Estou admirando-a. Tudo em você é lindo. Essa boceta então...

Silenciando-se, ele levanta e me ergue em seus braços, para em seguida estender-me sobre a relva baixa às margens do rio. Afasta minhas pernas uma da outra, encolhendo meus joelhos, de modo que fico completamente arreganhada diante do seu rosto e volta a colocar sua boca em mim, desta vez na minha intimidade. Sua língua atrevida se infiltrando entre meus grandes lábios, me deixando doida a ponto de me escapar um gritinho.

Ele me lambe bem ali onde sou mais sensível, sua língua subindo e descendo, alternando entre a entrada da minha vagina e meu clitóris. Agarra meu clitóris com os lábios e o chupa, tão deliciosamente que deixo escapar outro grito, de puro prazer.

— Ah! Minha nossa! — As palavras escapam da minha garganta.

Victor continua chupando meu grelo e estou perdida, em chamas. Todo o meu ser transformado em sensações e sentidos, até que pouco a pouco tudo se concentra na altura do meu ventre, para logo eu explodir num orgasmo enlouquecedor, que me leva ao delírio. Afundo meus dedos nos cabelos dele e puxo sua cabeça com força, louca, fora de mim. Meu corpo tremendo. Os gemidos fugindo da minha boca, meus olhos revirando, até que tudo se acalma. Então ele volta a beijar-me nos lábios, mais devagar desta vez.

— Experimente seu gosto Anita. Sinta o quanto você é gostosa. — Ele sussurra de encontro aos meus lábios e é suficiente para que uma onda de tesão percorra todo o meu corpo, como uma corrente de eletricidade.

— Deixe-me sentir o seu. — Falo.

Ele interrompe o beijo para fitar-me com espanto.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Você não precisa fazer isso se não quiser.

— Eu quero.

Levo minha mão ao pau dele e o aperto por sobre a bermuda, ansiosa por colocá-lo na boca, como as mulheres dos filmes pornográficos que minha mãe me obrigava a assistir faziam. A luxúria é capaz de despertar esse tipo de desejo, agora sou capaz de compreender.

Sem hesitar, Victor ergue-se, ficando de joelhos sobre a relva e abre o fecho da sua bermuda. Como está sem cueca, seu pau salta do tecido. Enorme, grosso, com veias protuberantes, poucos pelos no seu ápice e um líquido viçoso saindo da sua ponta. Olho para aquilo, a primeira vez que vejo um ao vivo e a cores, e acho que é a oitava maravilha do mundo. Minha boceta palpita para senti-lo inteiro dentro de mim, minha boca saliva. Onde vou querer primeiro?

Victor tira sua bermuda e senta-se apoiando o corpo para trás, nas duas mãos, deixando claro o que devo fazer. Lógico, fui eu quem pediu, agora precisarei esperar um pouco mais para senti-lo rasgando minha carne.

Relembrando como as mulheres dos filmes faziam, coloco-me de quatro na frente dele empinando meu traseiro. Descendo minha boca até seu pau duro, delicioso, abocanhando-o com cuidado para não passar os dentes, levando-o até minha garganta, quase me engasgando por causa do tamanho avantajado. Volto à boca para a ponta e refaço o movimento. A princípio lentamente, para logo mover minha cabeça cada vez mais depressa, seu pau entrando e saindo, seus gemidos me incentivando a continuar. Ele fica mais duro dentro da minha boca e paro subitamente, passando apenas a lambê-lo lateralmente, minha língua escorregando para cima e para baixo, passeando pelo seu

saco limpo, depilado.

— Caraca! Que tesão! Onde você aprendeu a fazer isso? — A voz dele está marcada pela respiração pesada.

— Depois eu te falo. — Respondo, sem tirar minha boca daquela delícia.

— Isso está muito bom, mas vem cá. Deixe-me comer essa boceta, porque já esperei demais.

Com um gesto muito rápido e brusco ele me deita no chão, colocando-se sobre mim, apoiando seu corpo nas mãos e joelhos, seus olhos fixos nos meus.

— Está pronta pra isso Anita? — Ele pergunta a expressão fervorosa dos seus olhos hipnotizando-me.

— Mais que pronta...

E é verdade, não suporto mais esperar para senti-lo finalmente dentro de mim.

Então, ele posiciona seus quadris entre minhas pernas e com outro gesto rápido e brusco, entra em mim. Seu pau grande, duro como uma rocha, rasgando-me a carne, abrindo caminho para dentro do meu corpo.

Um grito agudo escapa da minha garganta, a dor se misturando ao prazer.

— Caralho isso dói! — Não acredito que disse essa palavra.

— É porque é sua primeira vez. Relaxe e acostume-se com meu tamanho. Só não me peça para parar, porque eu seria incapaz.

— Ah! Por favor, não pare.

— Então aguenta. Porque vou de novo.

Ele puxa os quadris para cima e dá outro golpe violento, seu pau entrando forte em mim. Sobe e desce novamente, e mais uma vez e de novo, até que toda a dor desaparece, dando lugar a um tesão louco, que me faz querer gritar, gemer, chorar.

— Que delícia essa bocetinha. É tão apertada que tá difícil de entrar.

— Ah! Victor, como isso é bom.

— Eu sei. Toma mais, toma meu pau nessa sua bocetinha apertada.

A cada frase ele dá uma estocada do seu pau na minha boceta, mais forte, mais fundo, mais depressa. Enlouquecendo-me.

— Me dá esse pau, que... Quero-o todo em mim... Assim... Ahhhh

Já não sei o que estou dizendo. Toda minha sanidade sucumbida ao prazer, a luxúria, a essa doce tortura que me enlouquece.

Tudo se concentra aqui em baixo, estou quase gozando quando ele desacelera os movimentos, entrando muito lentamente agora, quase parando.

Movo meus quadris contra ele, buscando-o mais, recusando-me a perder as sensações.

— Quer gozar, né? Então peça.

— Me fode.

— Pede melhor.

— Por favor, mete esse pau em mim.

— Então vem cá.

Ele sai do meu interior, tão tempestuoso quanto entrou. Com mãos fortes, vira-me de bruços, puxando meus quadris para cima, colocando-me de quatro e volta a me penetrar, com força, com brutalidade, seu pau grande quase me rasgando ao meio, deliciosamente. Indo mais fundo agora, o som da sua pélvis se chocando contra minhas nádegas misturando-se ao som dos meus gemidos de súplica. Uma súplica desesperada por mais. Mais daquele pau em mim.

— Ai que delícia Victor, não para... Vou gozar...

Ele segura meus cabelos e puxa-os para trás, forçando-me a erguer minha cabeça virando meu rosto para o lado, enfia sua língua na minha boca, ao mesmo tempo em que mete sem dó em mim, com força, tão fundo, tão gostoso, que o orgasmo vem arrebatador, me fazendo gritar contra a boca dele. Todo o meu corpo sacudindo, indo de encontro ao dele, numa loucura indescritivelmente boa, até que fico imóvel e ele sai da minha vagina, puxa meus cabelos ainda mais forte, forçando-me a virar de frente a ele e enterra seu pau lambuzado pelo meu gozo e pelo meu sangue na minha garganta. Seu esperma jorrando abundante dentro de mim, seus espasmos se fazendo ali, deliciosamente, até que engulo o último vestígio do seu leite e ele se retira saciado, trazendo seus lábios até os meus, chupando minha língua com possessividade, para em seguida deitar-se sobre a relva, puxando-me com ele, aninhando-me no seu peito largo, meu coração batendo descompassado conta seu corpo suado.

— Se eu morresse agora, morreria feliz. — Ele solta, sua respiração ainda mais ofegante.

— Não fale de morte em um momento tão lindo.

— Ah! Meu Deus! Foi sua primeira vez. Eu devia ter sido mais delicado. Que animal que sou...

Coloco meu dedo indicador sobre seus lábios, silenciando-o.

— Não diga isso. Foi simplesmente perfeito.

CAPÍTULO IX

Victor

Putá merda! Putá merda! Que espécie de animal irracional sou eu? É a primeira vez de Anita a fodo sem dó nem piedade. Eu devia ter sido mais gentil, delicado, no entanto fui bruto, quase violento, tamanho é o tesão que ela desperta em mim. Putá merda! Que porra de troglodita sou eu? A garota abre mão da sua virtude por mim e é assim que a trato? Serei mais gentil da próxima. Pelo menos vou tentar.

Ainda não sei porque ela mudou de ideia ao meu respeito, se há apenas uma semana atrás me odiava pelo que aconteceu a Apolo. Definitivamente jamais compreenderei as mulheres. Principalmente Anita, que parece um enigma para mim.

— Por que você mudou de ideia ao meu respeito? Ao nosso respeito? — A pergunta me escapa.

Ela percorre a ponta do seu dedo indicador do meu pescoço até minha pélvis, me causando arrepios.

— Cansei de lutar contra o que eu sinto. Decidi que seria sua naquela manhã chuvosa quando me beijou na sua tenda.

— Poxa! E me fez esperar todos esses dias?

— Eu precisava ter certeza do que queria. Certificar-me dos meus sentimentos.

Sentimentos não é um assunto sobre o qual gosto de falar, por isso, mudo de conversa.

— Me explica onde você aprendeu a pagar um boquete tão gostoso. Já tinha feito isso antes?

Ela sorri. Seu rosto lindo se tornando vermelho.

— Não. Nunca. — Faz uma pausa antes de prosseguir. — Minha mãe era uma prostituta e determinou que eu tomasse o lugar dela quando tivesse idade suficiente. Então me ensinou tudo o que eu precisa fazer com um homem. Nunca me mostrou pessoalmente, mas me fez ver muitos filmes.

Agora posso compreender o que ela queria dizer ao afirmar que não se tornaria uma vadia como sua mãe.

Fito-a compadecido. Não deve ter tido uma boa infância. Mais uma vez, ponto para a religião, que a salvou de um destino tão triste.

Não que eu tenha algo contra as prostitutas, pelo contrário, já contratei os serviços delas mais de uma vez, mas acho isso uma forma de vida muito humilhante e triste.

— Eu lamento que tenha passado por isso.

— Não lamente. Isso serviu pra eu saber exatamente o que não queria para a minha vida.

Ela queria se casar pura e eu tirei isso dela. Estaria com a consciência pesada se não tivesse sido tão bom. Bom a ponto de não me arrepender.

Seus lábios macios deslizam pela pele do meu pescoço e é o suficiente para que meu pau fique duro de novo. Preciso possuí-la, estar dentro dela, com urgência, ou morrerei.

— Vem cá. Deixa eu te mostrar o lado bom da vida.

Tento ser gentil ao colocar-me de pé e puxá-la para cima, erguendo-a do chão, segurando-a em meus braços, mas o tesão desenfreado, a pressa em tê-la novamente, deixa os meus gestos bruscos. É algo que simplesmente não consigo controlar.

Carrego-a para o lago de águas tranquilas e, ainda segurando-a nos braços, submersos na água até a cintura, lavo o sangue que está grudado no ápice das suas coxas, os últimos vestígios da sua virgindade.

Uma vez ali, não consigo mais tirar minha mão. Passo a acariciar sua boceta carnuda, inebriado, louco de tesão, incentivado pelo gemido dengoso que parte dela.

— Não precisamos interromper o coito. Eu estou tomando anticoncepcional.

— Desde quando está tomando anticoncepcional?

— Desde que soube que seria sua. — Ela faz uma pausa, visivelmente constrangida. — Estava guardado pra o caso de Apolo mudar de ideia quanto a esperar pelo casamento. Comecei a tomar logo que chegamos. Eu sabia que aqui, não resistiria muito tempo a você.

— Você parece ter planejado isso muito bem.

— Só sabia que não sou capaz de evitar o inevitável.

— Isso faz de você uma mulher sabia.

Anita fica em pé dentro da água, embora eu seja incapaz de parar de acariciar sua boceta que parece mais inchada, meu dedo escorregando da entrada da sua vagina para seu clitóris, em suaves movimentos, fazendo-a gemer.

Ela enlaça seus braços em torno do meu pescoço e puxa-me para si, oferecendo-me seus lábios doces, os quais tomo com sofreguidão, minha língua invadindo sua boca. Aperta suas penas em torno da minha mão, intensificando minha carícia, esfregando a boceta em meus dedos, seus gemidos de súplica abafados pela minha boca.

Porra! Que mulher quente do inferno. Como Apolo conseguiu contê-la por dois anos?

Sem interromper o beijo e usando a água para amortecer o peso do seu corpo, ela abraça meus quadris com suas duas pernas, sua boceta arreganhada, deliciosamente molhada, esfregando no meu pau. É o meu fim, preciso estar dentro dela agora, não posso esperar nem mais um segundo.

Então, movo meus quadris ligeiramente para trás, encaixando a cabeça do meu pênis na entrada do seu canal e com um movimento muito rápido entro nela. Sua carne rija e escorregadia apertando

meu pau, quase o esfolando e essa é a melhor sensação que já experimentei.

Eu sei que prometi tentar ser gentil a fim de não machucá-la, mas não consigo. Obedecendo aos meus instintos mais primitivos, fodo-a com força, meu pau indo fundo na sua vagina, nossas pélvis se chocando com violência, fazendo a água se agitar.

— Me avise se eu te machucar... — Consigo falar, minha respiração muito ofegante.

Ela acabou de perder a virgindade, com nenhuma delicadeza, temo que possa estar dolorida.

— Oh... Sim... Aviso... Mas eu duvido que isso possa acontecer... Isso é bom demais... Não pare...

As palavras dela me incentivam e movo meus quadris ainda mais depressa, para frente e para trás, entrando e saindo dela, da forma que minha língua se move na sua boca.

Sinto todo o corpo dela se contrair de encontro ao meu, implorando por um alívio e desacelero os movimentos, para não deixá-la gozar, não ainda.

— Ah... Porra... Não para... — Ela balbucia.

— Mas que boca suja é essa? — Brinco. — Vinda de uma garota tão pura.

— Deixe-me gozar e te mostrarei o quão suja pode ser minha boca.

Caralho! Ela sabe como deixar um homem doido. Simplesmente perco o controle sobre meu corpo e o gozo se forma nas minhas entranhas, dando-me tempo apenas de meter com mais força e rapidez nela, para que goze junto comigo e logo acontece. Mergulhamos, ao mesmo tempo, num êxtase arrebatador, nossos corpos ondulando juntos, numa harmonia perfeita, meus espasmos se fazendo de encontro às paredes da sua vagina. Nossos gemidos abafados pela boca um do outro, até que ficamos imóveis, moles, embora eu me recuse a deixar o calor da sua vagina.

— Não sei como consegui viver tanto tempo sem isso. — Anita fala com um sorriso meio tímido, enquanto planta beijinhos pelo meu pescoço e peito. Todo o seu corpo grudado no meu, seu calor gostoso me causando uma nova onda de excitação.

Quando vamos conseguir parar?

— E eu sei que nunca mais serei o mesmo depois disso.

Subitamente, sinto minhas pernas fraquejarem e só não nos deixo cair porque estamos na água.

— Algum problema? — Anita pergunta alarmada. — Ah, meu Deus. Você não tomou seu café da manhã. Como pude ser tão egoísta em te chamar para vir comigo sem te deixar comer antes?

Ela tenta se desvencilhar dos meus braços, a impeço, apertando-a com mais força de encontro a mim.

— Não estou com fome. Não com fome de comida.

— Mas você precisa se alimentar, ou vai ficar doente. Vamos voltar pra aldeia.

— Tudo o que eu preciso está aqui comigo. — Carrego-a para a margem e estendo seu corpo,

completamente nu, sobre a relva.As gotículas de água escorregando sobre sua pele branca. Contemplo fascinado sua beleza escultural. O quanto suas formas são perfeitas, com cada curva no lugar certo. Um corpo desenhado com o objetivo de deixar qualquer homem louco. — Deixe-me me alimentar de você.

Com meu coração batendo mais depressa no peito, coloco-me sobre ela, meu corpo grande cobrindo-a inteira e a beijo nos lábios.Um beijo de tirar o fôlego, depois escorrego minha boca pela maciez da sua pele, descendo pelo colo, saboreando seus seios, passando pela barriga e ventre, enquanto ela se contorce sob mim, gemendo dengosamente.

Por fim chego à sua boceta e a saboreio deliciado, passando minha língua por toda a sua extensão.Começando pela vagina, indo até o clitóris, circulando-o com a ponta da língua, quando então ela solta um gritinho.

— Vira pra cá. Deixa eu me alimentar de você também.

Sem hesitar, faço o que ela diz, virando meus quadris para a outra direção, de modo que meu pau, novamente duro, como se eu não tivesse acabado de gozar, fica sobre seu rosto. Ela o coloca inteiro na boca, como poucas mulheres conseguiram fazer, levando-o até sua garganta e o escorrega de volta, lambe a cabecinha, ingerindo meus líquidos, me deixando doido.

Porra! Que mulher gostosa do caralho! Sou mesmo um puto sujeito de sorte.

Cego de tesão, chupo seu clitóris inchado, tentando não machucá-la mais, pois apesar de dizer que não a machuquei antes, posso ver o quanto ela está inchada aqui em baixo. Queria ser cavaleiro e deixá-la descansar um pouco antes de comer sua boceta outra vez, mas sou um puto de um animal doido de tesão, quero mais é fodê-la.

Ela move sua cabeça depressa, para cima e para baixo, meu pau entrando e saindo da sua boca deliciosa, ao mesmo tempo em que sugo seu botãozinho e enfio um dedo na sua vagina lambuzada. Sei que precisa de poucos movimentos a mais para que estejamos gozando na boca um do outro, mas não quero assim, preciso sentir essa boceta gostosa apertando meu pau.É uma necessidade que não consigo conter.

— Vem cá gostosa, me deixa te foder de novo.

Fico esperando ela dizer que não agüenta mais, que está dolorida, mas não acontece. Prontamente, ela se coloca sobre mim, ao ver-me deitar de costas sobre o mato, agachando-se de pernas abertas sobre o meu pau, deixando-o escorregar para dentro do seu canal apertado, tão devagar que chega a ser doloroso.

— Toma minha boceta... É isso que você quer? Pois então me come, Victor... — Ela fala, enquanto move os quadris para cima e para baixo, em círculos, me deixando louco de prazer.O mesmo prazer que sinto com que meu nome sendo pronunciado por ela.

— Diz isso de novo. — Falo, observando seus seios duros balançando com seus movimentos.

— Dizer o que?

— Meu nome.

— Victor...

Nesse instante, eu quase a amo. Pena que eu não seja um homem que ama.

Descontrolado pelo tesão louco que corre solto nas minhas veias, se alastrando por todo o meu corpo, puxo-a para mim. Seu tórax se chocando contra o meu, seus seios sendo espremidos contra meus músculos, tomo seus lábios com uma sofreguidão desesperada, como se fosse a primeira vez que a beijasse. Com ela é sempre uma emoção nova, como se fosse à primeira vez. Estou realmente enfeitiçado por essa mulher. Simplesmente não tenho mais o controle sobre mim mesmo.

Excitado demais para lembrar-me do seu inchaço, seguro seus quadris e meto nela com brutalidade. Meu pau indo fundo no seu canal, nossas pélvis se chocando, fazendo barulho. Nossos corpos totalmente colados e é assim que um novo orgasmo se forma. Todo o meu corpo se contraindo junto ao dela, para logo explodirmos num gozo tão intenso que parece o primeiro que temos em meses, não o terceiro consecutivo.

Quando nossos corpos relaxam, ela escorrega para o lado, deixando uma perna sobre mim, descansando sua cabeça no meu ombro.

— Eu tenho a impressão de que amanhã você não vai conseguir fechar as pernas. — Falo.

— Acho que será um sofrimento cuja causa valeu à pena.

Ela fita-me e fica séria.

— Você está começando a ficar abatido. Se não comer alguma coisa vai desmaiar.

— Mais do que eu já comi? — Brinco.

— Deixa de ser palhaço, Victor.

— Cuidado para não ficar repetindo meu nome. Eu posso querer te dar algo para ocupar sua boca.

— Eu aceitaria de bom grado se não estivesse preocupada com você. — Ela levanta-se e começa a recolher suas roupas espalhadas pelo chão. — Vamos voltar pra aldeia. Há essa hora o almoço já está pronto.

— Volto se você prometer que depois do almoço continuaremos o que paramos aqui.

Ela sorri e me encara com um jeito safado que nunca vi nela antes e isso é o suficiente para me deixar de pau duro outra vez.

— Tá. Eu prometo, agora vamos.

De volta à aldeia, nos dirigimos diretamente para o barracão onde são preparadas as refeições. O lugar está abarrotado de índios, em sua maioria mulheres, crianças e idosos, já que os homens mais jovens ainda não retornaram da caça.

Eu e Anita temos os cabelos molhados e as roupas amarrotadas como evidência da nossa devassidão, mas se alguém ali percebeu o que estivemos fazendo, não deixou transparecer, pois somos recebidos com muita naturalidade e amistosidade.

Anita serve-me antes de servir a si mesma, do peixe assado com farinha de puba e nos sentamos lado a lado em tamboretas.

— Será que eles sabem o que fizemos? — Pergunto, num sussurro.

— Claro que sabem. Eles são mais espertos do que parecem. Apenas não interferem por saber que não têm nada a ver com nossas vidas.

Quero lembrá-la de que eles sabem que ela é noiva de Apolo, por isso o risco de nos dirigir sua hostilidade, mas me recuso a tocar no nome dele perto dela e correr o risco de despertar tudo o que ela sente por ele, sem falar no remorso por tê-lo traído. Quando ele se recuperar e voltar a assumir seu lugar na aldeia, se casará com ela mesmo sabendo que não é mais virgem pois é um homem de princípios. Não a abandonaria por causa de uma bobagem dessas. Quanto a mim, voltarei à minha vida normal, em Curitiba, como se nada tivesse acontecido.

Após o almoço, vamos para a tenda dela, a mais limpa e organizada que vi até agora. Inacreditavelmente, há uma cama aqui, como também uma estante abarrotada de livros, a maioria religiosos, como os de Apolo e até um aparelho de som movido à bateria.

Passamos toda a tarde entregues ao tesão louco que parece aumentar cada vez que nos entregamos a ele. Sequer vestimos mais nossas roupas, com exceção dos momentos em que precisamos sair para nos alimentarmos.

Espertas como são, as índias perceberam o que está acontecendo entre nós e prepararam uma espécie de vitamina de frutas que acreditam ser afrodisíaca, como se precisássemos disso. Precisamos talvez de um inibidor.

Dormimos agarradinhos na pequena cama dela, como há muito eu não dormia com uma mulher, já que escolhia os motéis para fodê-las e as deixava em casa logo depois de me satisfazer. Tinha me esquecido do quanto isto é bom. Ou nunca foi antes, como é agora.

No dia seguinte, Anita me leva para explorar a mata, mostrando-me lugares, animais e planta exóticos, como eu sequer cogitava existir. A companhia dela é extraordinária, pois consegue ser divertida, sensata e inteligente ao mesmo tempo. Apesar de viver isolada está atenta com diversos assuntos que tomam o país ultimamente.

Melhor que estar com ela, só mesmo estar com ela fazendo sexo.

Eu não me lembro de ter sido tão feliz antes como nos dias que se seguem. Estou sempre tranquilo, relaxado, fodendo uma mulher mais que gostosa, que me satisfaz como nenhuma outra já conseguiu.

Nos raros momentos em que ela adormece e eu fico acordado, continuo a ler as escrituras de Apolo que comecei logo que cheguei aqui. É uma espécie de diário onde ele registra momentos em que Deus provou sua existência por meio de milagres, ou acontecimentos comuns, que normalmente não prestamos atenção, mas que descritos do ponto de vista de Apolo, não há como duvidar da existência de Deus.

Um dos relatos mais marcantes trata-se de um episódio que ocorreu durante sua estadia no Peru,

quando em um acidente de carro fatal, em uma rodovia movimentada, toda uma família foi esmagada dentro da lataria do automóvel. Sendo que este foi completamente destruído e ainda assim uma criança sobreviveu, incrivelmente sem nenhum arranhão. Se isso estivesse apenas escrito eu não acreditaria, mas há uma foto do momento do acidente.

Apolo guarda fotos de momentos assim. São muitos, cada um mais incrível que o outro.

Em outro relato, ele coloca em questão o fato de que a África do Sul é um dos países do mundo que mais sofre com a miséria, além de ter dado origem a doenças medonhas como a AIDS. Há dezenas de fotos impressionantes deste lugar e sua sofrida população, que apesar do turismo gerado pela fauna rica, vivem em estado de completa pobreza, marcados pela fome, pela seca, por muito sofrimento. Em seu relato, Apolo liga esses acontecimentos ao fato de que a feitiçaria, é considerada uma religião na África, *a Bruxaria Moderna*, aquela que, segundo ele, mais afronta a palavra de Deus, pela prática de bruxarias, por isto essas pessoas são, visivelmente, abandonadas pelo Pai.

Lendo o que ele escreve, vendo as fotos, as coisas parecem fazer sentido e eu começo a acreditar na existência de Deus. Talvez essa nova crença seja a razão da paz interior, da tranquilidade que venho sentido ultimamente, apesar de ter ferrado com a vida da noiva do meu irmão. Eu não sou merecedor do amor de Deus e ainda assim, o sinto mais forte a cada dia.

Mas foi isso que ouvi Anita dizer durante uma de suas pregações: que Deus ama os pecadores, apesar de não aprovar o pecado.

Desde que se entregou a mim, ela não voltou a pregar, pois acredita estar vivendo em pecado, sendo minha sem sermos casados.

Particularmente, acredito que o único pecado nisso é o fato de estarmos traindo Apolo pelas costas.

CAPÍTULO X

Victor

Três dias após terem partido para a caça, os homens estão de volta, trazendo carnes de vários animais de diferentes espécies, entre os quais a paca, que me pareceu o mais estranho.

Toda a carne é salgada e pendurada no sol, podendo assim ser conservada por vários dias. Até a próxima caçada.

Achegada deles é motivo de festa e todas as mulheres pintam-se e enfeitam-se mais, para participarem da comemoração que acontece à noite em volta da fogueira ao centro da clareira.

Até Anita colocou roupas novas. Usa um vestido de tecido fino, longo e comportado como todos os outros. A diferença está nos seus cabelos soltos, como não costuma usar. São lindos como tudo nela. Densos, castanhos claros, longos e ondulados como uma cascata cristalina emoldurando seu rosto perfeito.

Desta vez há música, tocada pelos idosos com tambores e outros instrumentos musicais que desconheço. No início da festa Anita me alerta de que não devo juntar-me a eles durante a dança, pois se trata de um ritual sagrado em agradecimento pela boa sorte com a caça. E, acima de tudo, me alerta para evitar os chás que Acutí me oferecer. Só Deus sabe o que pode haver neles.

Durante a comemoração, os indígenas se mostram animados como sempre, usando suas roupas estranhas confeccionadas com palha para dançar em torno da fogueira. Percebo que estão bebendo cachaça diretamente do gargalo de uma garrafa, como ainda não tinha visto acontecer. Onde eles arranjam cachaça aqui nesse fim de mundo?

— Onde eles compraram cachaça? — Pergunto a Anita, que está sentada ao meu lado.

Ela parece perceber apenas agora que eles têm a bebida e mostra-se surpresa.

— Em lugar nenhum. Não há cidade aqui perto e eles não têm dinheiro.

— Então onde arranjam isso?

É nesse momento que percebemos também que alguns deles estão usando calçados velhos, tênis e sapatos, sem que tenham usado antes.

— Alguém deu essas coisas a eles, em troca de algo. — Anita parece alarmada. — Leia os livros de história, eles contam como os europeus conseguiam tudo dos índios dando-lhes bugigangas que para eles pareciam valiosas por serem desconhecidas.

— O que alguém poderia querer deles?

— É o que vamos descobrir. — Anita levanta-se, vai até Caueré, que tem um litro de cachaça na mão e parece embriagado, trazendo-o para junto de nós. — Quem deu essas coisas a vocês? — Anita pergunta muito séria.

Caueré tem dificuldade para falar, pois não consegue parar de sorrir, certamente abismado pelo efeito do álcool no seu organismo.

— Nós encontramos homens brancos na mata, nas nossas terras. Eles ofereceram presentes se nós os deixássemos cortarem as árvores da nossa reserva. Não todas. Só algumas.

Eu e Anita nos encaramos ao mesmo tempo, atônitos, sobressaltados.

— Você sabia sobre a existência de madeireiros nessa região? — Pergunto.

— Não. Desde que estamos aqui nunca vimos isso acontecer, apesar de termos ouvido falar da invasão deles em outras reservas, principalmente no Maranhão, da forma que estão fazendo aqui. Presenteando os índios em troca da permissão de entrada.

Fico puto da vida. Se alguma coisa fez sentido para mim nesse fim de mundo foi à devolução das terras aos seus donos em troca da preservação da natureza, agora vêm esse bando de filhos da puta destruindo tudo por ganância. Não permitirei que isso aconteça. É uma briga que faço questão de comprar.

— Onde eles estavam Caueré? E quantos eram? — Pergunto.

Ele pensa por um momento antes de responder.

— Não muito longe daqui. Perto da pedra caída. Tinha uns cinco deles.

— Pedra caída é um riacho onde eles pescam. Não fica muito longe.

— Como eles transportam a madeira? Há estradas por aqui?

— Não. A mais próxima fica a centenas de quilômetros. Mas eles podem ter aberto passagem pelo mato.

— Tinha caminhões lá, Caueré?

— Não saber o que ser caminhões.

— Tinha alguma coisa lá além dos homens brancos? — Anita é mais clara.

— Sim. Máquinas grandes. Muitas máquinas. Eles prometeram dar mais presentes para nós. São homens bons.

— Não, eles não são homens bons. — Falo mais alto do que pretendia. — Vocês não podem deixar que eles entrem nas terras de vocês. Nem aceitarem presentes. Estão destruindo o que vocês têm de mais precioso.

— Kiura não pode dizer o que podemos ou não fazer. Você não manda em nós.

Percebo que é inútil discutir com ele. Além de estar bêbado, está abismado com as coisas que nunca tinha visto. Guardarei minha indignação para amanhã, quando falarei com o cacique, com o

IBAMA, com a FUNAI e até com a presidente se for necessário.

Recolhemo-nos tarde esta noite. Mais uma vez passo as horas que restam para o amanhecer nos braços de Anita, na sua caminha de solteiro. O melhor leito no qual já me deitei pelo simples fato de ela estar comigo.

Na manhã seguinte, levantamo-nos cedo e vamos falar com o cacique na tenda dele.

O encontramos fumando seu cachimbo, sentado na sua rede, o rosto ainda inchado pelas horas de sono.

Anita o cumprimenta com respeito, falando na língua dele e faço o mesmo em português.

— Fale a ele sobre os madeireiros e a destruição que podem causar ao derrubarem as árvores.
— Falo. — Diga que os presentes que deram aos caçadores não são nada comparados ao que estão tirando daqui. Convença-o e unir seu povo para expulsar aqueles miseráveis daqui.

Após me ouvir atentamente, Anita repete minhas palavras em nheengatu, a língua falada pelos Yerês. Após ouvi-la, o velho índio começa a esbravejar na sua língua, sem que eu possa compreender o que diz. Anita não baixa a guarda, esbraveja com ele de volta e essa discussão dura quase meia hora, até que pôr fim Anita sai me puxando pela mão para fora da tenda, irritada, impaciente.

—O que foi aquilo? O que ele disse? — Quero saber.

— Ele acha que algumas poucas árvores não vão fazer falta, já que têm tantas aqui e acredita que os presentes são valiosos. Ele encheu a cara de cachaça ontem e achou isso bárbaro.

— Porra! Eles não são tão espertos quanto parecia.

— Eles só desconhecem a maldade dos brancos. O que faremos agora?

— Vamos falar com o IBAMA e com a FUNAI. Eles devem resolver.

— Não resolvem nada. Existem casos como esse no Maranhão. Enquanto o IBAMA organiza toda a sua burocracia, alguém lá de dentro avisa esses criminosos e eles se livram das provas e desaparecem antes que a equipe chegue ao local do desmatamento. Quanto à FUNAI, sequer dispõe de recursos para uma operação como essa. Sem falar que a sede desses órgãos fica em Manaus, até chegarmos lá os madeireiros já terão sido avisados. Resumindo, os únicos que realmente podem expulsá-los são os índios e essa gente sabe disso, por isso os suborna.

— Então vou falar com eles pessoalmente, como se fosse Apolo. Vou mandar que se retirem. Eles têm que me escutar, afinal também sou membro da aldeia, já que vivo aqui.

— Você acha que consegue convencê-los?

— Sim. Digo a eles que já avisei meio mundo sobre o que estão fazendo aqui, que a polícia federal está a caminho e eles se intimidarão.

— Acho que isso pode dar certo. Vou com você.

— Não vai não. Isso pode ser perigoso.

— Você não tem ninguém para te mostrar o caminho.

Agora ela me deixou sem saída. Não conheço o caminho para o lugar onde os madeireiros estão. Aliás, me perderia em cinco minutos sozinho dentro da floresta. E tenho certeza de que os indígenas se recusarão a me ajudar. Portanto só me resta deixá-la vir comigo.

Merda! Não quero colocá-la em risco, talvez seja melhor desistir de tudo e deixar que os malditos derrubem toda a floresta.

— Não posso fazer isso. Não vou deixar você ir lá. São homens monstruosos. Você é mulher e...

— Eu sei me defender. — Ela me interrompe. — Você não estará mais protegido que eu só porque é homem.

— Mas é claro que estarei. Esses caras podem estar na selva há dias. Sem mulher. Não vão resistir ao verem você.

— Isto é uma crise de ciúmes?

— Não. É a certeza que eu tenho de que um homem perde facilmente a cabeça se ver uma mulher como você, estando em abstinência sexual.

Ela franze o cenho, fita-me com olhar de perplexidade e indignação, só então me dou conta da besteira que falei.

— É claro que esse não é o meu caso. Você sabe que te desejei no instante em que pus meus olhos em você no meu apartamento, não sabe?

— Isso não convém agora. Temos coisa mais séria a tratar. — Ela faz uma pausa para refletir. — Se aqueles miseráveis podem subornar os índios, nós também podemos. Vou dar meu aparelho de som a qualquer um que te acompanhar até lá. Eu estava mesmo afim de trocar por um modelo mais moderno.

Anita oferece seu aparelho de som a Cauéré em troca de ele me mostrar o caminho até os invasores e este aceita imediatamente a proposta. Realmente é um povo mercenário. Ele consegue, ainda, convencer mais dois jovens indígenas a nos acompanharem.

Deixamos a aldeia pouco antes do meio dia, entrando a selva densa, fechada, onde o calor é mais ameno e os perigos maiores.

Preciso de um grande esforço para acompanhar o ritmo acelerado deles e caminhar com a mesma rapidez e precisão, mesmo por onde não há uma trilha, os galhos dos arbustos arranhando-me a pele.

Não paramos nem para comer a carne assada de veado com farinha que trouxemos. Algumas horas depois, posso ouvir o ronco do motor de motosserras, todo o meu corpo me alertando do perigo que me aguarda.

Logo alcançamos a pequena clareira onde há vários troncos gigantescos de árvores cortados, amontoados, com alguns homens sentados ali próximos e outros usando motosserras para cortar mais troncos. São cerca de dez homens ao todo.

Todos se colocam em alerta com nossa chegada. Os que estavam sentados empunhando espingardas, os outros desligando as motosserras.

— Abaixem as armas. Não estamos armados. — Falo. Meu corpo invadido por um misto de raiva e adrenalina. Enquanto os índios se mantêm tranquilos, já que não conhecem o poder de fogo das espingardas.

— Mas o que é isso? Abaixem essas espingardas. São nossos amigos Yerês. — Fala um dos homens que usava a motosserra, o mais velho entre todos, vindo em nossa direção. Ele tem feições típicas amazonenses, usa roupas velhas e surradas e um chapéu de palha muito encardido. — Nos desculpem por isso. Esses peões não têm educação.

Os homens abaixam as armas e nos dirige sorrisos visivelmente forçados.

O fato de eles estarem armados significa que podem ser ainda mais perigosos do que eu esperava e sabem perfeitamente que o que fazem é contra a lei.

Engolindo meu medo, sufocando minha raiva, aproximo-me mais deles, encarando-os de frente, com uma autoconfiança que não sei de onde tirei.

— Meu nome é Apolo. Sou missionário integrante da aldeia dos Yerês e vim dizer-lhes que devem parar o que estão fazendo aqui e retirar-se dessa reserva imediatamente. Ou serei obrigado a comunicar às autoridades.

A hostilidade se faz presente na fisionomia de cada um deles, principalmente na daquele mais velho, que parece ser o líder do bando.

— Mas não estamos fazendo nada demais. São apenas poucas árvores. Não vão fazer falta. — Ele cospe um nojento bolo de tabaco que masca, antes de prosseguir. — Não faço isso por maldade contra a natureza. Sou um pai de família desempregado. Não tenho estudos e essa é a única forma que encontrei de sustentar minha mulher e meus filhos.

— Eu entendo seus motivos. Mas isso não justifica nada. O que está fazendo aqui é crime. Exijo que pare agora! — Falo com altivez e firmeza.

— Não me julgue rapaz. Você é muito jovem, não sabe o que é ter que sustentar uma família. Quer conhecer meus filhos? Eles estão todos aqui, trabalhando junto comigo. Nem a escola frequentam, para que tenhamos o que comer! — Ele vira-se para uma direção da mata e altera o tom da voz para dizer: — Adalgisa venha aqui com as crianças!

No instante seguinte, surge, daquela direção, uma mulher com cerca de quarenta anos de idade, segurando um bebê em seus braços, seguida por duas crianças maiores e um casal de adolescentes, o rosto da menina bastante familiar para mim. Trata-se de Manuela, a ninfeta com quem trepei em Manaus. Bastante diferente agora, usando roupas grotescas e com a pele muito queimada de sol, assim como sua mãe e irmãos.

— Essa é minha família. Como pode ver, tenho muitas bocas para sustentar.

— Victor é você? — Manuela fala, fitando-me espantada.

Putá merda! E agora? O que vou inventar? Disse ao madeireiro que sou Apolo e agora ele saberá que além de mentir sobre minha identidade, comi a filha dele. Acho que essa não é boa maneira de se começar uma guerra.

— Victor é meu irmão gêmeo. Meu nome é Apolo. — Minto.

— Não. Você é Victor. Não me esqueceria do seu rosto nem que vivesse cem anos.

— De onde você conhece ele? — O velho pergunta desconfiado. Manuela não responde. Simplesmente continua me encarando em silêncio. — Responde moleca! — Ele grita, abruptamente.

Para meu total alívio, a menina corre para dentro do mato, por onde veio, sem responder.

A essa altura, Cauéré e os dois outros jovens indígenas que vieram conosco, estão enturmados com os homens armados, que lhes mostram vídeos em um tablet.

— Eu lamento por isso tudo, mas o senhor precisará arranjar outra forma de sustentar seus filhos. — Falo, fitando o velho com seriedade. — Espero que tenha compreendido minha posição. Se não se retirar imediatamente desta reserva, comunicarei às autoridades sobre o que está fazendo aqui, então seus filhos precisarão viver com o auxílio reclusão. Fui claro?

— Sim. Muito claro. — Apesar de concordar comigo, suas palavras soam com tom de ameaça.

— Ótimo. Vamos embora daqui Cauéré. — Os índios relutam em deixar o lugar, por causa dos objetos que os impressionam, até que finalmente decidem vir atrás de mim, apenas Cauéré e um dos jovens, sendo que o outro opta por ficar um pouco mais.

— Ele vai mais tarde. — Cauéré explica, antes de entrarmos na mata fechada, caminhando de volta para a aldeia.

CAPÍTULO XI

Victor

É noite quando chegamos de volta à aldeia. Tudo está muito calmo e silencioso por aqui. A fogueira que é acesa todas as noites, estranhamente está apagada.

Com um mau pressentimento, vou diretamente para a tenda de Anita, encontrando-a aflita, apática, sentada na sua cama, com a lamparina acesa ao lado.

Meu alívio é colossal ao constatar que, apesar da sua aflição, ela está fisicamente bem, pois corre para mim permitindo-me tomá-la em meus braços, estreitando-a de encontro ao meu corpo. Meu coração dando saltos no peito com sua proximidade.

Afundo meu rosto em seus cabelos, inalando seu cheiro gostoso.

— Que bom que você está de volta. Fiquei tão preocupada! — Ela diz, afundando o rosto na minha camisa, aspirando meu cheiro.

— Também fiquei preocupado, quando vi a aldeia toda em silêncio. — Falo, segurando-a contra mim. — Achei que algo tinha acontecido.

— O pajé teve uma visão ruim e acharam melhor não acender a fogueira hoje. Por respeito aos espíritos que eles acreditam vagar pela floresta.

— Que tipo de visão?

— Superstição sem fundamentos. Ele disse que os espíritos dos mortos vieram lhe avisar de que em breve haverá uma guerra durante a qual muitos morrerão.

Recordo-me das espingardas nas mãos dos madeireiros, o tom de ameaça na voz do líder deles, e meu corpo estremece violentamente.

— Talvez eu não devesse ter ido falar com os madeireiros. — Falo.

— Como foi lá?

Finalmente nos afastamos, mas apenas o suficiente para nos fitarmos nos olhos.

— Eu ameacei entregá-los à justiça se não caírem fora daqui. Mas acho que não sairão tão facilmente. São bandidos experientes. Inclusive têm armas de fogo. — Acho melhor não mencionar que dei umas trepadas com a filha do líder em Manaus, até porque a ninfeta acreditará que sou Apolo e o episódio será esquecido.

— Talvez nós devêssemos deixar isso pra lá. O tráfico de madeira é um problema que ocorre em todo o país. Só terá fim quando o Brasil tiver um governo que realmente se importe. Nós podemos

expulsá-los deste reserva, mas existem outras. Eles apenas se mudarão e continuarão a fazer o que fazem.

— Acho que você está certa. Ainda assim acredito que devemos fazer nossa parte. Se cada um fizesse a sua, talvez o problema seja resolvido.

Anita respira fundo e afasta-se, indo até um armário, de onde tira uma cuia com comida.

— Guardei sua janta. Quer comer agora?

— Sim. Estou faminto. Obrigado.

Vou até ela, planto-lhe um selinho carinhoso nos lábios, agradecido por ser tão prestativa comigo e sento-me num tamborete para comer a carne assada com arroz.

Anita observa-me com um meio sorriso nos lábios, enquanto faço a refeição.

— O que você tanto olha?

— Estou aqui pensando no quanto você mudou desde que veio pra Amazônia. E ainda tem gente que não acredita em milagres.

— Como você sabe que eu não fui sempre assim se não me conhecia antes?

— Era como se conhecesse. Apolo me falava muito sobre você.

A menção do nome de Apolo deixa um clima meio tenso no ar. Desde que nos beijamos na tenda dela, não tocamos mais em seu nome. É um assunto que se tornou um tabu.

O silêncio que se segue está carregado dessa tensão, cada um de nós mergulhado na sua própria culpa.

— Acho que vou dormir na minha rede hoje. — Falo, ao terminar a refeição.

— Vai não. Fica aqui comigo. — Sua vez é meiga, gentil, seu sotaque espanhol a deixando sensual.

— Você não ia me querer na sua cama hoje. Estou imundo. Suado. Fedendo. Passei o dia inteiro caminhando e ainda não tomei banho.

Ela vem até mim e se aconchega entre meus braços, dengosamente.

— Eu gosto do cheiro do seu suor e quero você de qualquer jeito.

Não apenas suas palavras, mas o tom sensual com que são pronunciadas, unidas ao seu jeito safado e ao mesmo tempo apaixonado de me observar, contribuem para que meu pau fique duro dentro da calça e é tarde demais para que eu possa poupá-la do meu odor desagradável.

— Então vem cá. Deixa eu te dar o que você quer.

Guiado pelo mais primitivo dos instintos, seguro-a pelo queixo com força, e levo meus lábios até os seus, enfiando e tirando minha língua da sua boca gostosa, repetidamente, para que ela saiba com que intensidade será fodida esta noite.

O corpo dela freme de encontro ao meu, ao passo em que um gemido abafado escapa da sua garganta, deixando-me ainda mais excitado, por saber que ela me quer tanto quanto a desejo.

Sem conseguir esperar mais para sentir sua nudez, uso as duas mãos para rasgar sua camisola de cima até embaixo, jogando os pedaços do tecido aos seus pés, deixando-a só de caldinha. Passo a acariciar sua pele gostosa, minha mão passeando por cada curva do seu corpo.

Quando alcanço seus seios, coloco seus dois mamilos entre meus dedos indicadores e polegares e passo a massageá-los assim, sentindo-os endurecerem com o meu toque. Ela leva sua mão trêmula até o cós da minha calça, enfiando-a ali, segurando meu pau duro e melado, apertando-o, enquanto outro gemido escapa da sua boca.

Quero dá-lo para ela chupar, mas minhas condições de higiene não permitem, então a ergo em meus braços e estendo-a sobre a cama, contemplando fascinado sua nudez. Seu corpo perfeito, capaz de levar qualquer homem à insanidade.

— Você é linda. — Falo.

— Você também é.

Sem deixar de observá-la, como se estivesse sob o efeito de alguma hipnose, dispo-me rapidamente, tirando todas as peças de roupa e inclino-me sobre ela, beijando-a novamente nos lábios, para em seguida escorregar minha boca através da sua pele inigualavelmente macia, lambendo e mordiscando-a, enquanto ela se contorce sob mim.

Coloco minha boca sobre um dos seus seios. Minha língua dançando sobre o mamilo intumescido, antes de chupá-lo com força, como se estivesse faminto por isso. Seu gemido rouco intensificando a luxúria que toma conta de mim. Mamo o outro seio, sem pressa, prolongando esse momento tão íntimo, espetacular como são todos ao lado dela.

E continuo meu percurso pelo seu corpo, a ponta da minha língua experimentando cada centímetro da sua nudez. Puxo sua calcinha bem comportada com os dentes, tirando-a pelos pés. Abro mais suas pernas, encolhendo seus joelhos para cima e contemplo estarecido sua boceta carnuda, ligeiramente peluda, exalando aquele cheiro gostoso de fêmea, arreganhada diante do meu rosto, totalmente à minha disposição.

Golpeado pela lasciva, a beijo ali inalando seu odor delicioso, servindo-me dela como se me servisse de um banquete. Passo minha língua na sua fenda lambuzada, fascinado com seu sabor, para logo chupar seu clitóris delicioso, sentindo-o inchar de encontro à minha boca. Gemidos de súplica partindo da sua garganta, incentivando-me a continuar.

Anita afunda seus dedos nos meus cabelos, movendo ligeiramente os quadris, esfregando sua bocetinha na minha boca, me deixando cada vez mais doido.

Continuo chupando seu grelinho duro, como se estivesse faminto por ele, ao mesmo tempo em que infiltro apenas meu polegar na sua vagina lambuzada, metendo e tirando, repetidamente, ciente de que ela está prestes a gozar.

— Victor... Victor... — Sua voz é um gemido rouco, ensandecido.

— Sim minha gostosa. Goza na boca do seu macho.

Então, ela explode, gemendo, gritando, esfregando a vulva em meu rosto, seu corpo sacudindo descontroladamente, até ficar imóvel e silenciosa.

Levo minha boca à sua, beijando-a com avidez, enfiando minha língua na sua boca.

— Sinta seu gosto Anita. Saiba o quanto você é doce.

Ela chupa minha língua com força, deixando escapar um gemido abafado.

— Deixe-me sentir o seu Victor. Coloca esse pau delicioso na minha boca.

— Hoje não. Mas acredite, não vão faltar oportunidades.

Sem interromper o beijo, deito-me sobre ela, descansando o peso do meu corpo sobre o seu, encaixando meus quadris entre suas pernas, pronto para penetrá-la.

Nossos corpos estão totalmente colados, seus seios esmagados contra meu tórax, nossos abdomens unidos, e isso é o suficiente para que eu esteja louco de tesão, excitado como jamais estive com outra mulher. Com Anita tudo é mais intenso do que jamais foi com qualquer outra mulher e não sei que nome dar a isso.

Com um gesto muito rápido, até meio violento, entro nela. Sua vagina escorregadia apertando meu pau, esfolando-o deliciosamente, me fazendo puxar os quadris e meter outra vez, mais fundo, mais duro, experimentando a melhor sensação que um ser humano pode ter.

As paredes do seu canal parecem pulsar de encontro ao meu membro duro, totalmente enterrado nela e isso me deixa louco. Quase fora de mim.

— Ah querida, que bocetinha gostosa essa sua... Desse jeito ainda vai me deixar louco...

— Então mete esse pau com força... Ela é toda sua... Só sua... — Sua voz é um gemido de súplica.

Puxo os quadris repetidamente, estocando com força nela, em um vai e vem incessante, tão gostoso que chega a ser dolorido.

— É assim que você gosta? Com força?

— Sim... Gosto muito...

Suas pernas abraçam meus quadris, ao mesmo tempo em que suas costas arqueiam e sei que ela está indo rumo a um segundo orgasmo, quando então paro de me mover, afim de prolongar nosso momento.

— Ah... Por favor não pare... — Ela suplica, suas unhas curtas passeando pelas minhas costas.

— Não quero que acabe ainda.

— Podemos começar tudo de novo depois.

— Tenho uma ideia melhor. — Retiro-me do seu interior e ela mia, consternada. — Fica de

quatro.

Ela obedece sem hesitar, colocando-se de quatro sobre o colchão.

— Encolhe os braços, empina mais essa bunda pra cima e abre bem as pernas.

Ela obedece, seus movimentos sensuais como o inferno.

Olho aquela bunda arredondada, grande e gostosa. Sua vagina lambuzada arreganhada diante de mim, seu ânus pequeno à minha disposição e não resisto, me inclino e passo a língua sobre ele, umedecendo-o, imaginando se meu pau caberia ali.

— Vou te comer aqui agora.

— Não sei se conseguiria aí atrás.

— Consegue sim. Relaxa e deixa o resto comigo.

Louco de tesão, ergo meu corpo e esfrego meu pau duro como uma pedra na entrada da sua vagina, escorregando-o para o ânus, espalhando seus líquidos ali, para amenizar sua dor ao me receber.

Quando seu orifício está suficientemente lubrificado, pressiono a cabeça do meu pau contra ele, abrindo caminho devagar, entrando com dificuldade, centímetro por centímetro.

— Porra! Isso dói. — Anita reclama, mas não faz menção de se afastar.

— Quer que eu pare?

— Por favor, continue.

— Então relaxa. Quanto mais você ficar tensa, mais vai doer.

Levo meus dedos ao seu clitóris e passo a massageá-lo, sentindo-o endurecer sob meu toque, enquanto continuo enfiando meu pau no seu buraquinho apertado, até que estou todo enterrado nela, deliciosamente.

Então, puxo os quadris e dou a primeira estocada, forte, brusco, já que não consigo fazer diferente.

Anita solta um gritinho, mas permanece firme no lugar.

Massageio-a com mais ênfase e dou outra estocada, depois outra e mais outra, repetidamente, sua carne apertando a minha, tão deliciosamente que me torna incapaz de parar.

Aos poucos seus gritinhos de dor, vão se tornando gemidos de prazer e logo ela está rebolando sua bunda no meu pau, pedindo mais, deliciando-se tanto quanto eu com essa loucura que apenas ela é capaz de me despertar.

Meto nela sem dó, meu pau escorregando para fora e para dentro, seu orifício pequeno apertando-o, deliciosamente, sua vagina tornando-se cada vez mais lambuzada sobre meus dedos.

Logo estou perdido, o orgasmo se formando nas minhas entranhas, tão intenso que não sei se

conseguirei esperar por ela. Então, inclino-me e recosto meu lábio no seu ouvido e com autoridade ordeno.

— Goza pra mim, gostosa.

É o suficiente para que o corpo dela se contraia todo sob mim, prestes a explodir.

Dou mais algumas estocadas fundas, impiedosas e logo estou me esvaindo num gozo profundo, que mexe com cada célula do meu corpo.

Enquanto a encho com meu esperma, ela grita, se contorce, convulsiona sob mim, gozando loucamente, junto comigo, o que me deixa ainda mais saciado.

Amolecemos ao mesmo tempo e nos deixamos cair sobre o colchão, nossos corpos suados, trêmulos, nossos corações batendo num ritmo mais acelerado.

— Porra! Isso foi bom demais. — Falo, saindo dela, deitando-me de frente, ao lado, aninhando-a no meu peito.

— Desse jeito vou ficar viciada. — Ela diz, preguiçosamente, seus lábios curvados num sorriso de pura satisfação.

— E ainda não está? — Brinco.

— Acho que sim. Não sei. Ainda não tive outra experiência para comparar.

Uma única palavra contida na frase que ela proferiu me atinge como um violento golpe físico. Ela disse “*ainda*”, isso significa que pretende ter outra experiência, com Apolo, certamente.

Quero dizer a ela que isso não acontecerá. Que agora ela pertence a mim e somente a mim, mas sou covarde demais para assumir um compromisso tão sério. Ficar com Anita significaria casar-me com ela e não estou preparado para isso. Tampouco estou preparado para ficar sem ela, para vê-la nos braços de outro homem. Saber que ele está ocupando meu lugar na sua cama, deliciando-se com seu corpo que eu deflorei, levando-a ao êxtase, como a levo.

Porra! Essas constatações doem mais do que eu esperava. Doem pra caralho. Queria não ser um covarde e dizer a ela a quem realmente pertence. Que jamais será de outro homem, mas não consigo. Sou mesmo uma anta que merece ficar sem a única mulher por quem já senti algo além de uma simples atração.

— Algo errado? — Ela é inteligente e perceptiva.

— Não. Nada. Só estou cansado da viagem. Vamos dormir ok?

— Ok.

Ela cola mais seu corpo no meu, jogando uma perna e um braço sobre mim, plantando um beijo carinhoso sobre meu peito antes de aconchegar mais sua cabeça nele, fechar os olhos e ficar imóvel.

Aqui, nos braços de Anita, o melhor lugar onde já estive, apesar do cansaço, tento adormecer, mas não consigo. Os pensamentos fervilhando-me a mente. A certeza de que em breve ela será de outro homem corroendo-me por dentro. Causando-me a mais insuportável dor que já senti.

E se eu a pedisse em casamento, ela aceitaria? Deixaria o puritano e religioso Apolo para ficar comigo, um homem que até poucos dias sequer acreditava em Deus?

Mas que merda! Não posso acreditar que estou cogitando a possibilidade de casar-me com ela. Eu não estou pronto para me prender a algo tão sério. Jamais estarei. Quero viver minha vida livremente, como decidi que seria desde que atingi a idade adulta.

Os pensamentos continuam incomodando-me por muito tempo, até que pôr fim consigo adormecer.

CAPÍTULO XII

Victor

É dia lá fora quando desperto. Posso ver isso pelas frestas nas palhas do frágil casebre. Anita ainda dorme em meus braços, na mesma posição que estava quando adormeceu.

Não sei se estou sonhando ou se Caueré está em pé, ao lado da cama, observando-nos muito sério.

— Kiura precisa se levantar. Homem branco quer falar com você.

Porra! Ele está mesmo aqui e eu e Anita estamos nus.

— Porra! Dá para esperar lá fora Caueré? — Esbravejo, irritado com sua indiscrição.

Anita desperta com o tom alterado da minha voz percebe o que se passa à nossa volta e cobre-se calmamente com um lençol.

— Algum problema Caueré? — Ela pergunta.

— Sim. Homem branco que corta as árvores diz que Kiura molestou sua criança. Exige casamento agora.

Vejo o rosto de Anita empalidecer subitamente e tenho certeza de que acontece o mesmo com o meu.

— Do que ele está falando, Victor? — Ela pergunta. Sua face sem cor alguma.

Vasculho minha mente em busca de uma mentira convincente, mas não há nada que eu possa dizer além da verdade, já que o madeireiro certamente trouxe sua filha para afirmar o que aconteceu entre mim e ela em Manaus.

— Eu transei com a filha dele em Manaus, na noite que passamos lá. — Falo, sem conseguir encarar Anita nos olhos. — Mas ela me disse que tinha dezoito anos e, acredite, ela não era mais virgem. Portanto não a deflorei como o pai está dizendo.

Anita permanece em silêncio. Pelo canto do olho percebo que está observando meu rosto e viro-me para fitá-la, deparando-me com um misto de decepção, tristeza e raiva nos seus olhos lindos. Sei que ela vai me desprezar pelo que acabou de ficar sabendo e isso me parece mais insuportável que a ponta mil punhais perfurando meu corpo.

— O homem está esperando Kiura. — A voz tensa de Caueré penetra o silêncio que se instalou no ar.

— Diga que Kiura está indo Caueré. — Anita fala, apaticamente.

Quando Cauéré se retira, ela levanta-se e começa a se vestir.

— Eu juro. Se ela é menor de idade eu não sabia. Não teria ficado com ela se soubesse.

Ela fita-me com um brilho gélido nas suas piscinas azuis, o que me parece pior que a raiva ou a decepção.

— Vamos ouvir o que o homem tem a dizer antes de tirarmos qualquer conclusão.

Deixo a cama e corro até ela, segurando seu rosto entre minhas mãos, forçando-a a me encarar.

— Nada do que ele disser me importa. Apenas me importa que você acredite em mim. Por favor, me diga que acredita.

Ela arranca seu rosto das minhas mãos, desviando seu olhar do meu.

— Eu sabia como você era antes de me deitar com você. O que vai acontecer ou deixar de acontecer agora não vai fazer a menor diferença. — Há raiva explícita nas suas palavras.

— Como assim não vai fazer diferença? O cara está dizendo que eu deflorei a criança dele. Em primeiro lugar ela não é criança, em segundo, não a deflorei e em terceiro, nós ainda não estávamos juntos quando aconteceu.

— Nós nunca estivemos juntos. O que aconteceu foi apenas sexo. — Ela termina de vestir-se e prende os cabelos num coque no alto da cabeça. — Se Vista. Vou esperar lá fora.

Caralho! E agora? E se aquela menina for mesmo menor de idade? E se eu perder Anita por causa dela? Maldição! Por que não consegui manter meu pau dentro da calça naquela noite?

Apreensivo, me visto rapidamente, lavo o rosto com a água de uma jarra e deixo o casebre.

Ao centro da clareira cercada pelas tendas, sob o sol fraco da manhã, estão o madeireiro, sua filha Manuela, dois dos seus companheiros armados com espingardas, o cacique, Anita e alguns outros índios. Inclusive aquele que ficou para trás ontem quando estivemos no local do desmatamento. Aposto meu carro como ele disse àqueles homens que não sou Apolo, por isso toda essa confusão.

Todos se viram para mim quando me aproximo. O líder dos madeireiros é o primeiro a falar. Tem a fisionomia carregada de hostilidade quando diz:

— Então você aparece no meu local de trabalho cheio de moral, acusando-me de cometer crimes, sendo que é o único criminoso aqui.

— Não sei do que você está falando. — Digo. Meus olhos procurando os de Anita, que evita me encarar.

— Claro que sabe, além de ser um mentiroso, assumindo o lugar do seu irmão, que é o verdadeiro missionário, você teve relações sexuais com minha filha. À deflorou e ela tem só quinze anos de idade. Quem é o verdadeiro criminoso aqui? — Na última frase ele grita. Seus olhos faiscando de uma fúria quase diabólica.

— Em primeiro lugar sua filha não era mais virgem quando tive relações com ela, e em segundo,

ela me disse que tem dezoito anos, não quinze.

— Você pensa que somos ignorantes só porque moramos na roça? — Ele enfia a mão no bolso da sua calça, de onde tira um pedaço de papel. — Aqui está a certidão de nascimento dela. A prova de que tem só quinze anos.

Puta merda! Agora estou mesmo ferrado. Se ele decidir me denunciar, é mais fácil eu ser preso por transar com uma menor, que ele por cortar as árvores. Sem falar que deve ter amizades na cidade, provavelmente me fará pagar mais caro do que eu devo.

Quero repetir que ela não era mais virgem e que deu em cima de mim. Mas tudo o que eu disser agora vai parecer patético diante da minha culpa em ter ido para a cama com uma criança.

Olho para ela pela primeira vez esta manhã e constato que realmente não parece ter mais que quinze anos. Fui estúpido em acreditar nela aquela noite, devia ter me mantido firme e não ceder à sua sedução. Agora a merda está feita. Não há como voltar atrás.

— E o que você pretende fazer. Vai me denunciar? — Pergunto, agora sem mais coragem de olhar para Anita, que está muito quieta na roda de pessoas, entre as quais Cauéré traduz ao cacique cada palavra que é proferida.

— Não sou um homem tão ruim quanto você. Prefiro resolver as coisas em paz em vez de permitir a interferência das autoridades. Já que você quer minha filha, vim dar ela de presente a você, para que se case e repare o mal que fez. Em troca você me deixa fazer meu trabalho em paz.

Olho para ele incrédulo. Ele só pode estar brincando.

— É sério isso?

— É sério sim. Você mexeu com minha criança, vai ter que casar para reparar o erro. O cacique concorda comigo. E em pagamento, pela minha bondade em te deixar ficar com ela, você não volta a interferir no que estou fazendo. Assunto encerrado.

— Assunto encerrado o cacete. Não vou me casar com sua filha. Pode me denunciar se quiser. Foda-se!

Desta vez Cauéré interfere, traduzindo as palavras do cacique.

— Ajuricaba concorda com homem branco. Kiura mexeu com a filha dele, tem que casar e assumir o erro. Se não fizer isso estará entregue à própria sorte. Nós não vamos interferir se pai de menina quiser fazer Kiura pagar de outra forma.

Suas palavras estão carregadas de um assustador tom de ameaça. Quando ele diz que o cara pode me fazer pagar de outra forma, tenho certeza que não está se referindo a me denunciar às autoridades e sim fazer justiça com as próprias mãos, assassinar-me sem que ninguém interfira. Seria a maneira mais eficiente de ele se livrar da minha ameaça de denunciá-lo pelo crime de desmatamento e nesse fim de mundo, acredito que meu corpo sequer seria encontrado, que dirá o assassino preso.

Droga! Mil vezes droga! Que merda fui fazer aquela noite. Por que não mantive minhas malditas calças fechadas? Agora perderei Anita, a única pessoa que me importa nessa história.

— Você não tem escolha Victor. Precisa se casar com a menina ou eles vão te matar. — Desta vez é Anita quem fala. Sua voz neutra, me impedindo de deduzir o que está se passando pela sua cabeça agora. Com certeza deve estar pensando o pior de mim, que sou um molestador de crianças.

Maldita hora em que fui deixar o hotel naquela noite.

— Então acho que não há mais o que discutir. O assunto está resolvido. — O velho madeireiro fala. — Manuela fica aqui, morando com você, sob sua responsabilidade. Quando tudo estiver organizado para a cerimônia de casamento, mandem me avisar que virei dar minha benção. Agora preciso voltar ao trabalho. Tenho mais cinco bocas para alimentar. — Ele cumprimenta o cacique com respeito, antes de nos dar as costas e se afastar, acompanhado por seus dois peões, deixando Manuela para trás, sem que eu possa fazer nada para impedir que isso aconteça, sem levar um tiro na testa e ainda ter testemunhas aplaudindo por isso.

Quando os três homens desaparecem mata adentro, a rodinha de conversa se dispersa, cada um seguindo para sua tenda, os índios me lançando olhares hostis. Certamente me recriminando pelo que fiz e não posso tirar a razão deles, eu mesmo me recrimino por ter transado com uma criança, embora se soubesse sua verdadeira idade não o teria feito.

Deixando Manuela esquecida no centro da clareira, vou atrás de Anita, apressando-me em alcançá-la.

— Espere. Precisamos conversar. — Falo, segurando-lhe o braço para detê-la no seu trajeto até seu casebre.

Olhares hostis, repreensivos, se voltam para mim, de todos os lados.

— Acho que não Victor. Você agora é comprometido. Chegar perto de você outra vez seria uma afronta a todas as leis, tanto de Deus quanto dos índios.

— Fodam-se as leis. — Minha voz sai mais alterada do que eu gostaria. — Eu não sou totalmente culpado pelo que aconteceu. Ela me disse que tinha dezoito anos e não era mais virgem. Não fiz nada de tão errado. Pelo menos não de propósito.

Ela lança-me um olhar fulminante.

— Assuma seus erros Victor. Isso é o mínimo que você pode fazer para demonstrar que tem de dignidade. — A raiva está explícita no seu tom de voz e a certeza de que a perdi me atinge como uma punhalada no peito. — Basta olhar para aquela menina para saber que ela é só uma criança. Você não pode ser tão estúpido a ponto de ter se enganado.

— Num bar, tarde da noite, usando maquiagem e bebendo uísque ela fica bem diferente. Não teria ficado com ela se soubesse sua verdadeira idade.

— O que você quer de mim afinal? Que seja sua amante? Você tem que se casar com ela se quiser continuar vivo. O que havia entre nós acabou! Por favor, fique longe de mim! Não fale comigo enquanto ainda estiver aqui. A única coisa que tenho nessa vida é minha reputação, não a estrague deixando a comunidade acreditar que ainda temos algo mesmo você estando prestes a se casar.

Com tais palavras, ela arranca seu braço da minha mão, com um gesto abrupto, caminhando

apressadamente para sua casa.

Observo-a desaparecendo no casebre e me sinto de mãos atadas, sem ter o que fazer para evitar toda essa situação.

Tentando colocar minha mente em ordem e pensar numa solução para isso tudo, caminho na direção do meu casebre, quando percebo que Manuela me segue.

— Se eu fosse você ficaria longe de mim. — Esbravejo, sem cessar meu trajeto.

— Me desculpe por tudo isso. Meu pai percebeu que eu te conheço quando me ouviu te chamar de Victor. O índio ficou bêbado e contou a ele que você não era quem dizia ser. O resto eu tive que confessar na marra.

— Mentirosa! — Grito, virando-me para ela. — Você não passa de uma mentirosa. Mentiu sua idade quando nos conhecemos, disse ao seu pai que te deflorei e agora quer me convencer de que não armou isso tudo. Mas isso não vai ficar assim. Não me caso com você nem aqui e nem na China.

Espero sua resposta, mas ela encolhe os ombros, desvia seu olhar para o chão e permanece em silêncio. Parece a mais frágil e indefesa das criaturas. Se não conhecesse sua má índole, juraria que é.

Ela usa roupas baratas, antigas. Uma bermuda jeans desbotada e rasgada, uma blusinha de chita florida e chinelos. Os cabelos estão ressecados, presos num rabo de cavalo. Olhando-a com mais atenção, nota-se que é digna de pena.

Ignorando a raiva que queima nas minhas veias, entro no casebre, deixando que ela me siga. Apesar de ter acabado de acordar, sinto-me esgotado, mentalmente, com todo esse pesadelo.

A fim de pensar no que fazer, me deito na rede, enquanto Manuela se acomoda em um tamborete ao lado.

— Aquela Anita é a mesma que você me disse que queria ficar? — Ela pergunta, hesitantemente.

— Sim. E estávamos indo muito bem se você não tivesse aparecido para estragar tudo.

Sem que eu espere, ela começa a chorar e não sei o que fazer ou mesmo pensar.

Fala sério! Agora vou ter que tomar conta de uma criança?

— Me desculpa. Eu não queria estragar sua vida. — Ela diz.

— Tarde demais. Já estragou.

— Não foi minha culpa.

— Por que mentiu sua idade quando nos vimos no bar?

— Porque te achei bonito. Queria transar com você e se falasse minha idade de verdade você teria me rejeitado.

— E por que falou para o seu pai que tirei sua virgindade? Você não era mais virgem quando transamos.

Ela seca o rosto com as costas das mãos e fita-me entre assustada e desconfiada.

— Meu pai sabe que você não tirou minha virgindade.

— O quê?! — Sento-me na rede, olhando-a com mais interesse agora. — Você disse a ele quem foi?

— Ele sabe que não foi você.

— Então vamos procurar o cara que fez isso. Talvez ele concorde em se casar com você. Foi algum daqueles peões que seguem seu pai?

Ela recomeça a chorar um pranto irrefreável. Esforça-se para abafar seus soluços, mas não consegue.

Subitamente, me compadeço dela. Meus instintos me avisando de que algo horrível lhe aconteceu. Está claro nos seus traços que é uma menina sofrida, apesar da pouca idade. Está certo que ela errou feio comigo, mentindo sua idade para mim, revelando ao seu pai que ficamos juntos, mas quem pode culpá-la por tomar tantas decisões erradas? É apenas uma criança. Eu também tenho minha parcela de culpa sobre o que aconteceu. Devia ter sido mais atento e não ter me deitado com ela. Sem querer lhe fiz mal. Pois a usei como um objeto para saciar meu tesão. Quantos já devem ter feito isso com ela?

Meninas com essa idade ainda sonham com o príncipe encantado. Acreditam que aquele cara bonito que vêem no bar, solitário, está à espera de um grande amor e se entregar a ele é tentar se tornar esse grande amor. Ainda acreditam que depois do sexo, o cara vai se importar com ela.

Não consigo evitar a piedade que ela me desperta, apesar de tudo.

— Não precisa chorar. — Falo, compadecido. — Você já tomou seu café da manhã?

Ela gesticula negativamente com a cabeça.

Realmente parece digna de pena, encolhida sobre o tamborete, como um animalzinho indefeso.

— Venha. Vamos comer alguma coisa. — Falo, levantando-me, dirigindo-me para a saída, deixando que ela caminhe ao meu lado.

Muitos índios estão reunidos no barracão onde são feitas as refeições, comendo beiju com azeite de coco. Aproximo-me de uma das cozinheiras e peço gentilmente a comida. Ela serve-me de dois grandes pedaços da iguaria, com as mãos, dispensando o uso de pratos ou garfos. Entrego um dos pedaços a Manuela e sentamo-nos em tamboretas, lado a lado, quando posso observar o quanto ela come depressa, como se estivesse realmente faminta.

Os índios me encaram com menos hostilidade agora, certamente acreditando que aceitei me casar com Manuela. Grande engano. Prefiro voltar para Curitiba que cair numa armadilha dessas. Só lamento o fato de me afastar de Anita e deixá-la aqui sozinha, exposta a tantos perigos, inclusive à presença dos madeireiros, que se tornará uma ameaça depois que eu fugir.

Do outro lado do barracão a enxergo fazendo sua refeição junto a um grupo de crianças. Está linda usando um vestido azul claro esvoaçante, longo e comportado. Olha para mim com o canto do

olho, acreditando que não percebo. Certamente está achando que estou me dando bem com Manuela, por causa da nossa proximidade e temo que a tenha perdido de vez.

Quando comecei a transar com ela, tinha planos de deixá-la logo que me cansasse dela, como me cansei de todas as outras. Mas isso não aconteceu e acredito que jamais aconteceria, pois quanto mais a tinha, mais a queria. Era como uma fome que jamais se saciava. Mas nem tudo está perdido. Prefiro acreditar que resolverei as coisas e a terei de volta.

O dia transcorre quase normalmente, com exceção da presença de Manuela, que me segue como uma sombra para onde quer que eu vá. Parece estar com medo dos indígenas. Maldita sorte essa minha, ela bem que podia se interessar por um deles e me deixar em paz.

Consigo ficar sozinho apenas na hora do banho, quando a proíbo terminantemente de me acompanhar até o rio.

Durante todo o dia vejo Anita de longe, na hora das refeições. Mas não vou falar com ela, a certeza de que minha proximidade a enfurecerá desencorajando-me. Deixe que ela preserve sua preciosa reputação.

Quando a noite cai, mais uma vez a fogueira não é acesa e Cauéré me explica que o velho Pajé continua tendo visões macabras com os mortos.

Consigo uma rede emprestada com uma velha índia e a coloco para Manuela no meu casebre, o mais longe possível da minha. Não é apenas sua idade que me impede de me divertir um pouco com ela, afinal é boa de cama, constatei isso em Manaus, mas a certeza de que magoaria ainda mais Anita se o fizesse.

— Mesmo depois que casarmos você vai continuar dormindo longe de mim? — Já estamos deitados, mergulhados na mais negra escuridão, prontos para dormir, quando ela pergunta.

— Desculpa Manuela, mas não posso me casar com você. Não leve para o lado pessoal. Apenas não sou o tipo de homem que se casa.

— E o que você vai fazer para escapar do meu pai? Se você não se casar ele te mata.

— Sabe... Recentemente eu aprendi a acreditar e a confiar em Deus e acho que minha fé Nele não está me permitindo me preocupar com isso. No final eu sei que tudo vai se resolver.

Ela fica em silêncio por um longo momento. Quando começo a acreditar que adormeceu, sua voz soa fraca e chorosa.

— Foi o meu pai.

— O quê?

— Foi meu pai que tirou minha virgindade. Quando eu tinha doze anos. Desde então tenho sido mulher dele.

Sento-me na rede quase em estado de choque. Como um ser humano pode ser capaz de fazer isso com a própria filha? Não deve ser humano e sim mais um animal, parte da floresta.

— Cara, como assim? Ele transou com você? Por que você deixou?

— Eu tinha que deixar. Para não apanhar.

— E por que você não pediu ajuda a alguém? Ao juizado, ou à sua mãe?

— Não é tão fácil quanto parece. O juizado ele compra. Minha mãe apanharia mais que eu se interferisse.

Minha mente dá giros com tais revelações. É simplesmente inacreditável que nos dias atuais coisas como essa ainda aconteçam. E se ela estiver mentindo? Mas com que finalidade inventaria uma mentira dessas?

— Você tem como provar o que está dizendo?

— Sim. Eu e ele temos um filho juntos. O Pablo. Minha mãe cria como se fosse deles dois.

Levo minhas mãos à cabeça completamente atônito. Cada revelação se mostrando mais macabra que a outra. Ela tem um filho com o próprio pai, sua mãe, esposa dele, além de saber de tudo, consente.

Minha nossa! Eu não queria estar na pele dessa menina. E para completar sua dose de infelicidade ainda encontra um sujeito como eu no seu caminho que a usa para a própria satisfação e depois joga fora.

Preciso fazer alguma coisa por ela. Agora sinto que é meu dever.

— Manuela eu posso te ajudar, mas não pense que estou fazendo isso por amor, ou alguma coisa romântica assim.

— Como você pode me ajudar?

— Você vai ter que falar com a Polícia Federal. Eu te garanto que seu pai não conseguirá comprá-los e depois que tudo se resolver, te darei toda a assistência que precisar. Levarei você e seu filho para Curitiba, te arranjarei um lugar para ficar. Você ainda é menor. Há vários lares para pessoas como você onde moro.

Ela senta-se na rede e encara-me sorrindo. É a primeira vez que a vejo sorrindo hoje.

— Jura que você faria isso por mim?

— Sim. Mas precisamos deixar a aldeia agora, enquanto todos estão dormindo e ninguém poderá avisar seu pai. Você conhece o caminho para a cidade mais próxima?

— Sim. Conheço tudo por aqui. Podemos ir pelo rio, de canoa. É mais perto.

— Ótimo. Então se levante e vamos sair daqui.

Enquanto troco minha bermuda por uma calça jeans e camisa de mangas compridas, meus pensamentos me levam até Anita, em como ela se sentirá, ou o que pensará quando acordar pela manhã e eu não estiver mais aqui. Certamente acreditará que fugi com a ninfeta. Todavia, prefiro confiar na inteligência dela e no seu poder de dedução, que a levará a concluir que eu não precisaria

fugir se quisesse ficar com essa menina.

E se o pai dela atacar a aldeia quando descobrir o que estou fazendo? E se machucar Anita? Ele não terá tempo para isso, pois uma vez na cidade, onde há um telefone, mobilizarei o exército se for necessário para acabar com a raça daquele pedófilo, incestuoso, estuprador, destruidor da natureza filho da puta.

Sorratamente, em meio à negra escuridão, eu e Manuela deixamos o casebre pelos fundos, entrando na mata sombria e assustadora, ela na frente, guiando-me, por onde não há uma trilha. Nesse instante sinto que minha vida está nas mãos dela e confiar que não está me levando para uma armadilha é à atitude mais corajosa que já tomei.

CAPÍTULO XIII

Anita

O dia amanheceu faz horas e Victor ainda não deixou sua tenda. Certamente passou a noite se divertindo com a ninfeta e só agora está dormindo. Ou talvez ainda estejam se divertindo.

Não posso acreditar no quanto fui estúpida em esperar que ele a deixasse no meio da noite e me procurasse, quando todos estivessem dormindo. Não posso acreditar que pensei que ele sentisse algo por mim, que deixaria uma menina tão jovem para estar nos meus braços.

Agora, mais que nunca, tenho certeza de que não signifiquei nada para ele, fui apenas mais uma a passar pela sua cama, como tantas outras. Há essa hora nem do meu nome ele deve se recordar mais.

Todavia, não posso reclamar da minha sorte, pois sabia como ele era antes de me envolver. Apolo me falou tudo o que eu precisava saber. Como ele sempre foi mulherengo e instável. Quando decidi ser dele, eu sabia que estava abrindo mão de tudo pelo que lutei até aqui. Do meu casamento com Apolo, o homem mais maravilhoso que já conheci, do meu futuro como pastora e missionária.

Agora preciso enfrentar o futuro que me restou. Voltar para a Argentina, arranjar um emprego qualquer e envelhecer sozinha, como Tereza envelheceu, pois sou incapaz de me casar com um homem não cristão, e um que segue a minha religião não me aceitaria eu não sendo mais virgem.

Antes de retornar ao meu verdadeiro lar, preciso passar em Curitiba para romper meu relacionamento com Apolo e pedir perdão a ele, por ter traído sua confiança, por ter me entregado ao irmão dele. Sinto que lhe devo uma explicação. Pensarei em algo para me justificar quando estiver no avião, já que até agora nada parece justificar o que fiz.

Decidida a partir antes que Victor acorde e saia desfilando pela aldeia ao lado da sua ninfeta, mostrando a todos como foi quente sua noite, machucando-me um pouco mais termino de arrumar minhas malas e deixo meu casebre.

Do lado de fora, os indígenas me aguardam chorosos, insatisfeitos com a minha partida. Algumas das mulheres me entregam presentes de despedida, a maioria bijuterias confeccionadas com miçangas, para que eu não me esqueça delas. Mas como vou esquecer essa gente tão acolhedora com quem convivi durante dois anos? Sempre os levarei na minha memória.

Abraço cada um deles, meu coração partido ao meio.

Mesmo não podendo mais pastorear, eu poderia ficar mais um tempo com eles, dando aulas às crianças, mas simplesmente sou incapaz de conviver na mesma aldeia que Victor estando ele com outra mulher. Vê-lo com ela todos os dias, saber que a toma com voracidade, como me tomou nos momentos de intimidade, que é ela a receber seus beijos e carícia e não eu.

Não sei definir que sentimento louco é esse que me liga a ele, mas é muito mais forte do que eu gostaria, ou seja, capaz de controlar.

Os índios cantam um hino evangélico que lhes ensinei quando deixo a aldeia, caminhando devagar, Cauéré me acompanhando, pois me levará de canoa até a cidade onde eu possa pegar o ônibus para Manaus.

Entramos na mata fechada, por onde não há uma trilha e pouco a pouco as vozes dos índios vão se tornando distantes demais para serem ouvidas.

Caminhamos em silêncio por quase duas horas, Cauéré me guiando, já que conhece essa mata como todo o seu povo. Estamos nos aproximando do rio onde a canoa nos aguarda, sei disso porque posso ouvir a correnteza da água, quando de repente Cauéré para, colocando-se em alerta.

— Algum problema? — Pergunto, sobressaltada.

— Tem alguém aqui. Não sei quem é. — Ele diz.

Logo imagino uma onça faminta pulando na nossa frente e meu coração dispara de medo.

Ele volta a caminhar, devagar e atento agora, até alcançarmos a margem do rio onde a vegetação parece submersa na água e onde deveria haver uma canoa.

— A canoa não está aqui. — Ele confirma o que eu já tinha percebido.

— Onde poderá estar? — Pergunto.

— É o que estou me perguntando também. — A voz ríspida, masculina, parte de trás de alguns arbustos, de onde logo sai o líder dos madeireiros seguido por dois dos seus capangas armados com espingardas. — Tenho a impressão de que o amiguinho de vocês descumpriu nosso acordo e se mandou com minha filha.

As palavras dele me pagam completamente de surpresa. A que horas Victor foi embora com Manuela sem que ninguém tenha percebido? Ou todos sabiam disso menos eu? Para onde foram e por quê?

— Não temos nada a ver com o acordo que o senhor fez com ele. Estou de partida e gostaria que saísse da minha frente. — Falo, tentando parecer o mais firme possível, o medo tomando conta de mim.

O velho sorri, revelando uma fileira de dentes podres, enegrecidos.

— É aí que você se engana, minha cara. Ele levou minha filha, fui avisado por um dos seus indígenas idiotas de que deixou a aldeia escondido no meio da noite, na certa pretendendo armar contra mim. Por isso fico com você até que isso seja resolvido. — Ele gesticula para seus homens que avançam na minha direção.

Tento correr, mas não tenho a mínima chance contra a agilidade dos dois homens parrudos que me seguram, um de cada lado, imobilizando-me.

— Me larguem seus cachorros malditos! — Esbravejo.

— Solta ela. Cauéré está ordenando. — Cauéré fala, com a expressão mais sombria que já vi em seu rosto.

Os três homens gargalham em uníssono. É o líder quem fala.

— Cauéré não ordena nada aqui. Quem manda nessa porra toda sou eu. Agora volte para seu povo e diga a eles que a moça ficará comigo até aquele maldito aparecer e se ele tiver feito algo para me prejudicar, ela morrerá.

— Cauéré não permitirá que levem Anãma. — Ele fala, avançando para os homens que me seguram, sendo que um deles empunha a espingarda, apontando-a para Cauéré e, por uma fração de segundos, tenho a impressão de que meu coração parou de bater.

— Por favor, não atire! — Grito, atraindo a atenção do homem armado, que logo é atingido por Cauéré, que se choca contra ele, ambos caindo no chão.

Cauéré tenta lutar contra o homem, mas não tem a mínima chance, pois é pequeno, raquítico, enquanto que o outro é grande e musculoso e lhe acerta vários socos no estomago.

— Por favor! Pare! — Grito. — Eu vou com vocês sem protestar, mas pelo amor de Deus, deixem Cauéré em paz.

O homem bate nele um pouco mais, até que pôr fim o deixa imobilizado no chão.

— Então princesa, vai me dizer pra onde aquele miserável foi? — O velho líder pergunta, aproximando-se de mim, sem que eu possa recuar, o horrível fedor de tabaco partindo do seu hálito.

— Eu não faço ideia de pra onde ele foi. Nem sabia que tinha partido. — É minha resposta.

Ele desfere-me uma bofetada no rosto, minha pele queimando sob o violento ataque.

— Essa é só uma pequena amostra do que te acontecerá se eu descobrir que está mentindo para mim. — O velho observa-me em silêncio por um momento, como não obtêm resposta, vira-se para os homens e fala: — Vamos sair daqui. Aquele maldito não vai voltar tão cedo.

Deixando minha mala esquecida na margem do rio e Cauéré caído no chão, sou conduzida por um dos capangas que segura à espingarda com uma das mãos e meu braço com a outra, por entre a mata fechada, atrás dos outros dois que caminham na frente.

Caminhamos durante horas, a fome e a exaustão tomando conta de mim. Até que pôr fim alcançamos uma clareira onde há um amontoado de troncos de árvores cortados, dois barracos construídos de palha e um velho caminhão. Certamente é um dos lugares onde estão praticando o desmatamento.

Algumas crianças, vestindo trapos, brincam por ali, sob a supervisão de um adolescente, enquanto cerca de meia dúzia de homens ocupam-se em destruir as árvores com motosserras. Alguns cortando os troncos já caídos no chão em tábuas, com as quais carregam o caminhão, outros derrubando as árvores ainda de pé. Todos estão armados com espingardas a tiracolo, como se esperassem pela terceira guerra mundial.

Uma mulher de meia idade, também vestida de trapos, carregando um pequeno bebê, deixa um

dos barracos e todos param para me observar, sem que obtenha uma explicação de quem sou eu.

— Traz o almoço mulher, estamos com fome. — O líder fala, rudemente. — Serve a bonequinha aqui também. Ela vai ficar com a gente um tempo.

A mulher apressa-se em voltar para o interior do barraco, de onde logo sai novamente, dessa vez carregando uma enorme panela de ferro, parecida com um caldeirão suja de carvão, colocando-a sobre um jirau, construído de galhos de árvores. Retorna para o interior do barraco e volta com pratos e colheres nas mãos.

O líder dos bandidos é o primeiro a se servir, sendo imitado pelos demais que abandonam o trabalho para fazerem a refeição, sem deixar de lançarem olhares tortos, hostis e ameaçadores na minha direção.

A velha mulher serve-me um prato de comida, arroz com pedaços de carne de sol, um prato típico da região, conhecido como Maria Izabel. Olhando de perto, posso perceber o quanto ela é sofrida, carrega inclusive marcas de agressão pelo corpo.

Estou sentada sobre o tronco de uma árvore, com a prato de comida nas mãos, à certa distância dos peões que agora parecem distraídos com a comida. Percorro meus olhos ao redor em busca de uma saída. Poderia aproveitar-me da distração deles e sair correndo para a mata. Talvez tivesse uma chance de escapar. Preciso tentar, não posso ficar aqui e esperar que me machuquem, afinal parece que são pessoas capazes de tudo.

Então, seguindo a um instinto de sobrevivência, abandono o prato de comida ao lado, pulo por sobre o amontoado de troncos na direção oposta de onde eles estão e corro, o mais depressa que minhas forças me permitem, rumo ao mato fechado, sem uma direção definida, com o objetivo único de desaparecer das vistas e do alcance daqueles homens.

Porém, meus esforços são em vão, em questão de minutos um dos capangas me alcança e se lança sobre mim, imobilizando-me no chão com seu corpo grande.

— Sai de cima de mim, seu maldito! — Grito, enfurecida.

— Eu devia te encher de porrada por interromper meu almoço, sua vagabunda. — Ele fala, colocando-se em pé, puxando-me junto, levando-me de volta para a clareira.

— Então a missionariazinha é corajosa. — O velho líder do bando fala, com deboche e todos sorriem em uníssono. — Amarre ela. E não dá outro prato de comida. Está vendo no que deu seu atrevimento? Agora além de ficar amarrada, vai passar fome e sede.

O capanga que me segura, senta-me num tamborete, sob a sombra de uma árvore e amara-me ao tronco dela, me deixando imobilizada numa posição totalmente desconfortável.

— O que você quer de mim, seu bastardo!? — Grito. — Eu não sei onde Victor está e se ele foi à cidade com a intenção de te denunciar, me prender aqui não vai fazê-lo mudar de idéia, pelo contrário.

Ele se aproxima de mim, fitando-me de perto, seu fedor horrível de tabaco misturado com sujeira alcançando-me.

— Eu sei que você se deitava com ele na aldeia, é uma puta, noiva de um irmão e trepando com o outro. Mas quem pode culpá-lo por trair o irmão? Você é bonita, faria qualquer homem perder a cabeça. Até nós. — Seu tom de voz é assustadoramente ameaçador e insinuante, o que leva um pavor intenso a tomar conta de mim. — Se ele me fizer mal, de qualquer forma que seja e eu não conseguir pegá-lo, vou fazer mal a você, para que ele aprenda a nunca mais se meter comigo.

Ele continua me observando de perto, varrendo meu corpo e meu rosto com olhos maliciosos e um tremor violento se instala em todo o meu corpo, impedindo-me de proferir qualquer palavra.

Não me resta nada afazer que não orar, pedir a Deus que me livre do mal que estes homens pretendem me fazer, que afaste meu medo e aumente minha fé. Sei que preciso pagar pelo pecado que cometi, indo para a cama com Victor, traindo cruelmente a confiança de Apolo, mas espero que não seja esse o meu castigo.

Desolada, fecho os olhos e oro em silêncio, quando então ouço os passos do velho afastando-se, voltando à sua refeição.

Após a refeição, eles conversam um pouco mais, para em seguida voltarem a cortar os troncos caídos no chão, transformando-os em tábuas e colocando-os no caminhão.

Assim o dia termina e a noite avança. A fome, a sede e o desconforto torturando-me.

Os madeireiros estão jantando, dez deles no total, quando o inesperado acontece. Surgidos da negra escuridão da mata, os Yerês os atacam, repentinamente, usando pedaços de madeira, facas enferrujadas e lanças como armas. Apesar de estarem em maior número e de possuírem o elemento surpresa como vantagem, eles não têm a mínima chance contra as espingardas de fogo. Enquanto conseguem alcançar e aniquilar apenas um dos peões com suas frágeis armas, é necessário apenas um madeireiro armado para acertar vários deles, deixando-os caídos no chão, feridos, ensangüentados.

Todos os peões se armam das espingardas e o que acontece em seguida é uma verdadeira carnificina. Em meio aos estampidos ensurdecedores dos tiros que são disparados, os indígenas vão caindo no chão, um a um, imóveis, feridos, provavelmente mortos. Até que os poucos sobreviventes percebem que não têm chances e fogem de volta para a floresta, desaparecendo da mira de fogo dos bandidos e, pouco a pouco, o silêncio que se instala no ar, anuncia o fim do tiroteio, a vitória dos madeireiros, que perderam apenas um homem e destruíram dezenas.

Um dos índios feridos consegue arrastar-se até onde estou, tentando desamarrar as cordas que me prendem com suas mãos ensangüentadas, enquanto o observo chocada com o massacre que acabo de presenciar.

— Nós viemos salvar Anãma de homens maus. Mas não conseguimos. — Ele tosse e um bolo de sangue escapa da sua boca, para no instante seguinte, um único estampido partir de perto do nosso lado, o estilhaço do chumbo da espingarda tirando-lhe a vida.

— Esse aí não tenta salvar mais ninguém. — O atirador, um dos madeireiros, fala, sorrindo.

— Você vai pagar por isso. Vocês todos vão. Seus malditos assassinos! — Grito, vários sentimentos conflitando-se no meu interior, uma enxurrada de lágrimas banhando meu rosto.

— Ah é? E quem vai cobrar? Esses índios otários ou o seu Deus que nada fez para te tirar daqui?
— Desta vez é o líder quem pergunta, o tom de deboche explícito na sua voz.

Como se nada tivesse acontecido, eles voltam para suas refeições, conversando animadamente, se vangloriando pelo que acabaram de fazer, sem o mínimo de remorso por terem deixado tantas mulheres viúvas e crianças órfãs, ou mesmo por um dos seus companheiros ter sido morto pelos índios.

Observo os corpos abandonados no chão, banhados de sangue. Tantas vidas inocentes tiradas e lembro-me das visões do velho Pajé, sobre a guerra que tiraria muitas vidas. Acabou de acontecer e se há alguém culpado nessa história, essas pessoas somos Victor e eu. Ele por ter tido relações com aquela menina, eu por ter me entregado a ele, o que desencadeou tudo isso. Se não fosse pelo nosso pecado da carne, talvez nada disso tivesse acontecido.

Algum tempo depois, os homens recolhem-se nos barracos de palha, sendo que apenas um fica do lado de fora, em alerta, vigiando os arredores sem abandonar sua espingarda.

Passo a noite toda amarrada, na mesma posição, diante dos vários corpos dos índios que jazem no chão.

Na manhã seguinte, logo que os primeiros raios de sol surgem no horizonte, às mulheres e os idosos indígenas, aproximam-se da clareira, humildemente, para suplicar pelo direito de enterrar os corpos dos seus entes queridos. Todavia o velho madeireiro nega-lhes o pedido, alegando que os corpos merecem apodrecer e ser devorados pelos urubus, como castigo pela afronta em tentar enfrentá-los.

Nem mesmo aqueles que ainda estão vivos, mas gravemente feridos, ele permite que sejam levados. E os índios retornam para seus lares levando consigo apenas a dor da perda.

CAPÍTULO XIV

Victor

Nada como ser um cara bem relacionado. Bastou Manuela ter me guiado até uma pequena cidade no interior do Amazonas, onde havia um telefone, para que eu conseguisse ajuda.

Primeiro tentei falar com a FUNAI e colocá-los a par do que está acontecendo na reserva, mas eles não pareceram muito interessados no assunto, agindo como se a situação fosse cotidiana. Depois tentei a Polícia Federal, que afirmou necessitar de uma denúncia feita pela FUNAI para tomar qualquer providencia dentro de uma reserva indígena. Tentei também a Polícias Militar e Civil, mas fui informado de que eles não têm permissão para entrar na reserva.

Quando pôr fim me convenci de que ninguém estava disposto a fazer nada, liguei para um dos meus patrocinadores das corridas de Fórmula 1, o proprietário de um dos maiores jornais do Paraná, que após ser informado sobre toda a situação, me colocou imediatamente em contato com o Ministro da Segurança Nacional, que, a pedido do meu patrocinador, enviou nada menos que o exército para resolver as coisas.

Junto com os soldados, veio uma assistente social, que voltou para a cidade com Manuela, onde lhe fornecerá todo o acompanhamento necessário para o seu bem estar.

Antes de partir, Manuela me fez prometer que resgataria seu filho e o levaria a salvo para ela e agora, três dias depois de ter deixado a aldeia, estou em um helicóptero do exército, arquitetonicamente esquisito, cercado por soldados armados e uniformizados, sobrevoando a área onde deveria estar o pai dela desmatando a floresta, sem conseguir encontrar o lugar.

Daqui de cima a floresta amazônica parece infinita, procurar os madeireiros é o mesmo que procurar uma agulha num palheiro.

— Vamos até a aldeia. De lá os índios nos guiam até onde eles estão. — Sugere Raimundo, um funcionário da FUNAI, que acompanha-nos sob ordem expressa do ministro.

— Boa ideia. — Falo, alterando o tom da voz para que esta se sobressaia ao ronco da hélice do helicóptero. — Você consegue chegar até a aldeia pelo ar?

— Claro. Vou dar as coordenadas ao piloto.

Ele fala com o piloto e este faz a volta no ar, o que significa que o imbecil da FUNAI sabia que estávamos indo na direção errada durante todo o tempo. Patife!

Em poucos minutos avistamos a aldeia. Uma bela visão dos casebres de palha rodeando a grande clareira em meio aos vários tons de verde da mata.

A certeza de que estou muito perto de rever Anita, por alguma razão desconhecida, faz meu coração bater mais acelerado no peito. Por incrível que pareça, minhas mãos estão transpirando de nervosismo, como se eu fosse um adolescente bobo que está indo ao encontro da sua primeira namorada, quando na verdade trata-se da mulher que em breve será nada menos que minha cunhada, pois ainda na pequena cidade, aproveitei para telefonar para Apolo, quando soube que ele, milagrosamente, está quase totalmente curado. Já recuperou boa parte dos movimentos do corpo. Em questão de meses estará caminhando e certamente voltará para seu lugar em meio aos Yerês, ao lado de Anita.

Embora me sinta feliz pela rápida recuperação do meu irmão, não consigo evitar a dor por saber que em breve Anita será dele novamente, que estará nos seus braços e não nos meus, que dificilmente voltarei a vê-la. Essa dor se sobressai a qualquer outro sentimento e por mais que eu tente, não consigo afastá-la ou compreendê-la, já que, desde o início, sabia que as coisas terminariam assim.

— Dá para aterrissar lá? — Um dos soldados pergunta, referindo-se à clareira no centro da aldeia.

— Sim. — Respondo. — A área é grande o bastante.

Em poucos minutos aterrissamos no centro da aldeia, as palhas dos barracos esvoaçando por causa da hélice. O lugar parece deserto. Mesmo quando o motor do helicóptero é desligado e saltamos ninguém aparece para nos receber, nem mesmo Anita, o que considero no mínimo estranho.

— Tem certeza de que é aqui? — Um dos soldados pergunta, empunhando um moderno fuzil.

Há cerca de meia dúzia deles, todos armados e uniformizados. Outro helicóptero voa pelas redondezas, transportando mais meia dúzia.

— Sim. Tenho. — Falo. — Pode guardar sua arma. Eles são inofensivos.

O soldado recusa-se a me ouvir, e continua de arma em punho, como todos os demais. Que espécies de homens temeriam um bando de índios que sequer sabem para que serve suas armas?

— Devem ter se escondido por medo do helicóptero. — Raimundo fala.

— Sim. Mas Anita não se esconderia. — Falo, com um mau pressentimento.

Ciente de que há algo errado, corro até a tenda dela, encontrando a moradia vazia, inclusive as malas dela desapareceram. Dirijo-me ao barraco do lado e entro, encontrando uma família de Yerês assustada, encolhidos num canto, certamente por causa do helicóptero.

— Está tudo bem. Esses homens não vão machucar vocês. — Digo.

Eles continuam me observando em silêncio, seus olhos arregalados de pavor.

Droga! Eles não podem me compreender. Preciso encontrar Cauéré ou outro que fale português.

Assim, corro para a tenda de Cauéré. Chegando lá, encontro toda a sua família encolhida num canto, apavorados, enquanto que ele está espichado na sua rede, com um ferimento à bala no ombro, o corpo coberto por sangue e suor.

— Por Deus, Cauéré! O que aconteceu com você? — Pergunto, alarmado.

— Os madeireiros levaram Anãma. Nós fomos tentar salvá-la e eles nos atacaram com armas poderosas que cospem fogo. — A voz dele é fraca. — Muitos do nosso povo morreram. Os poucos que escaparam estão assim como eu. E não conseguimos trazer ela de volta.

Lentamente, processo as palavras dele e pouco a pouco, meu coração vai perdendo o ritmo das suas batidas, quase parando de vez. Subitamente, não sinto mais minhas pernas, o sangue parece fugir da minha face.

Então Anita foi sequestrada por aqueles malditos, está sob o poder deles, exposta só Deus sabe à que tipo de maus tratos, sendo machucada, talvez violentada. Isso não pode estar acontecendo. Tem que ser mentira de Cauéré, mas Cauéré não mentiria.

— Quando eles a levaram? — A pergunta sai, mecanicamente.

— Há três dias. Ela estava indo embora, de volta para seu lar. Eles nos cercaram na beira do rio, onde a canoa deveria estar. Disseram que vão matá-la se Kiura denunciar eles.

Então a culpa é minha. Se não tivesse me metido com esses caras nada disso estaria acontecendo. Certamente eles viram os helicópteros sobrevoando a área e deduziram que os denunciarei. Se Cauéré estiver certo em suas palavras a essa altura Anita já deve estar morta. Minhas mãos estão sujas de sangue, minha alma está dilacerada. Nada mais parece fazer sentido. Parece inacreditável, mas sinto que perder Anita, desta forma, é como perder um pedaço de mim. O melhor pedaço do meu ser.

— Ela não pode estar morta. — As palavras saltam da minha boca, quase como um gemido de dor.

— Se Kiura denunciou eles, é melhor começar a orar. Aqueles homens são perigosos e estão dispostos a tudo.

Movido por algo maior e mais forte que eu, caio de joelhos no chão e faço o que jamais acreditei que faria um dia: falo com Deus. Deposito Nele toda a minha confiança, como Anita disse durante uma das suas pregações que deveríamos fazer para alcançarmos as graças e, não há graça maior que eu possa querer agora que saber que ela está viva.

Mesmo sem saber que palavras pronunciar, faço minha primeira oração, com fé e humildade, a família de Cauéré ajoelhando-se ao meu lado, orando junto comigo, na sua língua, como Anita os ensinou.

Minutos depois, deixo a casa, com minhas esperanças renovadas.

— Precisamos encontrar os madeireiros imediatamente. Eles assassinaram vários índios, feriram outros e podem ter matado Anita também. — Declaro a Alessandro, o líder dos soldados, a dor me corroendo por dentro, a fé me impedindo de ficar desesperado.

— Precisamos que um dos índios nos leve até eles. — É Raimundo quem fala.

— Não sei se isso será possível. Nem todos falam nossa língua. E a maioria está morta ou

ferida.

Nesse momento, um jovem adolescente indígena surge de trás de um dos casebres.

— Eu levo vocês até homens brancos. Eles mataram meu pai. Quero que paguem por isso. — Diz.

— Você é muito jovem para se envolver nisso rapaz. — Alessandro retruca.

— Eles são preparados desde cedo para andarem na selva. Conhecem essa floresta muito bem. Acredito que possa sim nos ajudar. — Raimundo declara, para meu total alívio.

— Então vamos logo. Não podemos perder mais tempo. — Falo, sem disfarçar minha aflição.

— Você disse que há índios feridos aqui. Preciso avisar ao outro helicóptero que volte a Manaus e traga um médico e medicamentos. — Alessandro fala indo na direção do aerotransporte.

Espero-o ansiosamente, os minutos se arrastando com uma lentidão impressionante, até que pôr fim ele retorna e entramos na mata densa e fechada. Repleta de perigos, sendo guiados por um garoto de quinze anos de idade.

Caminhamos durante horas antes de alcançarmos a clareira onde era praticado o desmatamento. Tudo está lá: os troncos das árvores cortados, as motosserras, os barracos e o velho caminhão, mas as pessoas não estão. O lugar está completamente deserto.

— Puta merda! Eles devem ter visto o helicóptero e fugiram. — Esbravejo, com agonia crescente.

— Não devem estar muito longe, pois as brasas do fogo ainda estão quentes. Não saíram daqui a muito tempo. — Alessandro constata, antes de virar-se para o adolescente e perguntar: — Você consegue rastreá-los? Seguir rastros?

— Sim. Seguir rastros eu sei.

— Ótimo. Mostre-nos em que direção eles foram.

O menino varre o solo com olhos atentos, sagazes, afastando a vegetação para ampliar seu campo de visão. Faz isso por um tempo que me parece uma eternidade, até que pôr fim aponta para uma direção e declara:

— Eles foram por ali. Estão a pés. Há crianças e mulheres com eles.

— Bom trabalho garoto. — Alessandro, um homem muito branco, alto e musculoso, segue na frente, na direção que o jovem apontou, sendo que todos nós o seguimos.

Mesmo eu que não tenho experiência alguma com isso, começo a ver os vestígios da trilha deixada pelos bandidos. Consiste em galhos de arbustos cortados, vegetação rasteira pisoteada, passos visíveis nas folhas secas.

Fazemos o longo percurso por horas, até que todas as pistas se perdem no meio do nada, onde há apenas árvores e arbustos.

O jovem índio procura uma nova trilha a pedido do soldado. Minha aflição vai crescendo, minhas esperanças desaparecendo, quando de repente estampidos de tiros ecoam de todos os lados e dois soldados são baleados, antes que tenham tempo de arremessar-se no chão como todos nós fizemos.

Com habilidade, os soldados rastejam pelo chão, procurando um bom posicionamento e atiram na direção de onde partiram os chumbos de espingarda. Tiros certos, os estampidos dos tiros seguidos de baques de corpos caindo no chão.

— Parem de atirar! Anita pode estar com eles! — Grito, desesperado, sem poder fazer nada, minha voz sendo ignorada por todos. A chuva de tiros incessantes continuando, de ambos os lados, até que, pouco a pouco, o silêncio toma conta de tudo, sem que mais soldados sejam feridos.

— Parem de atirar. Tenho crianças aqui. — Reconheço a voz do líder dos madeireiros, partindo de entre os arbustos, não muito distante.

— Onde está Anita seu desgraçado! — Grito.

— Está comigo. Cessem fogo e a deixo ir.

— Anita você está aí?

— Sim Victor. — A voz dela ecoa como sons de trombetas angelicais acalmando a tempestade silenciosa que acontece no meu interior.

— Você está bem?

— Estou.

— Solta ela, seu desgraçado!

— Eu vou soltar. Se vocês prometerem não atirar.

— Se tocar num fio de cabelo dela, eu te mato, seu maldito!

— Liberte a moça agora e pouparemos sua vida. — Alessandro intervém. — Se tentar alguma gracinha, mato você e suas crianças.

Segue-se um longo momento em que o silêncio reina no ar, parecendo-me o anúncio de uma sentença de vida ou de morte.

Finalmente, ouço os passos delicados de Anita correndo na nossa direção e logo ela surge de algum ponto entre as árvores.

Esquecendo-me do risco que corro de levar um tiro de espingarda, levanto-me do chão e corro ao encontro dela, tomando-a em meus braços. Um turbilhão de sentimentos incomprensíveis conflitando-se dentro de mim, fazendo meu coração bater mais depressa, minhas pernas ficarem bambas. Ali, abraçando-a, com a certeza de que nada de mal vai lhe acontecer, não sei se choro ou se sorrio.

— Abaixem-se. Vocês estão loucos?! — Alessandro grita.

Ignorando o alerta do soldado, afasto-me um pouco de Anita, apenas o suficiente para observá-la com mais atenção e certificar-me de quênão está machucada. Apesar de encontrar-se completamente coberta de sujeira, com o vestido rasgado, o rosto muito abatido e a pele queimada de sol, ela não parece portar nenhum ferimento grave.

— Você está bem? Aquele maldito de machucou? — Preciso ter certeza.

— Estou bem. Só muito cansada e com fome.

— Agora vai ficar tudo bem. — Garanto, antes de deitá-la sobre as folhas secas no chão, para em seguida fazer uso de uma coragem que desconhecia possuir, avançando rumo ao local de onde ela saiu disposto a fazer aquele maldito pagar por ter colocado suas mãos sujas nela.

O ódio toma conta de mim, quando o enxergo escondido atrás do tronco de uma árvore, para a minha sorte, recarregando a espingarda, sem que tenha tempo de usá-la antes que eu o alcance e a arranque de suas mãos, jogando-a para longe.

O que acontece em seguida é uma total perda de controle da minha parte. Dominado por uma fúria selvagem, esqueço-me de que ele é um velho e bato nele tão forte, tantas vezes, que logo sua face está transformada numa mancha vermelha. Mesmo quando ele cai no chão, quase desfalecido, eu não consigo parar de chutá-lo, as imagens de Anita sendo maltratada por ele, passando-se em minha mente, como flashes de um filme que assisti.

Ouçõ os gritos da esposa dele me pedindo para parar, mas nem isso me detém. Ele só escapa com vida porque um dos soldados intervém, segurando-me por trás, imobilizando-me, lembrando-me de que não há necessidade de que eu me torne um assassino.

A mão delicada de Anita pousa sobre meu ombro. Olho para o lado e vejo seu rosto lindo, há poucos centímetros de distância do meu. Seus lábios curvados num sorriso terno. Sua voz doce me dizendo que ficará tudo bem e pouco a pouco volto a mim, então percebo que os dois únicos peões que escaparam com vida então sendo algemados pelos soldados, a velha esposa do líder dos bandidos está em prantos, com os três filhos agarrados na barra da sua saia e o neto nos braços.

Olho para ela e recordo-me de que sempre soube de tudo o que seu maldito marido fez a Manuela, possuindo-a quando tinha apenas doze anos de idade, engravidando sua própria filha e nunca fez nada para ajudá-la.

Lembro-me também da promessa que fiz à Manuela de levar seu bebê a salvo e o arranco dos braços da velha mulher, sob seus protestos.

— Podem prender todos eles. Não me importo com o que vai acontecer às outras crianças, mas essa eu vou levar à verdadeira mãe. — Declaro.

Como os coloquei a par de toda a triste trajetória de Manuela, tanto os soldados quanto Raimundo consentem com a minha atitude.

Estamos nos preparando para iniciar a caminhada de volta para a aldeia, quando somos surpreendidos por um único estampido de tiro de espingarda.

Olhamos ao mesmo tempo para a direção de onde partiu e vemos o jovem indígena que nos guiou

pela mata segurando a espingarda do velho madeireiro, apontando-a para seu corpo, agora sem vida, jogado no chão.

— Ele matou meu pai. Agora eu matei ele. — Diz o jovem.

— Nós entendemos. — O soldado fala, tirando-lhe a espingarda das mãos. — Agora me dá isso aqui, pois é muito perigoso.

CAPÍTULO XV

Victor

Caminhamos durante horas, de volta para a aldeia. Os soldados escoltando os dois únicos sobreviventes algemados, a esposa do velho madeireiro aos prantos.

Chegando lá, finalmente os indígenas saem das suas tendas para receberem Anita com muita satisfação, deixando claro o quanto ela é querida por eles.

A equipe médica solicitada já se encontra no local, tratando os feridos, muitos deles.

O adolescente que nos acompanhou, narra a todos com orgulho, como acabou com a vida do assassino do seu pai e como os soldados foram corajosos em atacar os peões. Como recompensa por terem acabado com os homens que assassinaram seus pais e maridos, as mulheres indígenas preparam um caldeirão de arroz Maria Izabel, com carne de veado, que devoramos até o último grão, já que estamos todos famintos e exaustos.

Tanto os soldados quanto o funcionário da FUNAI têm a reação típica de quem experimenta a comida indígena pela primeira vez: inicialmente sentem repulsa pela falta de higiene no preparo do alimento, para em seguida apreciar o sabor puro da comida.

É noite quando os dois helicópteros partem levando todos embora, inclusive a viúva do madeireiro, com seus três filhos e o neto, para que os pequenos recebam a assistência necessária e o bebê seja devolvido à mãe. Eu queria ter feito isso pessoalmente, como prometi, mas não sei quando partirei de volta para a cidade. A única certeza que tenho agora é a de que quero viver intensamente meus últimos momentos ao lado de Anita, pois logo Apolo, seu verdadeiro amor estará de volta e nunca mais a terei em meus braços.

Após a partida de todos um silêncio gostoso, quebrado apenas pelo som calmo e tranquilo da natureza volta a reinar na aldeia. A fogueira ainda não é acesa, já que a comunidade está em luto pelos que perderam a vida lutando e nos recolhemos mais cedo às nossas casas.

Seria esperar muito da minha parte conseguir ficar longe de Anita esta noite. Apesar de saber que ela está exausta, necessitando de descanso, preciso falar com ela, pois a afirmação de Cauéré, de que ela estava partindo quando foi sequestrada, recusa-se a deixar minha mente, atormentando-me. Por que razão ela faria isso? Por que me abandonaria assim de repente para voltar aos braços de Apolo sem sequer saber que ele está quase recuperado? Terá se arrependido por se entregar a mim? Por viver tudo o que vivemos juntos? Fui tão insignificante na sua vida a ponto de ser abandonado sem ao menos ser avisado? Preciso saber. Não sossegarei até obter todas as respostas dela.

Então vou a sua casa, onde a encontro sentada na beirada da sua cama, cabisbaixa, imóvel, como se fizesse uma oração. Ainda usa o vestido sujo e rasgado com o qual foi resgatada.

Espero que ela perceba minha chegada, mas não acontece. Então falo.

— Desculpe interromper, mas não conseguiria dormir sem te ver mais uma vez hoje.

Ela ergue seu olhar para mim, suas duas piscinas azuis brilhando intensamente.

— Tudo bem. Você não me interrompeu. Eu já tinha terminado de orar.

— Você está precisando de alguma coisa? — Não era bem isso que eu queria dizer, mas me sinto desencorajado a fazer minhas indagações, por temer as respostas.

Cacete! Quando me tornei tão inseguro?

— Sim. Preciso tomar um banho. Não conseguiria dormir com tanta sujeira em cima de mim.

Tento imaginar como ela pretende tomar esse banho se o caminho até o rio está mais escuro que os olhos da Nina Dobrev.

— Você quer que eu vá te buscar um balde de água no rio? — Nem por ela eu cometeria essa sandice. Mas tinha que perguntar.

Todo o seu rosto se ilumina com um sorriso.

— É sério que você faria isso por mim? — Porra, ela só pode estar brincando.

— Faria. — Agora sim, estou ferrado.

— Você não encontraria o caminho até o rio sozinho nessa escuridão nem que os Paralamas do sucesso estivessem fazendo um show lá.

— Acho que tenho que concordar com você.

Ela sorri alto agora, seus olhos lindos cada vez mais brilhantes.

Recordo-me de que preciso falar com ela sobre a rápida recuperação de Apolo, que logo estará de volta. Mas deixarei isso para depois, pois a quero toda para mim enquanto posso, sem que exista outro homem em seus pensamentos.

Recordo-me também de que vim lhe perguntar algo, mas já não faço mais ideia do que era, a minha sanidade comprometida pelo poder que essa mulher tem de tragar toda a minha atenção para si.

— Eu irei até o rio se você me acompanhar. — Ela diz.

É a melhor proposta que recebo em anos.

— Mas é claro que vou.

— Ótimo então.

Ela levanta-se muito vagarosamente, pegando roupas limpas e uma toalha, com movimentos apáticos, lentos.

— Você está bem? — Quero saber.

— Não. Estou há muitas horas sem dormir. Acho que nunca estive tão exausta.

Que pena. As ideias que surgiram em minha mente quando ela me convidou para ir ao rio vão ter que ficar para outro dia. Hoje ela precisa de cuidados e é isso que lhe darei. Afinal estar com ela parece me importar mais que qualquer coisa.

Nunca antes em minha vida uma mulher significou tanto para mim como Anita significa. É como se o mundo ficasse mais belo quando estou em sua companhia. Apesar da sua simplicidade ela consegue tornar tudo mais doce, mais leve, ameno. Faz-me sentir como se a vida realmente valesse à pena ser vivida, não apenas pela aventura, mas pelo simples fato de estar vivo. Ela me ensinou a acreditar em Deus e nos seus milagres, algo que há poucos dias parecia impossível. Saber que ela pertence a outro homem e que esse homem é meu irmão é a parte triste de tê-la conhecido.

Ela está quase rastejando quando deixamos sua tenda, com uma lamparina movida a querosene sendo nosso único meio de iluminação. Não consigo vê-la assim e ergo-a do chão em meus braços, carregando-a, entregando-lhe a lamparina, caminhando vigorosamente na direção do rio.

— Você não vai conseguir me carregar até lá. Pode me colocar no chão, eu ainda consigo andar.

— Mas é claro que eu consigo te levar até lá. Sou mais forte do que você pensa.

— Ok. Mas se cansar pode me colocar no chão.

— Deixa comigo.

Meus braços se cansam na metade do trajeto, mas me recuso a deixá-la ir andando. Isso é o mínimo que posso e quero fazer por ela.

Chegando ao rio, ela despe-se diante dos meus olhos sequeiros, meu pau ficando duro dentro da calça com a visão da sua deliciosa nudez, sua silhueta perfeita iluminada pela luz da lamparina.

Corajosamente, ela mergulha nas águas escuras.

— Você não vem? — Pergunta.

— Acredite, se eu entrar nessa água, não conseguirei manter minhas mãos longe de você.

— Então não mantenha.

Porra, o que ela está querendo? Se matar? Ou me matar?

Tento me desconcentrar dela. Pensar em outra coisa qualquer que não no seu corpo gostoso, totalmente nu sob a água e poupá-la do meu tesão descontrolado, por causa do seu estado. Mas simplesmente sou incapaz de resistir, em questão de segundos, dispo-me das minhas roupas e mergulho nas águas escuras, juntando-me a ela. Nossos corpos se encontrando, o contato gostoso com sua pele intensificando o desejo louco dentro de mim, me fazendo perder a noção de tudo mais que não seja sua perturbadora proximidade.

— Você ainda tem uma chance de escapar se me pedir para parar agora. — Falo e minha voz é entrecortada pela respiração ofegante.

— Não quero que você pare.

O que ela está tentando fazer? Aproveitar um último momento comigo antes de partir na manhã seguinte, como fazia quando foi sequestrada?

Tento refletir a respeito, mas logo mando todos os pensamentos irem se foder e cubro seus lábios naturalmente rosados com os meus, passeando minha língua por eles, antes de enfiá-la na sua boca, exigindo que ela a chupe. Ela o faz ao mesmo tempo em que contorna meus quadris com suas pernas e meu pescoço com seus braços, numa entrega tão deliciosa que por pouco não me deixa louco de verdade.

É incrível a intensidade com que quero essa mulher, tão descontroladamente que temo machucá-la com minha força física.

Completamente dominado pela luxúria que pulsa incessante em minhas veias, agarro-a pela cintura e a puxo mais para mim, pressionando seus seios delicados contra a rigidez do meu tórax tão fortemente, que a sinto arquejar de encontro ao meu corpo.

Sua fragilidade me excita ainda mais e já não tenho mais nenhum poder sobre mim, todo o meu ser transformado na mais insana lasciva.

Seguindo aos meus instintos mais primitivos, levo minha boca a um dos seus seios, colocando o mamilo delicado entre meus dentes sem apertar, movendo-o desta forma, enquanto minha mão escorrega para o meio das suas pernas, acariciando sua boceta carnuda, arreganhada por causa da sua posição. Quente, lambuzada, do jeito que gosto.

Enfio dois dedos de uma vez na sua vagina apertada, dilatando suas paredes escorregadias que parecem pulsar de encontro ao meu contato, todo seu o corpo arquejando mais uma vez, um gemido de súplica partindo dos seus lábios.

— É isso que você quer? Que meta meu pau aqui? — Sussurro de encontro ao seu mamilo duro.

— Ah... Sim... Quero muito...

— Então me pede para te foder...

— Me fode... Coloca esse pau na minha boceta...

— Mas que boca suja você tem... — Tiro meus dedos da sua vagina, com cuidado para que a água do rio não os limpe completamente da sua lubrificação e os introduzo na boca dela. — Toma algo para você chupar... Sinta seu gosto nessa boquinha suja...

Ela mama meus dedos com vontade e isso me deixa ainda mais doido. Quero substituí-los pelo meu pau, olhar para ela enquanto o chupa com toda essa vontade, mas não há tempo, preciso estar dentro dela de outra forma agora, como se minha vida dependesse disso.

Então, encaixo meus quadris no meio das suas pernas e entro nela com um safanão, sua carne quente, escorregadia, palpitando de encontro à minha rigidez, intensificando o turbilhão de sensações que tomam conta de mim.

— Você teve sua chance de escapar... Mas não quis... Agora aguenta...

Puxo meu pau e o enfio novamente, com mais força, brutalmente, indo muito fundo no seu canal,

nossas pélvis se chocando violentamente e ela geme. Gemidos de súplica pedindo mais, deixando claro que isso a enlouquece tanto quanto a mim.

Puxo o pau e o enterro nela outra vez e mais outra, incessantemente. Cada estocada mais dura, mais funda que a outra, sua umidade aumentando, me proporcionando um prazer indescritível enlouquecedor.

— Você gosta disso não é?

— Ah... Sim... Muito...

— Como conseguiu ficar tanto tempo sem dar essa boceta?

— Eu não te conhecia...

— Então diga que me quer...

— Eu te quero...

— Abra os olhos.

Ela abre seus olhos lindos hipnóticos, carregados de paixão e de luxúria, fixando-os nos meus, de muito perto e é nesse instante, que tenho certeza de que a amo, loucamente, como jamais esperei um dia ser capaz de amar uma mulher.

Putá merda! Estou ferrado!

— Diga agora, Anita...

— Ah, Victor, eu te quero tanto...

“Então por que ia me deixar, sem ao menos se despedir?” As palavras ecoam em minha mente, mas não as pronuncio. Afasto todos os pensamentos e meto nela, com força, sem dó. Arrancando-lhe gemidos ensandecidos, dengosos, suplicantes, até que todos os músculos dela se contraem, anunciando a chegada de um orgasmo, quando paro de mover meus quadris, cessando os golpes, satisfeito ao vê-la lançar a cabeça para trás, desesperada, ansiando pelo alívio.

— Por favor... Continue...

— Ainda não...

Movo meus quadris em círculos, girando meu pau dentro do seu canal apertado, tão fundo que posso sentir o colo do seu útero subindo e descendo.

Ela solta um gritinho de prazer e move seus quadris da mesma forma que acabei de fazer, buscando por mais dessa sensação que lhe dei, ansiosa, sequiosa e isso é minha perdição. Logo meu gozo se forma e preciso segurá-lo enquanto volto a arremeter meus quadris contra ela, enfiando meu pau e tirando, com força e brutalidade, indo fundo nela, para que logo seu corpo volte a se contrair e juntos mergulhamos num êxtase arrebatador, que parece nos engolir. Nossos corpos sacudindo, ondulando juntos, numa harmonia tão perfeita que posso sentir as batidas enlouquecidas do seu coração, enquanto me esvaio dentro dela, enchendo-a com meu esperma, sem que deixemos de nos fitar em momento algum.

Após a explosão, ficamos completamente imóveis, nossos corpos ainda colados. Nossos olhos fixos um no outro. Em minha mente ecoando repetidamente, concomitante às batidas do meu coração, a frase que não me atrevo a pronunciar: *“Eu te amo, Anita. Eu te amo Anita. Eu te amo Anita”*.

Sou incapaz de dizer isso a ela, por temer ouvir dos seus lábios que não pode me amar de volta, que seu coração já tem dono.

Muito vagarosamente ela leva seus lábios aos meus, beijando-me de uma forma diferente. Mais lentamente, ternamente, ao mesmo tempo em que afasta seus quadris, me fazendo deixar o aconchego do seu interior.

— Isso foi maravilhoso. — Ela sussurra, abandonando meus lábios, abrindo um lindo sorriso.

A cada mínimo gesto dela, tento ver um significado e chego à conclusão de que posso estar surtando. Talvez pelo excesso de tempo afastado da tecnologia.

— Pra mim também foi. — Consigo dizer.

Quando ela faz menção de afastar-se subitamente desaba. A água amortecendo sua queda, meus braços a aparando, erguendo-a no ar.

— Por Deus, Anita. O que você tem? — Pergunto, alarmado.

— Não sei. Acho que o cansaço me venceu. — A voz dela está muito fraca.

Porra! Eu devia ter mantido a porcaria do meu pau longe dela. Sou mesmo um imbecil!

— Vou te levar pra casa.

Carrego-a de volta para a aldeia, guiando-me por meus instintos, já que é impossível enxergar a trilha em meio à negra penumbra. Deixo nossas roupas e a lamparina para trás, acreditando que nossa nudez não será notada pelos índios por causa da escuridão. E mesmo que fosse não haveria problema algum, pois ficar nu diante uns dos outros é algo comum entre a população local.

Chegando à sua casa, acomodo Anita sobre sua pequena cama, cobrindo-a com um lençol branco com cheiro de limpeza que encontro em seu armário.

Sentindo-me completamente à vontade com minha nudez, sento-me ao lado dela, acariciando sua face e seus cabelos molhados.

— Está se sentindo melhor?

— Sim. Acho que só preciso descansar.

— Quer que lhe traga algo?

— Não. Quero apenas que você se deite comigo.

Sem hesitar, aconchego-me no pequeno espaço ao seu lado, colando meu corpo no dela, aninhando sua cabeça em meu ombro.

Droga! Meu pau está duro outra vez. É algo que não posso evitar, pois Anita transpira sensualidade por cada um dos seus poros. Mas não deixarei que ela perceba como estou afinal

precisa descansar.

Assim, permaneço imóvel, esforçando-me, contendo o desejo louco de possuí-la mais uma vez. Pouco a pouco sinto o corpo dela relaxar de encontro ao meu e sei que pegou no sono, deixando-me sozinho com meus pensamentos.

CAPÍTULO XVI

Anita

Desperto meio perdida sem saber exatamente como vim parar aqui. Desatino que dura apenas alguns segundos, pois logo tudo volta à minha mente. O tiroteio entre os soldados do exército e os madeireiros; como Victor quase matou o líder deles com as próprias mãos e todo o pesadelo que passei durante esses três dias, permanecendo amarrada, sem comer ou beber, sendo agredida física e psicologicamente por aqueles loucos. Graças a Deus tudo acabou. Estou livre, embora lamente imensamente a morte de tantas pessoas inocentes.

Olho no pequeno relógio de parede e descubro que são dez horas da manhã. Nunca tinha dormido durante tantas horas consecutivas antes, estava realmente exausta. O sexo com Victor no rio, apesar de ter sido maravilhoso, absorveu o que restava das minhas energias.

Só então me recordo da presença dele na minha cama e ergo minha cabeça para observar seu rosto profundamente adormecido. É, sem sombra de dúvidas, o rosto mais belo e másculo que já vi. Tem o queixo bem desenhado, os olhos ligeiramente puxadinhos, as maçãs arredondadas e as sobrancelhas meio curvadas, como se estivesse sempre furioso. Embora seus olhos cor de mel, na maior parte do tempo, reflitam serenidade.

Relembro os momentos vividos em seus braços na noite anterior, os melhores da minha existência, como foram todos os outros com ele. É realmente uma pena que tenha que acabar. Que eu precise voltar à minha realidade, à vida que me espera na Argentina, pois apesar de tudo o que sinto por esse homem, essa loucura que não sei definir do que se trata e ficar com ele sem sermos casados, vai contra todos os meus princípios. Sou incapaz de viver assim e sei que Victor jamais se casará comigo. Fazer isso contradiria sua natureza de conquistador. Para ele, certamente, eu sou apenas mais uma conquista. Uma conquista valiosa, eu suponho, por tê-lo como o primeiro homem da minha vida e por ser noiva do seu irmão. Acredito que não haja muitas outras como eu por aí.

Não posso negar que é simplesmente maravilhoso estar com ele, isso está muito além do que eu seja capaz de compreender. Ele me desperta um sentimento novo, tão intenso e verdadeiro que chega a superar o amor que sinto por Apolo. Quando estou em seus braços nada mais parece importar, sou invadida por um turbilhão de sensações que simplesmente não consigo definir. Talvez seja esse o verdadeiro amor entre um homem e uma mulher. Talvez o que sinto por Apolo seja apenas uma grande afeição por ele sera pessoa incrível que é repleta de afinidades comigo.

Além de tudo, esse sentimento louco que Victor me desperta, assusta-me, pois é descontrolado, capaz de me deixar fora de mim, de me fazer perder a razão e agir de forma irracional. Embora, por outro lado, seja um amor gostoso que gostaria de viver se fosse possível.

Mas não é, pois além de isso estar contra as normas da vida que escolhi para mim, em pouco

tempo Victor se cansaria da minha companhia e procuraria outra mulher, isso faz parte dele. Apolo me falou a esse respeito antes de eu conhecê-lo e tive minha prova recentemente, quando soube que ele passou a noite com uma menina de quinze anos em sua cama. Se estivéssemos na cidade, talvez ele já tivesse me trocado por outra. Ainda está comigo apenas porque aqui na selva não tem opção. E essa necessidade que ele tem de variar, de possuir várias mulheres ao mesmo tempo, me destruiria se eu deixasse, pois não suportaria vê-lo com outra. Sei disso porque experimentei o inferno quando acreditei que ele estava nos braços da filha do madeireiro, quando na verdade tinha fugido com ela em busca de ajuda.

Quanto antes eu me livrar dele, menos sofrerei.

Todavia, apesar de estar ciente de que tudo o que fizemos foi errado, não me arrependo de nada, se voltasse no tempo faria tudo outra vez. A única coisa que tenho a lamentar é o fato de precisar magoar Apolo quando lhe falar a verdade, para justificar o fim do nosso noivado. Devo a verdade a ele, por mais que esta o magoe.

Valeu à pena abrir mão do meu futuro como missionária para viver os momentos que vivi com Victor. Mesmo que eu exista por cem anos, jamais esquecerei como é magnífico pertencer a ele como fêmea. Experimentar a única coisa que ele tem a oferecer a uma mulher, já que me parece incapaz de amar verdadeiramente, ou talvez apenas ainda não tenha conhecido a pessoa certa.

Mas não vou ficar aqui pensando nisso, preciso partir. Ir embora antes que ele acorde, pois odeio despedidas.

Decidida, tento levantar-me sorrateiramente para não despertá-lo, mas ele abre os olhos no instante em que me movo sobre a cama, fixando-os em meu rosto, ao passo em que seu braço forte me prende de encontro ao seu corpo novamente.

— Onde você pensa que vai? — Ele pergunta com a voz preguiçosa, a expressão dos olhos desconfiada.

Vasculho minha mente em busca de uma resposta que possa evitar a verdade, mas chego à conclusão de que preciso ser honesta com ele.

— Preciso partir.

— Como assim? — Ele não me parece tão surpreso quanto eu esperava.

— Vou voltar para a Argentina e retomar minha vida. — Apoio a cabeça num cotovelo, para fitá-lo mais diretamente. — Não posso viver com você do jeito que estamos vivendo, isso contradiz a vida que escolhi seguir.

Agora a surpresa se estampa no seu olhar lindo.

— O que... O que você está dizendo? Não vai esperar Apolo se recuperar e se casar com ele?

— Claro que não. Não posso mais me casar com Apolo, pois trai a confiança dele, da pior forma possível. Sem falar que um homem como ele não se casaria com uma mulher que não é mais virgem.

A expressão de Victor é de pura confusão. Ele parece tentar entender algo que pode estar além

da sua compreensão. Para ele o sexo é algo banal, não acreditaria que significa muito mais para pessoa como Apolo e eu.

— Você não pode ir embora assim. Não pode voltar para a Argentina.

— E por que não? — Por um breve instante, tenho um lampejo de esperança de que ele diga que sou importante para ele, que quer algo sério comigo, mas seria muito esperar isso dele.

Ele hesita antes de responder.

— Porque os índios precisam de você aqui. Não pode abandoná-los.

Eu sabia.

Desapontada sem razão, já que esperava isso dele, levanto-me depressa procurando alguma roupa limpa no armário, já que minha mala ficou esquecida na margem do rio quando fui sequestrada.

— Não posso mais pastorear ou ser missionária. O que fiz com você foi um pecado irremediável. — *“Já que você não se casará comigo”*. Completo, mentalmente.

Ele levanta-se, colocando-se diante de mim, forçando-me a encará-lo, a interromper minha busca por roupas.

— Você não pode fazer isso. Não pode ir embora assim sem mais nem menos.

— E por que não Victor? Diga-me!

Ele permanece em silêncio, observando-me com uma expressão indecifrável.

Foi o que pensei: ele não tem nada a me oferecer que não seja sexo.

Mergulhados no mais absoluto silêncio, volto a procurar algo para vestir, até que encontro um vestido bege que tinha deixado para trás antes por ser muito justo no corpo. Como não tenho opção agora, será ele mesmo, então o visto sentindo-me pouco à vontade.

Sob o olhar atento de Victor, escovo os dentes com a água de uma jarra, ajeito os cabelos como posso. Pego alguns dos meus poucos pertences e estou pronta para ir.

— Então, adeus. Foi um prazer te conhecer. — Falo, empurrando as palavras através do nó que se forma em minha garganta. Meu coração apertado no peito, as lágrimas ameaçando aflorar dos meus olhos.

— É só isso? Foi um prazer me conhecer?

— Não tenho mais nada a dizer. — Desvio o olhar do rosto dele, antes que as lágrimas aflorem e dirijo-me para a saída, apressadamente.

Todavia, antes de alcançar a pequena porta de palha, Victor coloca-se atrás de mim, tão próximo que posso sentir o calor gostoso do seu corpo nu, sua mão segurando a porta fechada.

— Por favor, não vá. — Ele sussurra. Seu hálito acariciando meus cabelos.

— Por que não Victor? — Pergunto pela terceira vez esta manhã.

O silêncio volta a reinar por um longo momento, até que, por fim, ele segura-me pelos ombros e vira-me de frente, nossos olhares se encontrando. A intensidade da sua expressão aprisionando-me.

— Porque eu te amo! Eu te amo como jamais esperei ser capaz de amar alguém. — Ele diz e meu coração dispara no peito, minha respiração se tornando mais pesada. — Eu sei que isso não é certo, embora meu coração insista em me dizer o contrário, mas já que você não vai se casar com meu irmão case-se comigo. Vamos ficar juntos. Reconstrua sua vida ao meu lado.

Tenho a impressão de que meu coração pode saltar do peito a qualquer momento, tão aceleradas se tornaram suas batidas. Simplesmente não sei o que dizer a Victor. Temo que ele esteja tendo uma reação de momento, um lapso pelo fato de eu estar indo embora, que no fundo não seja isso que queira realmente. Um homem como ele, amante da aventura, de viagens por países movimentados, da velocidade e da adrenalina, não se prenderia a alguém como eu, pacata e religiosa.

— Pense bem no que está dizendo Victor e vai chegar à conclusão de que não é isso que você realmente quer.

Ele volta a me segurar pelos braços, apertando-os com tamanha força que chega a machucar.

— Como você pode saber o que eu quero?

— Eu te conheço, você não suportaria a vida ao meu lado. Ai me solta, está me machucando.

Ele aperta meus braços com mais força, assustando-me.

— É por causa da religião? Eu sou capaz de segui-la, você me ensinou a acreditar em Deus. Posso mudar e viver como você. Só não me deixe. Estou te implorando.

Já não sei o que pensar. Nunca esperei ouvir isso de um homem como ele. Não esperava por isso, embora seja tudo o que passei a desejar desde que o beijei pela primeira vez, ainda no seu apartamento em Curitiba.

— Me solta Victor. Meus braços estão doendo.

Como se voltasse a si de repente, ele solta meus braços, percorrendo os dedos através dos seus cabelos, num gesto de nervosismo.

— Porra, desculpa. Isso tudo é muito novo e inesperado pra mim. Acho que não estou fazendo a coisa como se deve. Espera aí um pouquinho.

Observo-o ir até a cama e enrolar o lençol em torno do seu corpo nu, para em seguida, ajoelhar-se diante de mim, erguendo seu rosto para fixar seus olhos nos meus e dizer:

— Anita, você me daria à honra de se tornar minha esposa? Prometo mudar de vida, tornar-me uma pessoa religiosa e viver de acordo com as leis estipuladas pelas escrituras sagradas. Terminar minha faculdade de Medicina e ajudar os menos favorecidos com esses conhecimentos. Prometo te seguir para onde você for, mesmo que esse lugar seja o planeta Marte. Faço qualquer coisa, serei quem você quiser, desde que me diga que nunca me deixará.

Parece impossível, mas meu coração bate ainda mais acelerado, minhas pernas ficam trêmulas e minhas mãos transpiram. Como dizer não a ele se acaba de declarar tudo o que eu queria ouvir? Acaba de prometer se tornar o homem com o qual eu sonhei durante toda a minha vida. Se o amo tão desesperadamente, a ponto de ter comprometido todo o meu futuro por ele?

Sei que ele ainda pode estar mentindo para não me permitir partir e se divertir comigo um pouco mais, como fazem homens iguais ao que Apolo me descreveu que ele é, todavia, em meu coração, sinto que suas palavras são verdadeiras e se há uma coisa que aprendi, foi a sempre ouvir a voz do meu coração.

Então, emocionada, ajoelho-me também, ficando na altura dele e declaro:

— Eu aceito me casar com você. Não poderia dizer não, pois foi em seus braços que conheci o verdadeiro amor, como deve ser entre um homem e uma mulher. Serei sua esposa Victor, porque te amo de verdade. — Minha voz soa trêmula, sem que eu consiga controlar.

Ele me abraça, apertando-me de encontro ao seu corpo.

— Ótimo. Agora que estamos entendidos venha cá que preciso tomar meu café da manhã.

O homem humilde e romântico que estava diante de mim há dois segundos desaparece e o Victor que eu conheço está de volta. Esse que se coloca de pé, puxando-me para cima, erguendo-me em seus braços fortes e me carregando para a cama, onde me estende confortavelmente colocando seu corpo grande sobre o meu, descansando seu peso nos seus joelhos e mãos.

Sem que palavras sejam necessárias para que saibamos o que acontecerá em seguida, ele inclina-se e cobre meus lábios com os seus, chupando minha língua com força, excitando-me loucamente.

Desce a boca até meu pescoço, mordiscando-o suavemente ao passo em que usa as duas mãos para rasgar meu vestido ao meio, abrindo-o de cima a baixo, deixando-me completamente nua.

— Então, minha futura esposa, quer dizer que além de tentar me deixar, pela segunda vez, a senhorita ia viajar por aí sem usar uma calcinha por baixo do vestido? — Seu tom é brincalhão e não consigo deixar de sorrir. — Está sorrindo? Nem passou pela sua cabeça que sou um homem muito ciumento, capaz de dar umas boas palmadas na sua linda bunda por causa disso?

— Acho que eu ia gostar disso. — Estou tão excitada, ansiosa por ser tocada por ele, que as palavras escapam da minha boca.

— Minha nossa! Que safadinha está me saindo essa minha noiva. — Ele simula tom de alarme. — Posso providenciar isso depois, agora estou ocupado.

Então, no instante seguinte, sua boca está sobre um dos meus seios, mamando-o sequiosamente, da forma que me deixa doida.

Um gemido de súplica escapa dos meus lábios, por causa do desejo ensandecido que passeia por todo o meu corpo, se tornando mais intenso no meio das minhas coxas, onde logo estou úmida.

Ensandecida de tesão, cruzo uma perna sobre a outra e as aperto, tentando aplacar o fogo que jaz

na minha intimidade.

Victor parte para meu outro seio, chupando-o com a mesma voluptuosidade. Deixando meu mamilo duro, lambuzado de saliva, excitando-me ainda mais.

Sua boca gostosa passeia sobre meu corpo, experimentando-o com a ponta da sua língua, até alcançar minha intimidade, quando então usa as duas mãos para abrir minhas pernas e contempla-me ali, onde sou mais sensível.

— A partir de hoje, até o fim da minha vida, quero acordar com essa visão todos os dias. — Ele fala, antes de colocar sua boca na minha boceta lambuzada de tesão. Infiltrando sua língua entre meus grandes lábios, movendo-a avidamente ali, para cima e para baixo, em círculos, para em seguida chupar meu clitóris, mamando duro, como se alimentasse de mim, arrancando-me gemidos ensandecidos, do mais lascivo prazer.

— Ah... Victor... Victor... — O nome dele escapa da minha boca, sem que eu possa parar, todo o meu ser convertido em uma massa de sensações e sentimentos. A melhor coisa que já experimentei. — Ah... Meu amor... Não para... Como isso é bom... Como é gostoso te sentir... Te quero tanto... Tanto...

Louca de tesão, seguro seus cabelos curtos e o puxo mais para mim, movendo ligeiramente meus quadris para cima e para baixo, esfregando minha boceta na sua boca deliciosa. Cada vez mais fora de mim. Cada vez mais certa de que não pode haver nada melhor que isso.

Pouco a pouco o gozo se forma na altura do meu ventre, e como se soubesse disso, Victor me chupa ainda mais forte, mamando meu grelo sem dó. De modo que ergo meus quadris para me dar mais a ele e logo explodo num orgasmo estarrecedor, que por pouco não me faz perder os sentidos. Meu corpo se contorcendo sobre o colchão, minha boca proferindo seu nome doce, os vestígios do meu prazer sendo sugados por ele. Até que pôr fim fico imóvel e ele traz seus lábios até os meus, enfiando sua língua atrevida na minha boca, sem que eu resista a chupá-la.

— Esse é o seu gosto, Anita. Vá se acostumando com ele, pois sempre a farei senti-lo.

— Ah, sim, faça. De você eu quero tudo, até o meu gosto.

CAPÍTULO XVII

Anita

Movendo-se com a agilidade e leveza de um felino Victor inverte as posições, deitando-se de costas no colchão, colocando-me sobre ele. Puxa o lençol para baixo, desnudando seu pau enorme, totalmente esticado, as veias ainda mais protuberantes, o líquido transparente escorrendo da sua ponta.

— Chupa meu pau, gostosa. — Ele fala, num sussurro meio rouco, muito sedutor.

Então, fazendo uso do aprendizado que adquiri durante minha infância, quando assistia aos filmes que minha mãe me ordenava, coloco-me de quatro sobre ele, beijando seus lábios com volúpia. Nossas línguas se atritando fora da boca, para em seguida descer a boca através da sua pele máscula, lambendo e mordiscando cada centímetro do seu corpo gostoso, excitada, extasiada com sua virilidade.

Ele tem um corpo perfeito, coberto por músculos bem definidos no tórax, onde há também uma espessa camada de pelos negros.

Desço minha boca até sua masculinidade e abocanho seu pau grande e grosso, enfiando-o inteiro na boca. Levando-o até minha garganta, seu líquido salgado, me excitando um pouco mais. Volto à ponta e desço novamente, passando a fazer esse movimento de vai e vem incessantemente, com cuidado para não passar meus dentes na sua carne.

Victor segura meus cabelos com uma mão, afastando-o do seu campo de visão para observar-me chupando-o, seus olhos brilhantes da mais crua lasciva. Pousa a outra mão sobre minha garganta para senti-la subindo e descendo com a entrada e saída do seu cacete gostoso.

Levo minha boca até seu saco, lambendo-o inteiro, para em seguida recomeçar os movimentos, enfiando e tirando aquele pau da minha boca, lascivamente, sentindo-me uma puta e apreciando essa sensação tão libertadora.

Percebo que Victor olha para meu traseiro e empino-o ainda mais, imaginando como será gostoso tê-lo inteiro enterrado ali, dentro de mim e isso leva um gemido abafado aos meus lábios.

— Vem cá, tesuda. Senta no meu pau. — A voz dele é um gemido meio selvagem e serve para intensificar o desejo em mim.

Ergo-me lentamente e monto-o, ciente que ele percorre os olhos sequiosos por cada detalhe do meu corpo completamente nu.

Ainda vagarosamente, encaixo seu pau na entrada da minha vagina e desço os quadris, permitindo que seu tamanho me preencha completamente, sua rigidez dilatando as paredes

escorregadias do meu canal, que palpita loucamente com o contato, um tesão louco tomando conta de mim. O prazer indescritível de ser possuída por esse homem me dominando por completo.

Sem desviar meus olhos dos seus, apoio minhas mãos no seu peito forte e movo-me cada vez mais depressa sobre ele. Para cima e para baixo, em círculos. Experimentando fascinada, cada centímetro daquela delícia que me preenche toda, me enlouquecendo. Cada movimento intensificando o desejo ensandecido que corre solto nas minhas veias.

— Puta merda! Como você é gostosa. Eu sou mesmo um filho da puta sortudo do caralho. — Não pode haver nada mais sensual no planeta que o timbre rouco, meio sussurrado da sua voz. — Assim gostosa, rebola no meu pau. Dá-me essa bocetinha apertada, porque agora ela é minha... Diga que você é minha...

— Sim... Sou sua...

— Até quando?

— Pra vida toda...

— Ah... Vem cá...

Ele segura meus quadris com suas duas mãos e move-me para cima e para baixo, estocando com força dentro de mim. Brutalmente, violentamente, indo fundo no meu interior, me fazendo gritar de prazer.

— Ah... Victor... Assim... Me fode desse jeito... Que delícia... Me dá esse pau... — As palavras escapam da minha garganta sem que eu tenha controle algum sobre elas, o tesão falando por mim.

— Toma gostosa... Ele é todo seu... Só seu... — Ele mete com mais força, nossas pélvis se chocando violentamente e logo estou perdida num orgasmo arrebatador que se forma nas minhas entranhas, enrijecendo todo o meu corpo, quando então Victor para de se mover, deixando-me quase louca de ansiedade.

— Ah... Não pare agora... — Suplico.

Ele morde o lábio inferior, fazendo aquela expressão de safado e move os quadris em círculos, girando seu cacete dentro de mim, tão deliciosamente que por pouco não vou à loucura.

— Não sei se devo facilitar as coisas pra você. Você está muito ambiciosa. Acabou de gozar na minha língua e já quer gozar no meu pau.

— Sim... Quero muito...

Tento mover-me sobre ele, na busca desesperada pelo alívio mas ele não permite, segurando-me firme no lugar.

Abro a boca para implorar novamente, quando então ele ergue o tronco, sentando-se, nossos corpos se colando, meus seios contra seu tórax musculoso. Nossos rostos a poucos centímetros de distância e, inacreditavelmente, tudo se intensifica dentro de mim, todo o meu ser transformado em prazer e desejo.

Sem uma palavra, ele toma meus lábios, sugando-os com volúpia, ao mesmo tempo em que segura meus quadris dos dois lados, com mãos poderosas, movendo-me para cima e para baixo, entrando e saindo de mim, deliciosamente, violentamente, como aprendi a gostar. Até que juntos, mergulhamos no mais incrível êxtase, nossos corpos ondulando ao mesmo tempo. Nossos gemidos abafados pela boca um do outro. Seus espasmos se fazendo dentro de mim e os meus de encontro a ele, numa explosão deliciosa que por pouco não me faz perder a consciência. Até que pôr fim ficamos imóveis, embora ainda seja cedo para nos desgrudarmos.

Nossos corpos estão moles, suados. Nossos corações batendo acelerados, em uníssono. Nossos lábios saboreando um ao outro. Uma indescritível aura de paz e tranquilidade nos envolvendo, nos trazendo a certeza de que pertencemos um ao outro. Que nascemos para ficarmos juntos. Se nos restava alguma dúvida disso, esta se dissipa no momento que se segue, quando não conseguimos nos desgrudar, mesmo estando sexualmente saciados.

— Eu te amo, Anita. — Victor fala, interrompendo o beijo, fitando-me de muito perto.

— Eu também te amo Victor.

— Ficaremos juntos para o resto das nossas vidas.

— Sim. Por toda a vida. Não quero outro lugar que não seja ao seu lado.

— E eu não sabia o que era viver antes de te conhecer.

Por fim, nos cansamos desta posição e nos deixamos esticar sobre a cama, meu braço e minha perna jogados sobre ele, minha cabeça aninhada no seu ombro. Permanecemos mergulhados em um silêncio tranquilo. Gostoso, por um longo momento, até que ele pergunta:

— Quando você decidiu que não se casará mais com Apolo?

— Quando decidi me entregar a você. Eu não me casaria com ele depois de traí-lo assim e nem ele me aceitaria sendo eu impura.

— Impura... Essa palavra é engraçada. — Ele sorri, mas logo volta a ficar sério. — Então você chegou ao ponto de abrir mão de tudo, do seu futuro, sua missão, só para ficar comigo?

— Sim. Mesmo acreditando que não ficaríamos juntos por muito tempo e faria tudo de novo.

Segue-se outro longo momento em que o silêncio é quebrado apenas pelo som da nossa respiração.

— Obrigado, Anita.

— Pelo quê?

— Por ser minha mesmo quando eu era aquele moleque irresponsável, que não queria nada da vida. Por me ensinar a acreditar em Deus e por me ensinar a amar. Eu sou mesmo um cara de muita sorte por ter você.

— Ainda não acabou.

— Como assim?

— Precisamos falar com Apolo. Pedir perdão a ele.

Nesse momento, todo o corpo dele fica tenso de encontro ao meu.

— Isso quer dizer que se ele se negar a nos perdoar, você não se casará comigo?

— Ele perdoará.

— E se não perdoar?! Você vai me deixar?

Sim, eu vou, pois não posso construir minha felicidade em cima da infelicidade de alguém, principalmente alguém que amo tanto quanto Apolo. Mas não direi isso a Victor. Pelo menos não ainda.

— Vamos tomar café. Estou morrendo de fome. — Mudo de assunto.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Não vamos falar sobre isso agora. Esperemos que o destino mostre os caminhos da nossa vida. O que tiver que ser, será.

Ele abre a boca para retrucar, mas desiste, a serenidade voltando ao seu olhar.

— Então vamos saber o que o destino nos reserva. Partiremos para Curitiba amanhã mesmo, concorda?

— Sim. Concordo. — Respondo sem pensar.

O dia que se segue não poderia ser mais perfeito. Eu e Victor não conseguimos nos desgrudar nem por um minuto. Estamos juntos na hora das refeições, no banho e até à noite, quando decido ministrar o culto, pois apesar de ainda estar vivendo com ele em pecado, logo serei sua esposa.

Minha surpresa é colossal quando Victor se converte à religião durante a cerimônia, provando mais uma vez, o quanto está mudado.

No dia seguinte, já não estamos tão animados. Levantamos cedo para partir para Curitiba, onde nosso futuro será decidido pela atitude de Apolo em abençoar nossa união ou não.

Deixamos a aldeia na companhia de um dos Yerês, partindo a pé pela mata densa, carregando pouquíssima bagagem, já que no fundo temos esperanças de voltarmos em breve.

Como não temos uma canoa nos esperando na margem do rio, desta vez precisamos caminhar durante todo o dia para alcançarmos um ponto no rio onde, eventualmente, pode passar um barco. É neste lugar que o indígena nos deixa, voltando para a aldeia, e é onde passamos a noite, deitados sobre os arbustos, encontrando conforto para nossos medos nos braços um do outro.

Logo ao nascer dos primeiros raios de sol, ouvimos o ronco do motor de um barco e pedimos parada. Este nos leva até uma cidade próxima, onde pegamos outra embarcação que nos conduz até Manaus.

Eu e Victor não conversamos muito durante a viagem, cada um de nós mergulhado nos seus próprios receios. Ele temendo não conseguir o perdão do irmão, eu receando que ele mude ao chegar

à cidade grande. Que volte a ser o que era antes, ao se encontrar em meio a toda aquela agitação com a qual está familiarizado. Sem falar na quantidade de mulheres que voltará a ter à sua disposição, prontas para se entregarem a um simples sinal da parte dele. Meus receios deixam meu coração apertado no peito, o que não me impede de sorrir durante toda a viagem, ao observar como Victor luta, desesperadamente, contra os mosquitos que nos atacam no barco.

Ele agiu da mesma forma durante nossa vinda. Acho que foi a partir desse momento que deixei de odiá-lo e passei a me afeiçoar a ele.

Em Manaus, conseguimos pegar o voo duas horas depois da nossa chegada e antes que eu esteja preparada para encarar Apolo, estamos aterrissando em Curitiba, às nove horas da noite

Antes de seguirmos para o apartamento de Victor, onde Apolo está instalado sob os cuidados da mãe, passamos num shopping, onde troco o vestido tosco que me restou por roupas novas. Um vestido longo, de saia rodada, florido. Sendo que compro mais alguns trajes.

Durante todo o percurso até nosso destino, um silêncio tenso nos envolve, o temor crescendo dentro de nós.

Eu tenho quase certeza de que Apolo nos dará sua benção, todavia não podemos descartar a possibilidade de que ele passe a odiar o irmão e não nos perdoe. O que nos impedirá de ficarmos juntos.

Chegando lá, mãe e filho se encontram na sala, modernamente mobiliada, a nossa espera, já que foram avisados com antecedência sobre a nossa chegada.

Olho para Apolo, sentado numa cadeira de rodas e quase não o reconheço. Está muito mais magro. A pele pálida, o olhar triste. Imagino o inferno que tem sido para ele, um homem que sempre viveu cercado pela natureza, estar preso àquela cadeira.

— Oi Apolo. — Falo, aproximando-me dele, sem saber como agir, enquanto Victor está abraçando a mãe. — Como você está?

— Sentindo sua falta, mais que das minhas pernas.

Caramba! Talvez as coisas não sejam tão fáceis quanto eu esperava.

— Também senti sua falta. — Não estou mentindo. Ainda o amo, só que agora percebo que é um amor de irmão.

— Então o que está esperando para me dar meu beijo. Ou já não estou tão atraente quanto antes. — Seu tom é jovial.

Hesito antes de aproximar-me mais, mas não posso negar isso a ele, então, inclino-me e o abraço com força. Ele tenta trazer seus lábios até os meus, quando então Victor o interrompe na metade do trajeto, colocando-se entre nós.

— E aí, cara. Parece que a imobilidade te fez bem. Até perdeu uns quilinhos. — Victor brinca, fazendo Apolo sorrir, enquanto cumprimenta Helena com um abraço.

— Cuidado para não morrer de inveja da minha boa forma. — Apolo responde e ambos se

abraçam, demoradamente.

— Como estão as coisas por aqui? — Victor pergunta ao se afastar do irmão.

A semelhança entre ambos é tanta que chega a impressionar. São praticamente iguais.

— Como te falei por telefone, em questão de meses estarei pronto para voltar à selva. Já consegui dar alguns passos sozinho. Mas o médico recomendou a cadeira de rodas para não forçar a barra. — Victor não me falou nada sobre ter telefonado para ele. Agora quero compreender o porquê. — E a vida na floresta. Como tem sido? Muito enfadonha? — O olhar que Apolo lança a Victor é maquiavélico. Seu lábio está curvado num meio sorriso que me parece perverso.

— Tem sido maravilhosa. Nunca vivi uma experiência tão boa.

O meio sorriso de Apolo se desfaz. O espanto surgindo na expressão dos seus olhos.

— Pensei que você ia detestar aquilo tudo. Você é tão... Urbano.

— Eu era meu irmão. Agora sou selvagem. Descobri que tenho um coração selvagem.

A desconfiança se estampa nos olhos de Apolo. Logo ele desvia o olhar para mim e tenho quase certeza de que sacou tudo o que está acontecendo entre mim e Victor.

— Chega de conversa. — Agradeço aos céus que a mãe deles intervenha. — Vou servir alguma coisa pra vocês comerem. Devem estar famintos.

— Não precisa mãe. Nós fizemos um lanche num shopping antes de virmos pra cá. — Victor declara, sentando-se preguiçosamente sobre o sofá.

— Ora. Um lanche não é suficiente pra quem viajou tantas horas. Vão ter que comer a canja que fiz. Mesmo que seja só um pouco. Querem que eu traga aqui ou preferem se servir na cozinha?

— Pode trazer. — Victor fala. Reflete por um instante e completa. — Mãe fica um pouco lá na cozinha porque eu e Anita queremos falar em particular com Apolo.

Helena observa-nos desconfiada enquanto meu coração quase para de bater, por saber que chegou à hora de falar a verdade a Apolo.

Poxa! Podíamos esperar até amanhã.

A velha mulher, com traços físicos muito parecidos com os dos filhos desaparece na cozinha, quando Victor gesticula para que eu me acomode no sofá ao seu lado, diante de Apolo, que nos observa muito desconfiado, certo de que lhe daremos más notícias. O conheço o suficiente para saber que ele pressente coisas ruins.

CAPÍTULO XVIII

Anita

— Temos algo para te contar, Apolo. — Victor começa e meu coração aperta um pouco mais.

Queria que um meteoro caísse na terra agora, para evitar esse momento.

— Pode falar meu irmão. Eu sei que vou entender. — Eu sabia! Ele já sacou tudo!

— Esses dias que passamos na selva, aconteceram algumas coisas. — Victor hesita. — Não foi algo que planejamos, mas aconteceu naturalmente e foi mais forte que nossa vontade. — Victor hesita novamente.

— Continue. — Apolo o incentiva calmo como sempre.

— Eu e Anita nos apaixonamos.

O silêncio que se segue é carregado de apreensão, tensão e um terrível sentimento de culpa que parece assolar não apenas a mim, por causarmos a infelicidade de Apolo, o que nos deixa angustiados, já que o amamos igualmente.

— Como é? — Apolo parece atônito, incrédulo.

— Isso mesmo que você ouviu. — Sou eu quem fala desta vez. — Estamos apaixonados, não pedimos por isso, mas aconteceu...

— Victor não ama ninguém. — Apolo grita, rispidamente, interrompendo-me. — Ele apenas usa as mulheres. Logo que se cansa de uma procura outra. Não passa nem uma semana com a mesma garota. Se você caiu na lábia dele, só posso sentir pena de você. — O olhar que ele me lança está permeado por um misto de ódio e desprezo, como jamais vi em sua expressão antes.

— Não é como você está pensando Apolo. — Victor diz. — Eu mudei. O amor de Anita me mudou. Eu a amo de verdade e vou me casar com ela. Mas antes precisamos da sua benção e do seu perdão, pois sabemos que estamos agindo errado com você. Por favor, diga que nos perdoa.

— Como isso é possível? Não tem nem um mês que vocês se conhecem. — Apolo parece desorientado.

— Eu a amei no instante em que a vi pela primeira vez e precisei de poucos dias para enxergar isso. Anita me fez acreditar em Deus, a amar a religião, a selva, a causa de vocês. Agora ela é tudo pra mim. Mas se você me disser que não permite, nós não ficaremos juntos. Estamos em suas mãos.

Apolo alterna seu olhar, visivelmente chocado, de mim para Victor de Victor para mim.

— E o amor que você dizia sentir por mim? Era falsidade? — Seu tom é acusador. Mas quem

pode culpá-lo?

— Nunca fui falsa. Eu sempre te amei e ainda amo. Só que agora percebo que é um amor de irmão, não o de uma mulher por um homem, como o que sinto por Victor. Por favor, diga que entende.

— Pelo visto ele te ensinou direitinho como é o amor de homem e mulher.

O silêncio constrangedor é a resposta que confirma nossa culpa.

Apolo reflete por um instante, até que pôr fim declara:

— Preciso ficar sozinho. Vou para o quarto de hóspedes. Acho que vocês vão precisar do quarto principal. Só não deixem minha mãe dormir no sofá. — Sem mais palavras, deixa a sala, locomovendo-se na sua cadeira de rodas.

Permaneço imóvel no sofá, o sentimento de culpa assolando-me.

Victor levanta-se e começa a caminhar de um lado para o outro da sala, visivelmente nervoso.

— Eu sabia que ele não ia entender. — Fala. — E agora, o que vamos fazer? Por acaso você pretende me deixar?

— Ele vai nos perdoar, só precisa de um tempo para pensar. Fica calmo.

— Vocês não deviam ter feito isso com ele. Já basta o que está passando preso àquela cadeira de rodas. — Helena esbraveja, entrando na sala, fuzilando-nos com olhos furiosos. — Você não tinha o direito de fazer isso com ele, Victor. Primeiro causar uma situação que o faz ser baleado e agora roubar a única mulher que ele amou.

— Mãe... — Victor tenta falar, mas a mulher não espera. Dá-nos as costas e segue na direção dos quartos, com passos pesados e apressados.

Victor senta-se no sofá ao meu lado, enterrando o rosto nas duas mãos.

— Acho que perdi minha família. — Diz, me fazendo sentir ainda mais culpada.

Tentando dar-lhe um pouco de conforto, aproximo-me e o abraço, acariciando seus cabelos curtos.

— Não fique assim. Dê tempo a eles. No final o amor que sentem por você vai falar mais alto. Você vai ver.

Ele me abraça de volta, apertando-me contra seu corpo, com força, pois é a forma como sabe agir.

— Sou capaz de suportar toda perda, menos a sua.

— Você não vai perder ninguém. Vamos dormir. Amanhã tudo se resolverá.

— De onde você tira tanta fé?

— De Deus. Quando entregamos nossa vida a ele, só podemos esperar coisas boas. Você precisa aprender isso. Aprender a ter fé.

O corpo dele estremece de encontro ao meu, sem que eu compreenda a razão.

— Há muito que eu ainda preciso aprender. Até pouco tempo só conhecia a farra, a aventura, as coisas sem sentido da vida.

— São conhecimentos que você adquirirá aos poucos, com o tempo. Agora descubra onde vamos dormir, porque estou exausta.

Victor vai até o pequeno corredor e volta com a notícia de que sua mãe está dormindo no quarto de hóspedes junto com Apolo. Podemos ficar com o quarto principal.

Esta noite dormimos agarradinhos, aconchegados no corpo um do outro. O lugar que se tornou o preferido para nós. Mas não nos atrevemos a fazer amor, por respeito às pessoas presentes no apartamento e seus sentimentos já tão magoados.

Na manhã seguinte, despertamos quando os primeiros raios do sol penetram o quarto pela vidraça da janela, já que perdemos o hábito de dormir até mais tarde, como fazem as pessoas na cidade.

Outro hábito que precisamos voltar a adquirir, ainda nesta manhã, é o banho de chuveiro. Tomamos um demorado, juntos. Victor espalhando a espuma do sabonete pelo meu corpo, eu pelo dele, quando se torna impossível resistir ao desejo que queima em nossas veias e entregamo-nos à luxúria louca da qual nos tornamos escravos, desde que nos tocamos pela primeira vez e fazemos amor sob os jatos da água.

Estamos nos vestindo das roupas que compramos no shopping na noite anterior, quando há uma batida na porta e não preciso ouvir a voz dele para saber que é Apolo, trazendo o nosso perdão.

Terminamos rapidamente, antes que Victor abra a porta para recebê-lo, dando passagem à sua cadeira de rodas.

— Bom dia. — Apolo diz, com tom formal, seus olhos vasculhando o quarto, passando pelos lençóis emaranhados da cama, examinando os vestígios da nossa paixão. — Dormiram bem?

— Muito. — Victor responde visivelmente embaraçado.

— É diferente estar novamente numa cama depois de tanto tempo dormindo na rede.

— E como.

— Bem... Sentem-se para que possamos conversar. — Nos sentamos lado a lado no colchão, diante do olhar atento dele. — Primeiro eu gostaria de dizer que não poderia haver felicidade maior nessa vida que ver você convertido, meu irmão. Tão mudado, se importando com aqueles que precisam de nós. Passei essa noite inteira pensando e cheguei à conclusão de que não sou capaz de tirar isso de você. Se for o amor de Anita que te transformou, vocês têm o meu perdão e a minha benção para ficarem juntos. Até porque amo muito vocês dois e sou incapaz de me tornar uma pedra no caminho da felicidade de vocês.

Fico emocionada, as lágrimas aflorando em meus olhos.

— Obrigada Apolo. — Falo num fio de voz.

Tomado pela mesma emoção, com a certeza de que ficaremos juntos, Victor vai até o irmão e o abraça apertado.

— Eu também te amo meu irmão. — Diz. — Muito obrigado por se importar com minha felicidade.

— Então, como vai ser isso? — Apolo fala, quando Victor se afasta. — Vocês vão se casar antes de voltarem para a aldeia ou vão esperar mais um pouco?

Eu e Victor nos entreolhamos. Não conversamos sobre isso ainda.

— Acho que vamos esperar até você se recuperar e fazermos uma comemoração só. — É Victor quem fala.

— E onde pretendem morar?

Quero dizer que gostaria de continuar na aldeia, lugar que tanto amo, onde a comunidade precisa de nós. Mas vou deixar Victor decidir nosso futuro.

— Isso é Anita quem decide. — Victor declara, para minha total surpresa. — Se ela quiser ir pra Conxixina eu vou junto. Só gostaria de terminar a faculdade antes, para ajudar mais as pessoas que precisam com a medicina.

— Cristo! Você está mesmo mudado. Quem diria que eu ouviria isso daquele moleque sem rumo que eu tinha como irmão. Anita você fez um verdadeiro milagre.

— O mérito não é meu. Você sabe disso.

— Então Anita, onde vai querer morar?

— Quero voltar para a aldeia, pelo menos até você se recuperar. Depois que Victor terminar a faculdade, procuramos uma comunidade que precise de nós.

Apolo fica pensativo por um instante, antes de declarar:

— Então já que resolvemos tudo, vamos tomar café. — Seu tom é de empolgação.

Encontramos Helena na cozinha fazendo torradas. A princípio ela nos dirige uma carranca, mas muda de expressão ao perceber o quanto estamos nos dando bem com Apolo. Logo nos sentamos todos à mesa de mármore para fazermos a refeição, quando Victor fala sobre suas experiências na selva, sobre como passou a enxergar a religião com outros olhos ao ler os relatos de Apolo sobre os milagres e as provas da existência de Deus.

Passamos o dia inteiro assim: em paz, descontraídos, alegres. Procuro vestígios de rancor ou tristeza em Apolo, mas não há nada. Ele é tão puro e generoso, que compartilha da nossa infinita felicidade.

Porém, quando a noite cai, o que eu mais temia acontece. Victor recebe um telefonema que diz ser de um dos seus patrocinadores e sai sem me convidar, usando suas melhores roupas, prometendo logo estar de volta.

Tento afastar a possibilidade de que ele voltou à farra que tanto apreciava, às mulheres fáceis, ao

álcool, mas esse pensamento se recusa a deixar minha mente.

Depois que ele sai, fico inquieta, enciumada, sobressaltada. Quando Apolo percebe meu estado, e me convida para assistir “*Jurassic Park*” na sala, com a intenção clara de me distrair dos meus tormentos.

Embora aprecie esse filme, não consigo me concentrar, meus temores tomando conta de mim.

— Não fique preocupada. Logo ele estará de volta. Deve ter ido desfazer os contratos que tinha antes de voltar para a Amazônia. — Apolo fala como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

— Esse patrocinador teve o dia inteiro para ligar. Por que fez isso apenas à noite? — É o que estou me perguntando desde que ele saiu.

— Talvez o cara seja um desses empresários muito ocupados que só tem tempo a noite.

Esforço-me para acreditar no que ele diz ter fê, mas não consigo. Temo que Victor perceba que sua vida na cidade é mais atraente que ser religioso. E que viver na selva e casar-se comigo não seja o que ele realmente quer.

Minha mente está enevoada por esses pensamentos. Posso visualizar, mentalmente, Victor num desses bares escuros, abarrotados de garotas seminuas. Posso ver uma dessas garotas sentada nas pernas dele, ambos bebendo uísque, embriagando-se ao ponto de terem relações sem mesmo saberem o nome um do outro. Era isso o que ele fazia antes, sua vida era assim. Pode, facilmente, ter uma recaída.

Quando o filme termina, Helena vai dormir e Apolo coloca a continuação de “*Jurassic Park*”, pois sabe que gosto da série. Mas não consigo me concentrar em nada. Olho para a tela do monitor sem enxergá-lo realmente.

— Você o ama muito, não é? — Apolo parece capaz de enxergar através de mim.

— Não sei o que seria da minha vida sem ele. — Minha voz sai trêmula. As lágrimas ameaçando aflorar.

Apolo já não tenta me animar com palavras, pois é quase meia noite e Victor ainda não voltou. Um encontro de negócios já teria terminado ou se tivesse acontecido algum imprevisto, ele já teria telefonado. Sequer levou o celular, para que não possamos entrar em contato. Mais uma evidência da sua culpa.

A possibilidade de ele estar na farra, agora é quase uma certeza, o que faz meu coração sangrar, dolorosamente.

Se Apolo fosse uma má pessoa, poderia jogar na minha cara agora o quanto estava certo sobre Victor, o quanto fui estúpida em trocar seu amor pelo dele, mas simplesmente me observa em silêncio, com uma expressão de piedade.

Continuamos fingindo assistir aos filmes na televisão, em silêncio, a mesma certeza indesejada assolando-nos.

São duas horas da madrugada quando nos recolhemos. Sozinha no quarto não consigo mais

segurar as lágrimas que escorrem abundantes pela minha face. Se não fosse tão tarde da noite, partiria para a Argentina agora mesmo, antes de ser obrigada a ver Victor bêbado, como estava na noite em que o conheci, com cheiro de perfume de outra mulher, ou outras mulheres.

Mas o farei na manhã seguinte, bem cedo, de preferência antes que ele chegue.

Decidida e sem conseguir pegar no sono, arrumo minhas poucas roupas em uma sacola e a deixo num canto do quarto, para que esteja facilmente acessível e eu saia daqui o mais depressa possível quando o dia amanhecer.

CAPÍTULO XIX

Victor

Maldição! Estou caminhando há horas no escuro, no meio do nada e não chego a lugar nenhum. Nenhum posto de gasolina, nenhuma cidade. Há apenas a vegetação cercando a rodovia que liga Curitiba a Paranaguá, para onde aqueles miseráveis me fizeram ir ainda cedo da noite. Um trajeto que duraria uma hora para ir outra para voltar e que agora se perdura pela noite adentro.

Era cedo da noite quando recebi o telefonema de Ricardo, o proprietário do jornal, patrocinador das corridas de Fórmula 1, que me colocou em contato com o Ministro da Segurança Nacional, quando liguei para ele da Amazônia. Seu convite foi para que eu me reunisse a ele, com o chefe da fábrica de carros que eu representava nas corridas e com outros patrocinadores, com o objetivo de encerramos nosso contrato. Não quis trazer Anita para evitar tantos olhares masculinos sobre ela, embora saiba que foi uma péssima decisão, já que pode tê-la levado a acreditar que a evitei porque fui à farra, o que piorou com o fato de serem duas horas da madrugada e eu ainda não ter chegado em casa.

Chegando ao apartamento de Ricardo, em Água Verde, fui informado, por uma empregada, que ele transferira a reunião para sua casa em Paranaguá, por ter mais espaço disponível e me aguardava lá.

Conheço bem o lugar, foi palco de muitas comemorações de conquistas em campeonatos. Eventos sempre repletos de bebidas e muitas mulheres.

Ao chegar à suntuosa construção, fiquei surpreso e ao mesmo tempo desapontado ao me deparar com uma festinha, repleta de mulheres lindas eseminuas, realizada pelos membros da equipe. A maioria dos quais já se encontravam bêbados demais para negociar qualquer coisa, ou mesmo rescindir meu contrato.

Como era de esperar, todos me cumprimentaram com alegria, satisfeitos por reverem o melhor piloto que eles podem pagar.

— Seja bem vindo de volta, meu caro. Organizei essa festinha para comemorar sua volta. Gostou da surpresa? — Ricardo um homem parrudo, com cerca de quarenta anos, falou após me cumprimentar com um abraço.

Imediatamente, saquei a jogada dele. Estava tentando me fazer enxergar as coisas boas que perderia se deixasse a cidade para viver na selva. Estava lançando uma isca para me fígar de volta. Me fazer desistir de tudo, que fiz a besteira de lhe revelar que está acontecendo na minha vida, inclusive de Anita. Ele sabia que se eu a traísse com uma daquelas mulheres, ela não me perdoaria.

— Pensei que você tinha compreendido que quero rescindir o contrato com a equipe. Não havia

necessidade de nada disso. — Falei, irritado.

— Não seja ingrato, meu jovem. Deixa eu te apresentar uma amiga. Tenho certeza que ela vai conseguir te fazer relaxar. — Ele gesticula para uma direção qualquer e uma loira escultural, usando apenas lingerie preta, capaz de deixar qualquer homem de pau duro só com o olhar, aproxima-se. — Essa é Gisele, nova funcionária do jornal. Pegue uma bebida pra ela e divirta-se.

— É um prazer te conhecer Victor. — Gisele fala. — Nunca tinha conhecido um piloto antes. — Ela me lança o mais sedutor dos olhares.

Em outras épocas eu a levaria, sem hesitar, para um dos quartos em menos de uma hora e a faria chupar meu pau até seu batom vermelho estar todo nele, antes de comê-la de quatro. Mas não agora, pois sou um homem apaixonado, incapaz de trair Anita.

— Desculpe Gisele, mas não posso ficar aqui. — Dei-lhe as costas e segui Ricardo através da sala abarrotada de pessoas que conversavam, se agarravam e até dançavam ao som de Shakira.

O cheiro da fumaça dos cigarros, as risadas altas e indiscretas das mulheres de aparência vulgar, o odor da bebida, a música alta. Tudo me enojava no ambiente, como se nunca tivesse feito parte da minha vida, quando na verdade, em um passado muito recente, eu apreciava tudo isso. Algo que já não consigo compreender.

— Espera Ricardo. — Pousei minha mão sobre seu ombro para atrair sua atenção. — Não posso ficar aqui. Em outro momento, quando estivermos reunidos em um escritório, sem tudo isso encerramos o contrato. Estou indo. Ligo para você depois.

— O que há com você? Não gosta mais das coisas boas da vida, ou mudou de time? — Ele se referia à minha sexualidade, com deboche, mas não permiti que isso me atingisse.

— Mudei tudo em minha vida, meu caro. Mas não vou tentar te explicar, porque tenho certeza de que você não entenderia. Até outra hora.

Segui em direção à saída, quando então Gisele tomou-me o caminho, esfregando seu corpão no meu, oferecendo-me um copo de uísque.

Olhei para sua bunda voluptuosa, saltando de uma calcinha de renda preta fio dental, que se ligava a uma cinta liga da mesma cor e imediatamente meu corpo reagiu, tive uma ereção, fraquejei. Quis agarrá-la pelo braço, levá-la escada acima e comer aquela bunda, enterrar meu pau no seu cuzinho e estocar com força, até ela pedir arrego.

Fechei os olhos e visualizei o rosto amado de Anita, o que me resgatou da tentação, dando-me forças para resistir e deixar o lugar o mais depressa possível, voltando para a estrada.

Não acredito no quanto fui fraco, em como realmente cogitei a possibilidade de trair a mulher que amo, simplesmente por luxúria.

Dirigi até metade do trajeto de volta para Curitiba quando, inesperadamente, a gasolina do carro acabou. Um carro que não era usado há dias, que havia sido deixado com o tanque cheio. Cheguei a considerar a possibilidade de Ricardo, ou outro membro da equipe, ter esvaziado o tanque de propósito, para que eu não conseguisse chegar em casa esta noite. Fazer Anita acreditar que foi traída

e me deixar, me fazendo voltar para as corridas. Mas eles não iriam tão longe. Iriam?

Abandonei o carro no meio do nada e comecei a caminhar às margens da rodovia, com a esperança de chegar a algum lugar onde houvesse um telefone, já que não trouxe meu celular, ou quem sabe conseguir uma carona. Todavia, caminhei até me cansar e não cheguei a lugar algum onde houvesse vestígio de civilização, tampouco alguém parou para me ajudar e agora, no meio da madrugada, estou aqui, perdido, no meio do nada.

Sentindo-me exausto pelo esforço da caminhada, sento-me no meio fio, a espera de um milagre e este acontece. Logo uma motocicleta, pilotada por um sujeito muito mal encarado, para perto de mim.

— Vi seu carro lá atrás. Está precisando de ajuda, amigo? — O cara da motocicleta pergunta.

— Sim. Preciso de uma carona até um posto de gasolina.

— Sobe aí. Eu te levo.

Ele me leva até o posto de gasolina mais próximo, localizado a cerca de dez quilômetros de distância de onde eu estava. Teria que caminhar até o dia amanhecer para chegar aqui, se ele não tivesse parado.

Antes de tudo procuro um telefone público e ligo para casa. O telefone toca insistentemente, mas ninguém atende. Devem estar dormindo. Então, compro um galão de gasolina e sou levado de carro pelo frentista até onde deixei meu veículo. Abasteço-o e parto em alta velocidade rumo a Curitiba.

O dia está clareando quando entro na garagem do meu prédio. Encontro apartamento completamente silencioso, ainda mergulhado na escuridão, já que nenhuma janela foi aberta. Dirijo-me para o quarto, onde encontro Anita profundamente adormecida, deitada de frente, com os cabelos espalhados sobre o travesseiro, usando uma camisola de algodão, o lençol cobrindo apenas suas pernas. É a visão mais gloriosa que tenho esta noite. Seu rosto relaxado, tão lindo, tão amado. Não posso acreditar que fiquei de pau duro por causa de outra mulher.

Nunca estive apaixonado antes, não sei se minha reação com loira foi normal, porque sou homem e isso é inevitável. Não sei se com o tempo, quando meu casamento cair na rotina, vou deixar de resistir e trair a mulher que amo, como muitos homens traem.

A única certeza que tenho é de que quando estou perto de Anita nada mais parece me faltar.

Quanto mais olho para ela, adormecida sobre a cama, mais preciso me esforçar para controlar o impulso de acordá-la e fazer amor com ela, saciar o desejo louco que queima nas minhas entranhas. Mas não posso fazer isso. Preciso deixar que ela descanse.

Então, dispo-me decidido a tomar um banho e dormir um pouco. Estou pendurando a toalha branca no ombro, quando vejo a sacola no canto do quarto e, apenas para confirmar o que já sei, verifico se realmente são as roupas de Anita dentro dela.

A sensação que me invade é de que o chão está se abrindo aos meus pés. Sinto-me desolado, discriminado, rejeitado, julgado, pelo fato de ela não confiar em mim, a ponto de arrumar as malas para partir só porque passei a noite fora, sem dar-me a chance de me explicar.

E se eu não tivesse conseguido pegar carona e chegado em casa apenas pela manhã, não a encontraria mais aqui?

A falta de confiança de Anita em mim magoa-me como se mil facas perfurassem minha carne. O que mais preciso fazer para que ela tenha certeza do meu amor? Da minha mudança? Das minhas intenções?

Pensando nisso, tomo um banho demorado e deito-me ao lado dela, movendo-me o mínimo possível sobre a cama para não despertá-la, mas meus esforços são em vão. Logo ela abre seus olhos hipnóticos, cravando-os em meu rosto, subitamente assumindo uma expressão de raiva e desconfiança.

— Onde você estava até agora? — Ela pergunta, rispidamente, sentando-se, afastando-se do contato comigo.

Sua atitude me irrita. O motivo de tamanha desconfiança consiste no que eu fui. Na sua descrença de que mudei de verdade.

— Acho que não é necessário que eu responda essa pergunta. Você parece ter tirado todas as conclusões. — Falo, abruptamente, gesticulando para a sacola com as roupas dela.

— Você estava demorando. Não telefonou. O que esperava que eu pensasse?

— Então é assim? Se eu demorar para chegar em casa você simplesmente vai me abandonar? Sem esperar para saber o que aconteceu? — Dessa vez eu grito, a raiva pipocando em minhas veias.

— Não me julgue por isso. Seu passado...

— Meu passado acabou no momento em que assumi um compromisso com você. — Eu volto a gritar, interrompendo-a. — Mas acho que é bobeira da minha parte achar que algum dia você vai confiar em mim. Acreditar que eu mudei realmente. Para você eu sempre serei o galinha irresponsável que eu era.

Indignado, levanto-me, meu nervosismo me fazendo caminhar de um lado para o outro do quarto.

— Se ponha no meu lugar. Se eu saísse sem te convidar e chegasse em casa de madrugada, o que você pensaria?

— Que aconteceu alguma coisa. Mas nunca pensaria em te deixar.

— Não precisa gritar ok? — Ela baixa a guarda dando sinais de arrependimento, enxergando o quanto agiu erradamente.

— Não sei se consigo viver assim, Anita. Com receio de que você me deixe a qualquer momento.

Os olhos dela se arregalam, se tornando marejados de lágrimas. Parece refletir por um instante antes de levantar-se e vir na minha direção. Tenta me abraçar, mas me esquivo ao contato, pois o calor do seu corpo me impediria de raciocinar claramente e preciso pensar agora. Ter certeza se quero viver na corda bamba, correndo o risco de ser abandonado, a qualquer momento, por causa de bobagens pela única mulher que fui capaz de amar. Talvez fosse melhor terminar tudo agora, para

evitar sofrimento maior no futuro.

— Me desculpa meu amor. Eu quase enlouqueço aqui pensando que você podia ter tido uma recaída e estar nos braços de outra mulher.

— Eu nunca faria isso. — Recordo-me do quanto desejei levar a loira rabuda para um quarto e fodê-la e sou invadido por um sentimento de culpa que não posso evitar.

— Então me diga. Onde você estava? O que aconteceu? Por que não telefonou?

— Você devia ter me perguntado isso antes de decidir partir.

— Estou perguntando agora.

— Fui a uma reunião com a equipe e os patrocinadores, em outra cidade, mas era uma festa quando cheguei lá. Não fiquei por muito tempo e na volta acabou a gasolina do carro. Passei praticamente a noite inteira caminhando na estrada em busca de um posto de gasolina.

— E nessa festa, nada te atraiu? Seja sincero comigo, Victor. Você não viu nada lá que te tentou?

Putá merda! Como ela sabe?

Penso em negar, mas algo dentro de mim me diz que preciso ser verdadeiro com ela, mesmo correndo o risco de perdê-la.

— Sim. — Fito-a fixamente ao falar, para estudar sua reação. — Tinha uma loura e ela se esfregou em mim e eu quis... — Não consigo continuar.

— Quis transar com ela. — Anita completa.

— Sim. Mas resisti à tentação.

Uma lágrima solitária escorre pelo canto do olho dela, sem que desvie seu olhar do meu.

— Está vendo? Nenhum de nós está livre de cometer erros. Você resistiu hoje, mas amanhã pode não resistir mais.

Sem que eu possa evitar, imagino-a saindo pela porta com sua sacola de roupas nas mãos, indo embora para nunca mais voltar e a dor que me invade é quase insuportável. Nesse instante chego à conclusão de que sou incapaz de viver sem essa mulher. Se ela me deixar, levará junto minha razão de viver.

Num impulso descontrolado, corro para ela e a tomo em meus braços, apertando-a de encontro ao meu corpo, afundando o rosto nos seus cabelos perfumados, como se dependesse desse contato para continuar respirando.

Ela não tenta me afastar, todavia, não me abraça de volta.

— Meu amor, me desculpa. Perdoa-me por tudo. Por ter gritado com você, por não ter levado o celular e te deixar pensar besteira, por olhar pra outra mulher. Estou com tanto medo de te perder que chega a doer. Por favor, me diga que não vai me deixar.

Segue-se um longo momento de silêncio, durante o qual o medo passeia pelo meu corpo, até que

pôr fim Anita circula meu pescoço com seus braços, puxando-me mais para si, dizendo:

— Me perdoa também, meu amor, por ter pensado em ir embora. Eu te prometo que isso nunca mais vai acontecer. Nunca mais vou duvidar de você. Confiarei em você de olhos fechados.

— Eu te amo Anita. Nunca me deixa, pois se o fizer minha vida acaba.

— Não vou deixar. Você é minha vida agora.

Agindo como um desesperado, sequioso por senti-la mais intimamente, escorrego meus lábios até os seus, infiltrando minha língua na sua boca, exigindo que ela a chupe, com urgência e ela o faz, ao passo em que o desejo primitivo se alastra por todo o meu corpo, cegando-me para tudo o mais que não a fêmea gostosa em meus braços.

Com um gesto rápido, deito-a sobre a cama, montando-a, sem tempo para mais nada que não rasgar sua camisola de cima abaixo e arrancar sua calcinha com um safanão, deixando sua deliciosa nudez completamente exposta a mim, para em seguida, aninhar meus quadris entre suas pernas e penetrá-la com força. Minha rigidez invadindo a delicadeza da sua carne molhada, escorregadia, quente como o inferno.

As paredes da sua vagina apertam meu pau, palpitando contra ele, como se o mastigassem e isso me deixa doido, quase fora de mim.

Ciente de que isso vai ser muito rápido, puxo meus quadris e meto nela novamente, brutalmente, indo fundo, nossas pélvis se chocando, o som ecoando pelo aposento. Repito o movimento cada vez mais depressa, forte e violento, incentivado pelos gemidos de prazer dela que abafos com minha boca na sua.

Como eu esperava logo o gozo se forma nas minhas entranhas e preciso dele com uma urgência jamais experimentada, como uma forma de aliviar a tensão causada pela nossa discussão. Então me deixo explodir, ejaculando dentro de Anita, meu corpo ondulando, meus espasmos se fazendo no seu canal estreito, meu esperma a enchendo.

Quando tudo termina e volto a mim, dou-me conta de que a deixei sem gozar, não lhe dei o tempo necessário, meu corpo ansiando pelo alívio.

— Ah, Anita. Desculpe-me por isso. Acho que perdi o controle. — Falo minha respiração ainda ofegante.

— Pois é. Acho que você deixou pendências por aqui. — Sua voz é rouca e sussurrada, seu sotaque espanhol ainda mais evidente.

— Mas resolvo isso num instante.

Retirando-me do seu interior, desço a boca pelo seu corpo, abrindo mais suas pernas, apreciando sua intimidade lambuzada pelo meu gozo, que se mistura à sua lubrificação. Fico fascinado com a visão. Seu clitóris rosado está inchado de tesão. Sei que se der uma ou duas lambidas nele ela estará gozando gostoso na minha boca. Então o faço, cubro sua boceta com minha boca, minha língua dançando sobre seu clitóris, que se torna ainda mais rijo. Sei que ela está quase gozando e não resisto, mamando aquele grelinho com vontade, a luxúria louca agindo por mim e, como eu esperava, ela

começa a convulsionar, gemendo altos e sacudindo, gozando lindamente, me deixando de pau duro novamente.

Quando ela fica imóvel, volto a cobri-la com meu corpo, beijando-a demoradamente nos lábios, constatando, mais uma vez o quanto a amo.O quanto é maravilhoso estar assim com ela, como jamais foi ou será com qualquer outra.

— Vamos nos casar hoje. — Falo.Meu coração acelerado no peito.

— O quê? Isso tá muito em cima. — Ela diz sorrindo.

— Não está. Quero que você seja logo minha. Completamente.

— Mas eu já sou sua. Isso que você tá dizendo é loucura.

— Que seja loucura, eu não ligo.

— Por mim tudo bem. Mas temos que avisar seu pai e esperar ele chegar de Douradina.

— Bem lembrado. Daqui a pouco ligo pra ele. Agora vem aqui. Deixe eu sentir essa boquinha gostosa no meu pau...

EPÍLOGO

Anita

Não sei de onde Victor tira tanta energia. Apesar de ter passado a noite em claro, faz amor comigo durante horas e antes de ir dormir dá vários telefonemas, providenciando uma cerimônia de casamento ainda para hoje. Consegue arranjar tudo por telefone e nos casaremos no final da tarde, numa cerimônia burocrática no cartório de Curitiba.

Quando ele pega no sono, tomo um banho, me visto e deixo o quarto. Apesar de já terem tomado o café da manhã, Helena e Apolo me acompanham enquanto tomo o meu na mesa de mármore da cozinha, quando então conto-lhes a novidade.

— Mas isso é loucura. Casar assim sem convidar os parentes. Numa cerimônia triste num cartório. — Helena fala.

— A mamãe está certa. Precisamos de algo maior. Uma festa em Douradina, quem sabe.

— É isso mesmo. Vamos organizar uma grande festa lá em casa. Com a presença de toda a família. Afinal o casamento de Victor é um acontecimento histórico, merece ser comemorado.

— Sim. E eu os casarei de verdade. De acordo com as leis de Deus.

Eles continuam elaborando a cerimônia, sem pedirem minha opinião e chego à conclusão de que teria sido melhor esperar Victor acordar para dar a notícia.

Todavia, estou amando a ideia de ter uma festa de casamento, durante a qual terei a oportunidade de conhecer toda a família de Victor. Como nunca tive uma família de verdade, já que minha mãe me limitou a conhecer apenas meus meios irmãos, fazer parte de uma grande família me parece maravilhoso.

Por volta das duas da tarde, quando desperta do seu sono, Victor se mostra empolgadíssimo com ideia de uma festa de casamento, mas não desiste de realizar as formalidades no cartório. Então, no final da tarde, todos nós vamos ao local e eu e Victor nos tornamos marido e mulher, sendo que ele me promete uma lua de mel para quando pudermos, pois precisamos voltar à aldeia o quanto antes.

No dia seguinte partimos para Douradina, onde Helena se ocupa em organizar uma grande festa, com a ajuda do marido.

Finalmente tenho a oportunidade de conhecer a casa onde Victor e Apolo cresceram. É parecida com as residências existentes nos subúrbios das cidades norte americanas. Uma construção de dois andares, com a fachada branca, janelas e portas caramelo. Não há cercas nem muros, apenas um jardim muito bem cuidado na frente. A rua é calma, quase não passa carros e há um canteiro com árvores dividindo-a em duas vias. Como em toda cidade pequena do interior, pode-se ver crianças

brincando tranquilamente nas calçadas, sem que o perigo as ronde como na cidade grande.

Por dentro a casa é ainda mais linda. Bem dividida em duas salas decoradas com muito bom gosto, uma cozinha grande e bem equipada e quatro quartos no segundo andar. O quintal é amplo, cheio de plantas, com uma piscina no centro e área com churrasqueira.

Confesso que chego a desejar ter uma casa como esta. Onde possa educar os filhos que terei com Victor, da forma que ele e Apolo foram educados. Seria melhor que vê-los crescer em meio ao sofrimento e miséria que presenciamos diariamente enquanto lutamos por nossas causas. Mas isso não passará de um sonho, pois estou comprometida com minha função de missionária e nada me fará abandoná-la.

Dois dias depois, o casamento é realizado no quintal da casa, que ficou ainda mais bonito estando todo ornamentado com flores brancas. Ali foi colocado um pequeno altar onde Apolo realizará a cerimônia. Há também muitas mesas e cadeiras, todas abarrotadas de pessoas que não param de chegar, membros da família e amigos mais próximos.

Helena me ajuda com o vestido de noiva com o qual fez questão de me presentear. Um belo modelo branco, coberto por rendas, colado até os quadris, terminado numa saia rodada. Na cabeça uso uma pequena grinalda cor de prata, sobre os cabelos presos num belo penteado.

É minha sogra quem também faz minha maquiagem, impecavelmente.

É fim de tarde quando me dirijo ao altar, onde Victor me aguarda e está lindo! Usando terno e gravata, como nunca vi antes. O pai dele me conduz pelo percurso, num momento em que meu coração dá saltos no peito de pura emoção.

Não entendo como tudo aconteceu tão rápido. Conheci Victor há pouco mais de um mês e já estamos nos casando. Sem falar que carrego em meu íntimo, a certeza de que é isso que quero. Ele é a minha vida.

Ao contrário do que todos esperamos Apolo está radiante de felicidade quando nos casa. Todos estão.

Após a troca das alianças e dizermos todas as palavras, sou apresentada a todos como o mais novo membro da família.

— Ah, então você é a heroína que colocou juízo na cabeça de Victor. Meus parabéns. Você deve ser mesmo muito especial. — É, basicamente, o discurso que ouço de todos os que sou apresentada.

Em algum momento arranjo um tempo para ir ao quarto e trocar o vestido por algo mais casual, antes de voltar à festa. Aproveitando cada momento desse dia tão feliz, quando eu e Victor passamos a pertencer um ao outro, definitivamente, e que guardarei para sempre em minha memória.

CAPÍTULO BÔNUS

Victor

Beberibe, Ceará, seis meses depois.

Quanto mais olho para ela, mais meu pau estica dentro da sunga, sendo que preciso cobrir meu colo com a toalha felpuda para esconder minha ereção dos demais turistas que se encontram na praia. Estou me segurando para não acordá-la e beijar seus lábios naturalmente rosados, acariciar sua pele delicada, me acabar de prazer no seu corpo delicioso.

Anita está espichada sobre a cadeira de praia ao meu lado, usando um biquíni azul céu pequeno demais para o meu gosto. Tem os olhos fechados e o rosto totalmente relaxado sob os raios fracos do sol desta manhã de verão.

De todos os lugares do planeta, ela tinha que escolher Beberibe para passarmos nossa lua de mel? Uma cidade praiana, onde ela passa a maior parte do tempo usando um biquíni, diante do olhar cobiçoso dos outros homens. Aliás, não sei de onde saem tantos homens. A cidade é pequena, mas está abarrotada deles, para qualquer lado que vamos, Anita é alvo dos seus olhares maliciosos. Ou seria impressão minha? Como ela afirma, estou tendo alucinações por causa do meu ciúme desenfreado.

Isso não importa. Ela é minha e apenas eu tenho o direito de apreciar as curvas do seu corpo. Se eu soubesse que moças evangélicas usam biquíni em público, eu teria influenciado a escolher ir esquiar nas montanhas geladas, em vez de vir para cá. Mas agora é tarde. Estamos aqui e preciso aprender a relaxar e aproveitar o momento, pois temos apenas duas semanas de folga. Logo depois retomarei as aulas na faculdade em Curitiba, onde pretendo concluir o curso de Medicina e, concomitantemente, fazer Teologia.

É estranho estar aqui, em meio a tanta movimentação depois de seis meses morando na aldeia dos Yerês, nosso lar permanente, para onde retornaremos após minha formação acadêmica.

Voltamos para lá logo após nosso casamento e agora que Apolo está totalmente recuperado, assumiu nosso lugar, junto com uma missionária paulistana designada pela igreja na qual congregamos. Espero que ela consiga conquistar o coração do meu irmão e o faça tão feliz quanto eu sou.

Dizem que a felicidade consiste nas coisas simples da vida. Aí está uma grande mentira, pois encontrei a minha verdadeira felicidade ao lado de Anita, conquistando a honra de ser amado por

ela, onde não vejo a mínima simplicidade e sim um enorme privilégio.

Somos plenamente felizes juntos, vivendo na selva, onde nada nos falta, já que o amor que sentimos um pelo outro supre todas as nossas necessidades.

Todavia, nem tudo é perfeito. Um mês após o casamento, Anita parou de tomar anticoncepcional, esperando engravidar, mas ainda não aconteceu. Com sua fé inabalável, ela está decidida a continuar tentando, certa de que receberá essa benção. Apesar do que, às vezes flagro um olhar triste em seu rosto e tenho certeza de que é por causa dessa demora em conceber o fruto da nossa união.

Meus olhos estão sobre os dela no instante em que ela os abre, revelando o azul ainda mais brilhante sob os raios do sol. Ao focar o meu rosto, seus lábios se curvam num sorriso de tirar o fôlego.

— O que há com você? Está tão dorminhoca hoje. — Falo, quando na verdade queria dizer: *“Vamos voltar agora para o hotel, quero te jogar naquela cama e te foder até você gritar de tédio no meu pau”*

— Acho que estou virando vampira e a culpa é sua, por me deixar acordada durante quase toda a noite. Agora tenho que dormir durante o dia.

— Você gostaria que eu te deixasse dormir mais a noite?

Seu sorriso se amplia, um olhar de safada se estampando em seu rosto, fazendo meu pau esticar um pouco mais.

— Não. Gostaria que continuasse exatamente como está.

— Então não reclame.

Ela se mexe sobre a cadeira, sensual como o inferno e, automaticamente percorro meus olhos ao redor, certificando-me de que nenhum marmanjo está cobiçando o que é meu.

— Amor, compra algo pra eu comer. Estou morrendo de fome. — Ela fala, dengosamente.

— Mas nós acabamos de tomar café. — Definitivamente Anita não está normal.

— Eu sei, mas tô com fome de novo. Tente encontrar alguma coisa bem picante.

Hesito uma, duas, três, vezes. Não quero deixá-la aqui sozinha e desprotegida do assédio por parte dos outros homens, mas sou incapaz de negar algo a ela.

Então levanto-me, enrolando a toalha em torno dos meus quadris, para esconder minha ereção que nunca termina. Pego a carteira e dirijo-me a um quiosque aqui perto. Não há muitas opções no pequeno estabelecimento. Tudo consiste em bebidas geladas. Para comer tem apenas salgadinhos e camarões no espeto. Opto por este segundo, pedindo ao atendente para acrescentar bastante limão ao aperitivo, deixando-o picante como Anita quer.

De volta ao lugar onde ela está, entrego-lhe o camarão e sento-me na minha cadeira, observando, atônito como ela come depressa, devorando os dois espetos sem sequer me oferecer.

— Nossa! Você estava mesmo com fome. — Falo estupefato.

— Desculpa não ter te oferecido, mas estava muito gostoso. Você reparou se lá tem mais?

Agora estou começando a ficar preocupado. O que há com ela? Nunca foi de comer tanto assim.

— Acho que tem... Mas você não acha melhor esperar esse aí fazer digestão antes de comer mais?

Ela observa-me em silêncio, até ficar visivelmente constrangida.

— Você tem razão. Melhor esperar um pouco.

Ela volta a recostar sua cabeça na cadeira e fecha os olhos. Está muito quieta quando, de repente, senta-se muito depressa e vomita tudo o que comeu hoje, deixando uma pasta gosmenta sobre a areia branca.

— Por Deus, Anita! O que você tem? — Falo, alarmado, indo ao seu socorro.

— Eu não sei. Fiquei tonta de repente e com náuseas.

— Esse camarão devia estar estragado. Vamos sair daqui. Vou te levar a um hospital antes que faça ainda mais mal.

Ela concorda e recolho nossas coisas depressa, deixando-as no saguão do hotel, de onde pegamos um táxi, ela usando uma longa saída de praia, eu com bermuda, camiseta e chinelos.

Peço ao motorista para nos deixar na melhor clínica particular da cidade, pois não confio em hospitais públicos.

Chegando ao luxuoso prédio, no centro da cidade, Anita é imediatamente encaminhada ao consultório médico, enquanto fico esperando na recepção, o ar condicionado amenizando o calor intenso.

As horas se arrastam lentamente, minha aflição crescendo dentro de mim. Sou capaz de qualquer coisa para ver Anita bem, saudável. Assim como me sentiria destruído se ela estiver gravemente doente. Porém, preciso afastar esses pensamentos e ter fé, ficar tranquilo, como ela ficaria se eu estivesse no seu lugar.

Por fim uma enfermeira sorridente, pede que a acompanhe e me conduz até o consultório do médico, onde encontro Anita sentada à mesa diante dele, me parecendo totalmente saudável.

— Você está bem? — Pergunto, segurando-lhe a mão.

— Me sinto bem. Mas ainda não sei o que tenho. O médico não quis me dizer.

— Isso porque achei mais adequado dar a notícia a vocês dois juntos. — O médico, um sujeito baixinho, com traços asiáticos fala. — Por favor, sente-se senhor Víctor.

Faço o que ele diz, sentando-me na cadeira vazia ao lado de Anita.

— Então, doutor, que doença ela tem? — Estou ficando angustiado.

— Não é doença, senhor Víctor. Sua esposa está grávida. De seis semanas.

Processo as palavras dele e, lentamente, sou invadido pela mais infinita felicidade. Olho para o rosto da mulher que amo e vejo o mesmo brilho intenso em seus olhos azuis, seus lábios curvados no sorriso mais lindo que Deus já criou.

Não há palavras que possam descrever a sensação de vê-la realizando seu maior sonho, tendo seu maior desejo atendido. Só posso dizer que é maravilhoso.

— Parabéns, mamãe. — Falo, a fim de capturar aquele olhar somente para mim.

— Obrigada meu amor. — Sua voz está carregada de emoção e não resisto, a braço ali diante do médico.

— Vocês têm alguma pergunta? — O homem fala, com a intenção clara de nos interromper.

— Quero saber se é uma gravidez normal. Se o bebê está saudável, se vou precisar tomar cuidados extras.

— É uma gestação totalmente normal. Seu bebê está ótimo, saudável. Você precisará apenas fazer o pré-natal, como todas as grávidas fazem. Nem precisa iniciar agora, aproveite suas férias e quando voltar à sua cidade procure um obstetra.

Anita está radiante. Seus olhos brilhando como duas safiras.

— Então vamos indo. — Falo, levantando-me, estendendo a mão ao médico, em cumprimento. — Muito obrigado doutor.

— Não tem do que. Qualquer coisa que precisarem estou aqui. Mas lembro-lhes que as tonturas, a sonolência e os enjôos são totalmente normais.

— Adeus doutor. Obrigada.

Eu e Anita deixamos o consultório de mãos dadas. Antes de sairmos à rua, pago a conta na recepção e voltamos direto para o hotel.

Ao entrar na luxuosa suíte com vista para o mar, ela coloca-se diante do espelho na porta do closet e começa a procurar algum volume na barriga completamente achatada, enquanto sento-me numa poltrona para observá-la.

— Quer comer alguma coisa? — Pergunto.

— Não.

— Acho melhor você descansar.

— Você ouviu o que o médico falou. Estou bem. — Ela faz diferentes posições diante do espelho. — Com quantas semanas será que a barriga começa a crescer?

— Acho que com dezesseis.

— Será que eu vou ficar muito gorda?

— Não faço ideia.

— Se eu engordar muito, tipo virar uma baleia, você ainda vai querer fazer amor comigo?

— Com certeza. Vou adorar comer essa bocetinha quando ela estiver inchadinha. E se ajuda em alguma coisa, eu tô querendo muito comer ela agora.

Anita vira-se para mim e sorri. Seus olhos lindos refletindo uma malícia que me seduz.

— Você não consegue pensar em outra coisa, não é?

— Claro que consigo. Se você quiser, podemos ir caminhar na praia, ou fazer trilha, ou passear de barco...

Estou ficando sem ideias, quando ela corre até mim, atirando-se em meus braços, montando-me, enlaçando meu pescoço, esfregando seu sexo no meu, por sob as roupas.

— Não quero fazer nada disso. Prefiro ficar aqui com você e comemorar.

Sem mais palavras ela cobre meus lábios com os seus, chupando-os, ao mesmo tempo em que esfrega seu corpo no meu. Seus seios no meu tórax, sua pélvis sobre a minha, deixando-me extremamente excitado. O desejo louco correndo solto em minhas veias, se alastrando por todo o meu corpo.

Putá merda! Não consigo entender como uma mulher consegue ser tão gostosa e sensual. Eu sou mesmo um filho da puta sortudo por ter o amor de Anita.

Guiado pelos meus instintos mais primitivos, levanto-me com ela agarrada em mim, suas pernas em torno dos meus quadris, seus braços do meu pescoço e a carrego até a cama, onde a deito confortavelmente e a monto, descansando o peso do meu corpo nos joelhos e cotovelos, esfregando meu pau duro na sua boceta, por sob o tecido das roupas.

— Será que isso não vai fazer mal pro bebê? — Pergunto, preocupado, tentando recordar-me se alguém falou alguma coisa sobre isso durante o pouco tempo que cursei a faculdade de Medicina.

— Ah... Claro que não...

Anita enfia suas mãos sob minha camiseta, acariciando meu corpo, enquanto esfrega mais seu sexo no meu. Parece mais excitada que o normal e isso simplesmente me fascina.

Afastando todos os pensamentos ergo-me para me livrar das minhas roupas, enquanto ela faz o mesmo, ficando totalmente nua diante dos meus olhos sequiosos.

— Você é linda. — Falo, sem me cansar de apreciar sua deliciosa nudez.

— Em breve não serei mais.

— Para mim será sempre, pois amo cada pedacinho do seu corpo, agora mais que nunca.

— Ah, Victor, eu te amo tanto.

— Não mais que eu te amo.

Silenciamo-nos com um beijo sôfrego, demorado, selvagem que termina quando minha boca escorrega através da sua pele macia, cheirosa, gostosa. A ponta de minha língua saboreando-a,

inteira, até alcançar seu sexo. Abro mais suas pernas e contemplo sua boceta linda, carnuda, molhada. Nunca vou me cansar de olhar para ela, de sentir seu cheiro, seu sabor incomparável.

Anita freme quando coloco minha boca ali, enterrando minha língua entre seus grandes lábios, experimentando-a deliciado, para em seguida mamar seu clitóris rosado, inchado de tesão. Seus gemidos roucos deixando-me mais excitado.

Não demora muito para que ela esteja gozando na minha boca, expelindo seus líquidos deliciosos, com os quais me farto antes de levar meu pau até sua boquinha gostosa, montando-a, uma perna de cada lado dos seus ombros, com uma ânsia desesperada por estar dentro dela.

Anita ergue a cabeça para abocanhar meu pau, colocando-o inteiro na boca, a expressão de prazer e lasciva surgindo em seus olhos, que fixam nos meus, de baixo, dando-me a certeza de que satisfará todas as minhas taras.

Movo meus quadris de encontro a ela, fodendo sua boca com meu cacete lambuzado de saliva, indo no fundo da sua garganta, quase a engasgando. Paro quando estou quase gozando.

— Fica de quatro. Quero gozar nessa bocetinha gostosa.

Imediatamente, ela obedece, colocando-se de quatro sobre o colchão, com movimentos sensuais, empinando a bunda diante de mim.

Encaixo-me de joelhos atrás dela, observando seu ânus pequeno, rosado, e é impossível não cobiçá-lo, mas o deixarei para mais tarde, agora quero sua boceta.

Então a penetro, com um gesto muito rápido e violento, um gemido escapando da sua boca. Puxo o pau e meto novamente com mais força, indo mais fundo, sua vagina apertando minha rigidez, engolindo meu cacete, me proporcionando um prazer indescritível, sem o qual eu seria incapaz de viver.

Meto nela repetidamente, cada vez mais depressa, mais fundo, mais duro, até que nossos corpos se contraem ao mesmo tempo e juntos mergulhamos num orgasmo arrebatador, tão gostoso, tão íntimo, tão perfeito, que chego a sentir medo de algum dia ficar sem isso.

Quando meu corpo fica mole, estou pronto para desabar sobre ela, como costumo fazer quando transamos assim, porém lembro-me do seu estado e me retiro devagar do seu interior, deitando-me ao seu lado. Puxando-a para mim, aninhando-a em meu ombro.

— Isso é tão perfeito que chega a dar medo. — Falo, enterrando meu rosto nos seus cabelos para aspirar seu cheiro.

— Não tenha medo. Estaremos sempre juntos e sempre será assim.

— Eu não tenho nenhuma dúvida de que você foi criada para mim.

— E você para mim. — Ela faz uma pausa. — Amor, tô com muita fome.

— O que você quer comer, meu anjo?

— Qualquer coisa que não seja a comida do hotel. Já enjoei o cheiro daquele restaurante.

— Ok, vamos descer. Eu te levo a outro lugar.

Levanto-me, pego uma toalha e vou para o banheiro, Anita me seguindo.

— Não vai ajudar a apressar sua refeição se você ficar aqui enquanto tomo banho. — Falo sob os jatos da água, observando seu delicioso corpo nu, meu pau semi-ereto.

— Não tem problema. Nem estou com tanta fome assim. — Seus olhos sequiosos percorrem minha nudez, detendo-se na minha semi-ereção.

— Então vem cá, me deixa lavar essa bocetinha gostosa.

E mais uma vez, sob a água do chuveiro, nos entregamos ao desejo irrefreável que sentimos um pelo outro, sem que consigamos parar antes que a exaustão nos tome completamente.

Duas semanas depois, voltamos para Curitiba, onde reinicio o curso de Medicina junto com o de Teologia. A indenização que recebi da equipe de Fórmula 1 é o suficiente para nos manter por muito tempo, embora só precise dela até me formar, quando então passarei a ser remunerado pela congregação.

Ao completar nove meses de gestação, Anita dá à luz a um casal de gêmeos, aos quais damos os nomes de Apolo e Helena. Apolo é muito parecido comigo, tem os mesmos olhos cor de mel, os cabelos escuros e um temperamento esquentado. Helena deu mais sorte, tem os olhos azuis de Anita e é tão meiga quanto à mãe.

Ambos estão com três anos de idade, quando voltamos para a aldeia dos Yerês, onde passamos a morar definitivamente, felizes, em meio à natureza que tanto nos agrada.

Anita se responsabiliza também pela educação escolar dos nossos filhos e eu, finalmente, posso usar meus conhecimentos de medicina para ajudar quem precisa.

Viver como missionário não é uma vida muito lucrativa, recebemos da igreja apenas o suficiente para nosso sustento, porém, tudo vale à pena quando sabemos que estamos levando ajuda aos mais necessitados. Seja com a educação que Anita lhes dá, seja com o conhecimento médico, seja com a pregação da palavra. Toda ajuda é importante.

Três meses após tê-la conhecido, Apolo casou-se com a missionária paulistana que foi designada para trabalhar ao lado dele e atualmente estão morando numa aldeia indígena localizada na Guiana Francesa. Pelo menos uma vez a cada seis meses todos nos reunimos em Douradina, para matar as saudades.

A cada dia que passa, eu e Anita nos amamos mais e temos a certeza de que ficaremos juntos para o resto das nossas vidas.

FIM